

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA  
ORGANIZADOR

# CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO



Pantanal Editora  
2021

**Ezequiel Martins Ferreira**  
Organizador

**Configurações do desenvolvimento  
humano**



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora  
Copyright do Texto© 2020 Os Autores  
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora  
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo  
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera  
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora

Edição de Arte: A editora. Imagens de capa e contra-capas: Canva.com

Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – Tec-NM (México)
- Profa. Msc. Lidiane Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG

- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

#### Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

#### Ficha Catalográfica

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C748 Configurações do desenvolvimento humano [recurso eletrônico] / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 199p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-88319-40-6

DOI <https://doi.org/10.46420/9786588319406>

1. Educação – Aspectos sociais. 2. Desenvolvimento humano. 3. Educação inclusiva. I. Ferreira, Ezequiel Martins. CDD 371.9

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.



### **Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).

<https://www.editorapantanal.com.br>

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## **PREFÁCIO**

No atual contexto político educacional que vivemos no Brasil, esta obra é um grito de resistência. A educação brasileira nos últimos anos, sobretudo a educação básica pública tem sofrido enormes ataques com propostas políticas de desmonte da carreira de servidoras/es públicas/os, de sucateamento das escolas públicas o que resulta em uma educação empobrecida, que perde qualidade cada dia mais.

As pesquisas, desenvolvidas ao longo da formação inicial e continuada de autoras e autores aqui presentes, retratam a importância de uma educação de qualidade voltada para o ensino público e pensando uma educação inclusiva, que auxilie na construção do pensamento crítico.

Organizada pelo doutorando em Performances Culturais, Ezequiel Martins, que tem ampla formação nas áreas de Pedagogia, Psicologia e Teatro, atua em diversos setores, como Psicanálise, Educação (Ensino Superior e Educação Básica), a obra reúne resultados de artigos desenvolvidos no ano de 2019 por estudantes da Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade FAN Padrão e suas/seus respectivas/os orientadoras/es.

O livro, organizado com o objetivo de contribuir para as discussões acadêmicas no âmbito da educação, conta com capítulos relacionados aos temas: educação inclusiva, ludicidade, histórias em

quadrinhos, música, abordando assuntos ligados aos mais diversos métodos e técnicas aplicados à educação infantil.

O árduo trabalho de pesquisa, ensino e escrita se mostra aqui presente e traz resultados importantes, atuais, articulados e preocupados com uma educação que seja pública, de qualidade e voltada para a formação cidadã de crianças e adolescentes. Além de ser uma produção textual das pesquisas desenvolvidas, também trazem ampla discussão bibliográfica e embasamento teórico nas mais diversas áreas. Acreditamos na importância da formação inicial e continuada de pesquisadoras/es da educação, bem como em um ensino que seja libertador.

Convido você leitora, leitor a apreciar os diversos capítulos aqui presentes e conhecer mais sobre as pesquisas no âmbito educacional. Que esta obra possa inspirar futuros trabalhos.

Aline Ferreira Antunes

Brasília, novembro de 2020.

## APRESENTAÇÃO

O principal papel da educação é possibilitar ao sujeito que este se desenvolva plenamente em todas as suas potencialidades. Tendo esse papel em vista, este livro se apresenta como resultado de projeto na Faculdade FAN Padrão que se destinou pesquisar sobre as diversas possibilidades de desenvolvimento abarcando as peculiaridades de uma visão de educação inclusiva e metodologias voltadas para o lúdico e as artes em suas contribuições para a aprendizagem e desenvolvimento humano.

Em *Era uma vez...: a magia da contação de histórias no desenvolvimento infantil* encontramos um artigo ilustrando as possibilidades didáticas da contação de histórias dentro do universo infantil e sua importância para o desenvolvimento de várias funções necessárias à infância.

Ainda contando com articulações artísticas, temos em *A música e a afetividade no desenvolvimento infantil* o foco no desenvolvimento da afetividade na fase da Educação Infantil a partir de recursos sonoros. Dentro dessa mesma perspectiva, mas de modo mais teórico, *A afetividade na Educação Infantil* apresenta um vasto panorama da discussão sobre a necessidade de se desenvolver a afetividade na primeira fase da infância.

Avançando da Educação Infantil para os anos que se seguem, temos em *HQs: um caminho para a alfabetização* as possibilidades de articulação com a aprendizagem da leitura por

meio de mídias diversas como as histórias em quadrinhos (HQs) que se mostram mais atrativas para a criança e ainda um importante aliado no processo de alfabetização.

Em *Métodos Ativos Da Educação: Autonomia E Liberdade No Desenvolvimento Infantil* temos a apresentação de alguns métodos ativos, com principal foco no método Montessoriano para pensar para além do ensino tradicional. Já em *A educação: processo basilar na formação do cidadão* a discussão vai para a função de formação social que a educação possui.

O texto *Reflexões sobre uma prática pedagógica inclusiva (TDAH)* apresenta um panorama sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, assim como as contribuições da Neuropedagogia para os alunos com o TDAH.

Espero que tenham uma ótima experiência de leitura e que as reflexões conduzam a novos olhares e descobertas.

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

<b>Prefácio .....</b>	<b>5</b>
<b>Apresentação .....</b>	<b>7</b>
<b>Sumário .....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo I .....</b>	<b>12</b>
Era uma vez...: a magia da contação de histórias no desenvolvimento infantil.....	12
Onde tudo começa.....	15
Vem que eu te conto.....	24
Contando e encantando.....	29
Considerações Finais.....	37
Referências.....	39
<b>Capítulo II.....</b>	<b>42</b>
A música e a afetividade no desenvolvimento infantil .....	42
A afetividade no desenvolvimento da criança.....	44
A música e a afetividade no desenvolvimento da criança.....	58
A música, a afetividade e suas contribuições .....	64
Considerações Finais.....	71
Referências.....	73
<b>Capítulo III .....</b>	<b>76</b>
A afetividade na educação infantil.....	76
As relações que atenuam o ciclo afetivo.....	80
As relações afetivas no processo de ensino-aprendizagem ...	96
O emprego dos fatores que expressam a afetividade o meio escolar.....	100

Considerações Finais.....	103
Referências.....	105
<b>Capítulo IV.....</b>	<b>107</b>
HQS: um caminho para a alfabetização .....	107
Da alfabetização:.....	110
Do letramento:.....	114
Alfabetização e letramento no contexto escolar: .....	117
Processos de alfabetização e letramento anos iniciais do ensino fundamental: .....	119
A linguagem dos quadrinhos:.....	122
A utilização de HQs na alfabetização: .....	123
Considerações finais:.....	129
Referências.....	131
<b>Capítulo V .....</b>	<b>133</b>
Métodos ativos da educação: autonomia e liberdade no desenvolvimento infantil.....	133
O que é ser criança ao longo do tempo?.....	136
Crescimento e desenvolvimento infantil: as quatro fases ....	138
Educação infantil: desenvolvimento dos aspectos cognitivos e sociais.....	140
A liberdade e a autonomia no desenvolvimento infantil .....	145
Métodos ativos da educação: Montessori, Dewey e Decroly .....	149
Considerações Finais .....	156
Referências.....	158
<b>Capítulo VI.....</b>	<b>161</b>
A educação: processo basilar na formação do cidadão .....	161

Desenvolvimento.....	163
Educação: direito assegurado por lei .....	164
Concretização da lei.....	166
A importância do conhecimento científico.....	167
Contribuição da Psicologia no processo de aprendizagem .	169
Professor: instrumento de transformação.....	171
Considerações Finais .....	172
Referências.....	174
<b>Capítulo VII .....</b>	<b>176</b>
Reflexões sobre uma prática pedagógica inclusiva (TDAH) ...	176
Conceito do TDAH .....	178
A criança com TDAH e o aprendizado .....	181
Tratamento .....	183
A importância do professor no processo aprendizagem do educando com TDAH .....	184
A Neuropedagogia.....	188
Considerações finais .....	190
Referências Bibliográficas.....	191
<b>Sobre o Organizador .....</b>	<b>194</b>
<b>Sobre os Autores.....</b>	<b>194</b>
<b>Índice Remissivo.....</b>	<b>197</b>

## Capítulo I

---

# Era uma vez...: a magia da contação de histórias no desenvolvimento infantil<sup>1</sup>

Marly Dos Passos Da Silva  
Me. Ezequiel Martins Ferreira

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Coralina

**Resumo:** Na Educação Infantil, as histórias fazem parte do desenvolvimento físico, psicológico e social das crianças. São momentos únicos de encantamento que interagem com a imaginação e o mundo em que vivem, construindo, desta forma, saberes. E, para entrar em contato com esse mundo de imaginação e encantamento, a criança necessitará de um adulto leitor e que, na maioria das vezes, é o professor que faz esse papel, de mediador entre o livro e o aluno, entre o real e o imaginário. Diante disto, o presente artigo traz como objetivo identificar o processo do desenvolvimento infantil por meio da contação de histórias. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de vários autores renomados, como: Cleo Busatto, Fanny Abramovich, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Nelly Novaes Coelho e Vania Dohme. Durante a pesquisa, foram observados alguns pontos de reflexão que levaram

---

<sup>1</sup>  10.46420/9786588319406cap1

a perceber, como resultado, que a contação de histórias na Educação Infantil é de suma importância para o desenvolvimento da criança e deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar no intuito de estimular a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória e o gosto pela leitura.

**Palavras-chave:** Contar histórias. Desenvolvimento Infantil. Futuros leitores.

A contação de história tem o poder mágico de marcar as crianças, possibilitando inúmeras descobertas do seu eu. E isso só é possível quando o seu coração é tocado de uma forma genuína e amorosa.

O presente capítulo discute a importância do ato de contar histórias no espaço escolar, em particular durante a Educação Infantil, para a formação do futuro leitor. Acredita-se que esta seja uma atividade necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, pois a contação de histórias auxilia na formação humana e, por isso, deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar, a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades, além de contribuir no processo de desenvolvimento e socialização das crianças.

Levar a contação de história às crianças é sustentar o imaginário, é ter várias perguntas respondidas pela curiosidade, é solucionar questões por meio de ideias, é uma possibilidade de

descobrir o mundo intenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos através dos problemas que, de acordo com as possibilidades, vão sendo resolvidos de acordo o personagem de cada história.

Desta forma, contar histórias é um dos meios mais antigos de interação humana, usada por meio da linguagem, para transmitir conhecimentos, estimular a imaginação, a fantasia, os valores morais adquiridos ao longo da vida. Ouvir histórias é um momento tão prazeroso que desperta o interesse de adultos e crianças que são levadas pela imaginação.

Para uma reflexão acerca desse assunto, o conteúdo do presente capítulo será exposto em três subtítulos, a saber: Onde Tudo Começa, no qual o ciclo se inicia no desenvolvimento infantil; Vem Que Eu Te Conto, dando ênfase sobre a importância de contar e ouvir histórias e seus benefícios para os ouvintes; e Contando e Encantando, que dispõe sobre como contar histórias e as técnicas que poderão ser utilizadas pelos professores para tornarem suas aulas mais atrativas.

## **ONDE TUDO COMEÇA...**

O tempo é o campo do desenvolvimento humano.  
Karl Marx

O desenvolvimento humano é um caminho contínuo e progressivo de transformações de cada indivíduo; a infância é o início desta etapa. Para discorrer sobre este assunto, foram selecionados dois autores que pontuam a importância desse desenvolvimento infantil: Piaget e Vygotsky. Enquanto Piaget considera que o desenvolvimento consiste em fases, Vygotsky aponta que o desenvolvimento ocorre por meio das relações e ferramentas socioculturais, ou seja, a criança interage e socializa com pessoas que fazem parte do seu meio social, e que o desenvolvimento infantil é resultado desse convívio social.

Para Piaget, “o desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, contínua, de um estado de menor equilíbrio para o estado de equilíbrio superior” (PIAGET, 1986, p.11).

Segundo o autor, o desenvolvimento se inicia quando a criança nasce e termina na idade adulta; e o corpo humano está em uma progressiva evolução até atingir um nível relativamente estável, ou seja, o adulto é uma criança desenvolvida.

A teoria de Piaget (1986) considera que o desenvolvimento consiste em quatro fases, no que diz respeito à cognição: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.

Para Piaget (1986), o período sensório-motor ocorre desde o nascimento até os dois anos. O que caracteriza este período, em um primeiro momento, são os movimentos involuntários e presença de reflexo como sucção, preensão. Quando a criança se aproxima dos dois anos, ela começa a ganhar consciência dos movimentos. O contato com o meio é direto e imediato, sem representação do pensamento. A criança percebe se ela esticar o braço ela vai conseguir pegar o objeto que está à sua frente. É o momento em que a coordenação motora começa a desenvolver.

De acordo com o autor, o período pré-operatório, que inicia aos dois e vai até os sete anos, é marcado pelo o aparecimento da função simbólica, que é a capacidade da criança de representar a realidade com os próprios pensamentos. Ela pode usar uma caixa de papel e representar um carrinho e fazer o ruído que emite um motor. É a fase típica da Educação Infantil, pois tem uma capacidade aguçada de imaginar, de fazer de conta e de dar vida às coisas. É a fase dos porquês e também o período em que o egocentrismo é bem presente na vida da criança.

Ainda conforme Piaget (1986), os períodos seguintes, o operacional-concreto, que acontece entre os sete e onze anos, e o operatório-formal, a partir dos doze anos adiante, permitem à

criança adquirir a capacidade de pensar abstratamente, criando teorias e concepções a respeito do mundo que a cerca. Estes períodos não interessam especificamente a este trabalho, uma vez que o foco está na Educação Infantil e no desenvolvimento da criança até os cinco anos de idade.

Piaget (1986) relata que o desenvolvimento cognitivo passa antes pelo desenvolvimento biológico. Desta forma, ocorre uma troca com o meio: a criança desenvolve e aprende com suas próprias experiências e não com uma pessoa ensinando. O desenvolvimento infantil pode estabelecer algumas condições e relações, ou seja, quando uma criança não sofre estímulos, ela pode desenvolver certas capacidades futuramente ou simplesmente não desenvolver.

Contrapondo à teoria de Piaget e Vygotsky (1998) relata que o desenvolvimento ocorre pelas relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e o mundo exterior. Tais relações que pode ocorrer dentro do contexto histórico e social, no qual a cultura desempenha um papel fundamental, fornecendo aos indivíduos os sistemas simbólicos de representação da realidade.

Vygotsky (1989) relata que a criança se desenvolve com o meio social:

Primeiro no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores

## Configurações do Desenvolvimento Humano

originam-se das relações reais entre indivíduos humanos (Vygotsky, 1989).

Para este autor, as crianças não são passivas em relação ao seu desenvolvimento e aprendizagem, sendo agente do conhecimento conforme as relações com o meio. Certifica-se que a criança é um ser ativo que pode ser estimulada e desenvolvida o tempo todo.

Segundo Vygotsky (1989), todo sujeito adquire seus conhecimentos a partir de suas relações interpessoais na interação, ou seja, na troca com o meio. Por isso, é chamado de interativo. Ele afirma que aquilo que parece individual na pessoa é na verdade resultado da construção da sua relação com o outro. E que a interação é feita através da linguagem, que realiza uma espécie de mediação do indivíduo com a cultura.

Conforme o autor, a linguagem ocupa um papel central, pois, além de possibilitar o intercâmbio entre os indivíduos, é por meio dela que o sujeito consegue abstrair e generalizar o pensamento. Certifica-se que as funções mentais superiores são socialmente formadas culturalmente e transmitida por meio da linguagem. E, ainda, que uma criança tenha biologicamente o potencial de se desenvolver; se não interagir, não se desenvolverá como poderia.

Vygotsky (1989) relata a importância da linguagem para o desenvolvimento:

## Configurações do Desenvolvimento Humano

A linguagem do meio ambiente, com seus significados estáveis e permanentes, indica o caminho que as generalizações infantis seguirão... O adulto não pode transmitir à criança o seu modo de pensar. Ele apenas lhe apresenta o significado acabado de uma palavra, ao redor da qual a criança forma um complexo, (Vygotsky, 1989).

Segundo o autor, o uso da linguagem como instrumento do pensamento supõe um processo de internalização da linguagem, que ocorre de forma gradual, completando-se em fases mais avançadas da aquisição. Ou seja, primeiro a criança utiliza a fala para se socializar e comunicar, e só mais tarde ela passa a usá-la como instrumento do pensamento, como função de adaptação social.

Vygotsky (1989) salienta que a Zona de Desenvolvimento Proximal a (ZDP) é o espaço existente entre o que a criança é, o que já é capaz de fazer sozinho, e aquilo que ela potencialmente pode ser, desde que seja assistida e aprenda com os outros. É onde entra o professor adulto, ou simplesmente o colega mais experiente do convívio da criança, como parceiros de estradas, que detectarão o seu potencial e a estimularão a se superar e apropriar do que ela é realmente capaz.

Vygotsky (1989) pontua a importância do brincar na Educação Infantil:

O brinquedo cria na criança uma zona de desenvolvimento proximal, que é por ele definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de

## Configurações do Desenvolvimento Humano

desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (Vygotsky, 1989).

O autor enfatiza a importância do brinquedo e das brincadeiras, do faz-de-conta para o desenvolvimento infantil. Quando a criança coloca várias cadeiras, uma atrás da outra, dizendo que se trata de um trem, percebe-se que ela já é capaz de simbolizar, pois as cadeiras enfileiradas representam uma realidade ausente.

E, assim, fica claro o papel do professor como o mediador entre a criança e o mundo. Um parceiro mais experiente é um descobridor da ZDP do aluno e o ajuda a interagir consigo e com os outros e, desta forma, atingir o que é de direito, não o melhor além do outro, mas o melhor de si mesma, explorando todo o seu potencial.

Ao refletir sobre a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, deve-se recorrer ao artigo 29 da Lei e Diretrizes Bases da Educação (LDB), que expressa com muita clareza a finalidade da Educação Infantil: “A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

A Educação Infantil visa uma formação global do indivíduo, em quatro aspectos: físico, psicológico, intelectual e social. Dessa

forma, a criança vai se desenvolver a coordenação motora, os movimentos, os estímulos do pensamento e raciocínio e poderá socializar e potencializar a sua interação com o meio.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018) vem ao encontro deste pensamento, ao traçar os caminhos que devem ser percorridos e os campos de experiências que devem ser desenvolvidos na Educação Infantil.

Na primeira etapa da Educação Básica, e de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil (interações e brincadeira), devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver. Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se. Considerando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a BNCC estabelece cinco campos de experiências, nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver. Em cada campo de experiências, são definidos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento organizados em três grupos por faixa etária. O eu, o outro e o nós corpo, gestos e movimentos, traços, sons, cores e formas, escuta, fala, pensamento e imaginação, espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BRASIL, 2018).

Dessa forma, a Educação Infantil, no texto da BNCC (2018), assegura os cinco campos de experiência: O Eu, o Outro e Nós, Corpo Gestos e Movimentos, Traços Sons Cores e Formas, Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação, Espaço, Tempo Quantidades, Relações e Transformações, que devem ser desenvolvidos.

Certifica-se que o primeiro campo de experiência, O Eu e Outro e Nós, surge de percepções do eu sobre os outros, desenvolvendo na criança a autonomia, cuidado, a reciprocidade e a interdependência. O objetivo principal desse campo de experiência é valorizar a identidade da criança, o respeito ao outro e reconhecer as diferenças que a constitui como ser humano.

Dentro do segundo campo de experiência, Corpo Gestos e Movimentos, as crianças usam o corpo por meio dos seus gestos e movimentos para explorar todo o universo ao seu redor, seja ele o universo social ou universo cultural. É nesse campo de experiência que as crianças desenvolvem o conceito de integridade física, ampliação dos movimentos por meio do corpo, como sentar, engatilhar, saltar, escalar e outros.

O terceiro campo de experiência, Traços, Sons, Cores e Formas, traz como objetivo principal fazer com que a criança vivencie diversas formas de experiências, por meio da pintura, colagem, fotografia, música, teatro e a dança. Certifica-se que, por meio dessas vivências artísticas, a criança consiga construir a sua própria bagagem cultural e artística.

O quarto campo de experiência, Escuta Fala, Pensamento e Imaginação, objetiva materializar a prática pedagógica dos educadores, por meio das cantigas de roda, do ouvir a leitura de diversos gêneros, como a contação de história. Tem como finalidade estimular o gosto pela leitura, desenvolvendo a imaginação,

ampliando o vocabulário e, principalmente, o conhecimento de mundo delas. O objetivo desse campo é fazer com que a criança compreenda a escrita enquanto representação da oralidade de uma maneira natural.

É importante pontuar que, no texto da BNCC (2018), a Educação Infantil não prepara o aluno para a alfabetização. O foco da Educação Infantil é o pleno desenvolvimento da criança.

Sendo assim, o quinto campo de experiência é o Espaço, Tempo, Quantidades, Relações e Transformações. Nesse campo, deve-se considerar que as crianças vivem em tempo e espaço diferentes. Deve-se explorar a curiosidade que as crianças têm acerca do mundo em que vive. Vale lembrar que, nesse campo de experiência, é importantíssimo que o professor perceba que o aluno vive tanto no mundo físico quanto no mundo sociocultural. Certifica-se que, neste campo, a criança começa a desenvolver as noções de matemática, como contagem, sequenciação, noções de perto, longe, para frente e para trás.

As interações e brincadeiras na Educação Infantil devem se fazer presentes. E o professor da Educação Infantil deve incentivar, aguçar a curiosidade da criança, potencializar a imaginação e a fantasia, interagir e conviver com o meio. É a fase da experimentação das crianças.

## VEM QUE EU TE CONTO...

Conte-me e eu esqueço. Mostre-me e eu apenas me lembro. Envolve-me e eu compreendo.

Confúcio

A contação de história tem um poder mágico de envolvimento com as crianças, pois é brincar, com versos, com rimas ou simplesmente com palavras. O ato de ouvir histórias é tão envolvente que aguça o paladar, o olfato, a visão, porque ela vai além do real. O encanto de “Era uma vez...” é uma arte muito linda, pois, além de mostrar novos horizontes, ela pode ampliar o desenvolvimento infantil.

Abramovich (1997) pontua que o primeiro contato que a criança tem com esse mundo imaginário acontece pela oralidade, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, que conta belíssimas histórias, como trechos da Bíblia, contos, parlendas ou, simplesmente, história inventada.

Segundo a autora, o ato de ouvir histórias é algo muito prazeroso, remete a lembranças do passado, pois eram histórias contadas durante o dia, numa tarde chuvosa, num feriado ou na hora de dormir, como um momento afetuoso e aconchegante.

Coelho salienta que “o ato de contar história na Educação Infantil é como uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral” (Coelho, 2006).

Para a autora, por meio da contação de histórias, pode-se levar as crianças a viajarem no tempo e reproduzirem o seu mundo de fantasia, contribuindo para o seu desenvolvimento. A arte de contar história deve se fazer presente, pois pode fazer com que elas criem e recriem, estimulando a sua mente ao novo.

Segundo Dohme, “as histórias são bastante úteis para trabalhar os aspectos internos da criança” (Dohme, 2005). Para ela, a contação de história é uma ferramenta muito significativa nesse processo, que pode desenvolver os seguintes aspectos: imaginário, caráter, raciocínio, senso crítico, criatividade e formação de valores.

Ainda de acordo com a autora, no imaginário, as crianças ouvem atentas à contação de histórias e, com isso, conseguem acompanhar mentalmente. Conseguem situar-se no enredo dos personagens, podendo viajar pelo tempo e espaço, sendo capaz de dialogar com os personagens das histórias, ora estando na floresta indo pra casa da vovozinha ou dormindo na casa dos sete anões. O estímulo da imaginação traz um grande aproveitamento para as crianças, pois ela tem uma necessidade muito grande de imaginar. O ato de contar história não é simplesmente um passatempo, é uma ferramenta que auxilia na formação da personalidade da criança, possibilitando uma suposição do acontecimento.

Dohme (2005), sobre a formação do caráter das crianças, afirma que a contação de história vem de uma forma de direcionamento, para que as crianças possam, por meio das

histórias, perceber que o bem prevalece sobre o mal. São ensinamentos que as crianças precisam internalizar para poderem refletir sobre suas vivências diárias e tomar as decisões corretas quando for necessário. Com isso, a criança passa a obter um referencial de junção dos seus próprios valores.

Abramovich (1997) ressalta a importância de trabalhar as emoções nas crianças por meio da contação de história.

É ouvindo as histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (Abramovich, 1997).

Segundo Abramovich (1997), na construção e formação do caráter da criança, é importante ela sentir essas emoções que as narrativas proporcionam de uma forma significativa.

Corrobora Dohme (2005) ao apontar que, para o desenvolvimento do raciocínio e o senso crítico da criança, é importante que a contação de histórias tragam enredos intrigantes, que instiga a criança a pensar, a refletir sobre as possibilidades do dia a dia, sobra de que maneira ela poderia resolver aquela situação, possibilitando a agitação do raciocínio que as acompanham mentalmente e sempre se interrogando.

A contação de história viabiliza a criança a olhar de uma forma significativa a realidade da sociedade que se vive, fazendo apontamentos sobre as situações do meio, e que veja os dois lados de uma mesma moeda, por assim dizer, pois assim irá construir uma personalidade ativa.

Para a autora, a criatividade está ligada diretamente ao acúmulo de referências que cada um possui, e a contação de história viabiliza essas referências à criança. É importante se atentar que essas referências não são aquelas apresentadas a elas prontas, de forma conceitual ou visual, mas que possam instigar o seu próprio raciocínio e imaginação.

Abramovich (1997) confirma que o ato de “ouvir muitas histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o retratar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo a mesma história” (Abramovich, 1997). Quando o professor contador narra uma história para as crianças, ele pode pedir a elas que façam um desenho da cena que mais gostou ou simplesmente relatar, pois essas emoções semeiam a imaginação e estimulam a criatividade da criança.

Dohme (2005) salienta a importância dos valores no desenvolvimento: “os valores são fundamentais universais que reagem à conduta humana. São elementos essenciais para viver em constante evolução, baseado no autoconhecimento em direção a

uma vida construtiva, satisfatória, em harmonia e cooperação com os demais” (Dohme, 2005).

A autora relata que a contação de histórias é uma ferramenta de excelência, pois transmite os valores para a criança, direcionando-as para as atitudes corretas, uma vez que as crianças têm dificuldade em refletir sobre situações abstratas.

A história tratará este referencial, transformará o abstrato em concreto. Toda vez que Pinóquio dizia uma mentira, o seu nariz crescia. A cigarra cantou no verão, mas chorou no inverno. Na história de Mogli, o povo macaco sem lei e sem disciplina aparentemente só brincava, mas padecia fome e doenças. A perseverante e lenta tartaruga venceu a lebre (Dohme, 2005).

Desta forma, autora reforça que o ato de ouvir história direciona a criança para o entendimento do abstrato para o concreto, levando a elas ricas experiências e aumentando positivamente o relacionamento social. Certifica-se que a contação de histórias ensina as crianças a crescer e pensar nas suas atitudes.

Para Abramovich (1997), “ouvir histórias é um acontecimento muito prazeroso que provoca o interesse das pessoas em todas as idades” (Abramovich, 1997). Se até mesmo os adultos gostam muito de ouvir uma boa história, a criança é capaz de se encantar por elas e gostar ainda mais, já que sua capacidade de imaginar e de viver em um mundo do faz-de-conta é mais abundante.

A contação de história tem o poder de colaborar com o desenvolvimento infantil devido a seu aspecto lúdico, levando a criança a potencializar o imaginário, o caráter, o raciocínio, o senso crítico, a criatividade, a formação de valores e ainda contribuir para processo de socialização. Contar história para criança deve ser um ato constante e prazeroso, tanto para o contador quanto para o ouvinte, para que, juntos, tenham uma conexão e criem um clima de envolvimento e encantamento.

## **CONTANDO E ENCANTANDO...**

Quando eu ainda não sabia ler. Brincava com os livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo.

Cecilia Meireles

O contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que os pais imaginam, pois, mesmo que a criança não saiba ler, ela percebe, desde muito cedo, que o livro é bom, que dá prazer. Elas interessam pelas cores, formas e figuras. Sendo assim, fica evidente a importância de ouvir e contar histórias para as crianças desde cedo, pois eleva seu potencial cognitivo a desenvolver mais rápido para leitura e escrita.

Abramovich (1997) vem ao encontro deste pensamento e ressalta essa importância de ouvir histórias na formação de futuro

leitores: “É importante para a formação da criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (Abramovich, 1997).

Segundo a autora, por meio do estímulo à leitura, a criança adquire significados importantes para sua qualidade de vida, propondo um resgate da autoestima e do autoconhecimento, superando suas dificuldades e limitações.

Desta forma, Abramovich (1997) confirma que a contação de histórias nesse universo escolar tem como finalidade conduzir a criança na arte da boa leitura, na compreensão daquilo que lê, da pronúncia e articulação, no enriquecimento do vocabulário, despertando o senso crítico, facilitando, com isso, os meios de expressão da fala e escrita, bem como proporcionar um crescimento cultural, despertando valores éticos, morais e espirituais no aluno.

Para Coelho (2006), o ato de contar histórias em sala de aula é também promover uma reflexão sobre a educação. A autora afirma que “alguns distraídos não perceberam que a verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância” (Coelho, 2006).

De acordo com a autora, o caminho para se chegar a esse nível é a literatura, em especial a infantil, pois ela tem uma tarefa

muito importante: a de estimular o senso crítico dos alunos que estão inseridos em uma sociedade em constante evolução.

Coelho (2000) vê a literatura infantil como:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (Coelho, 2000).

De acordo com a autora, quando a criança se interessa pela leitura, sua imaginação é estimulada, há um desenvolvimento comunicativo na interação com o narrador, com os colegas e na interação sociocultural; ajuda ainda no seu desenvolvimento físico-motor, no seu esforço de ouvir e recontar as histórias para outras crianças.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para o Ensino Infantil (RCNEI) ressalta a importância do papel do professor para formação de futuros leitores:

[...] os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias [...]. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiem a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros, feita pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava-línguas etc. Propiciar momentos de reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da

## Configurações do Desenvolvimento Humano

história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos com ou sem ajuda do professor (BRASIL, 1998).

No texto do RCNEI, o professor, como mediador na Educação Infantil, deve incentivar as crianças a ouvir e contar histórias, contribuindo para o seu desenvolvimento pleno. Quando os professores leem histórias para seus alunos, colocando-os como personagens, despertam novas ideias e conhecimento. As crianças, ao ouvir histórias, elas elaboram hipóteses para a resolução de inúmeros problemas, buscando alternativas para transformar a realidade.

O professor que pretende ser um bom contador de histórias deve desenvolver alguns passos importantes.

Segundo Busatto (2012), o primeiro passo é o envolvimento, pois a história contada para o público infantil não permite improvisos. Por isso, o processo de estímulo e incentivo para se contar uma história são inúmeros, mas sua eficácia depende de como o contador os utilizará. Não há fórmulas mágicas que substituam o entusiasmo do contador e a magia do “Era uma vez...”.

A autora ressalta como esse ato de contar de histórias é envolvente:

O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra. O contador de histórias empresta o seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para ser se tornar significado. O

## Configurações do Desenvolvimento Humano

contador de história faz sonhar porque consegue parar o tempo nos apresentando outro tempo. O contador de história, como mágico, faz aparecer o inexistente, e nos convence que aquilo existe. O contador de história atua muito próximo da essência, e essência vem a ser tudo aquilo que não se aprende, aquilo que é por si só (Busatto, 2012).

Segundo a autora, o contador de história tem que ter essa sensibilidade e criar uma conexão com o ouvinte. Contar história é uma arte, pois traz significações ao propor um diálogo entre as diferenças dimensões de ser. O ato de ouvir histórias tem tanta força, que a criança se transforma de ouvinte para narrador, pois os dois andam juntos na trilha do enredo, em que ocorre tanta sensibilidade, a ponto de ambos esquecerem o ambiente em que estão e serem envolvidos pela imaginação, pelos personagens e acontecimentos.

A autora Busatto (2012) ressalta que o segundo passo é entrega com o coração a esse momento para atingir o potencial.

Se quisermos que a narrativa atinja a sua potencialidade, devemos, sim, narrar com o coração, o que implica em estar internamente disponível, para isso doando o que temos de mais genuíno, e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade. Ao contar doamos o nosso afeto, a nossa experiência de vida, abrimos o peito e compactuamos com que o conto quer dizer. Por isso, torna-se fundamental que haja uma identificação entre o narrador e o conto narrado (Busatto, 2012).

Segundo a autora, se o professor quiser que a narrativa atinja toda a sua potencialidade, deve narrar com o coração, o que implica

em estar internamente disponível para isso, doando o que tem de mais genuíno e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade.

O terceiro passo, conforme a autora Abramovich (1997), é a escolha da história, que, muitas vezes, necessita de algumas adaptações verbais para facilitar o entendimento e a compreensão. Requer, portanto, uma seleção inicial, levando sempre em conta o ponto de vista literário, a faixa etária, o interesse dos ouvintes e suas condições socioeconômicas.

Contar histórias é uma arte...é tão linda!!! É o que equilibra o que é ouvido com que é sentido, e por isso é não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmonioso da voz. Daí que, quando se vai ler uma história, seja qual for, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que está na estante... (Abramovich, 1997).

De acordo com a autora é necessário ter muita cautela nesse momento, pois a escolha do livro deve ser adequada tanto ao ouvinte como ao narrador, pois se a história não despertar sensibilidade, emoção, o narrador não contará com sucesso, pois é necessário ter emoção ao narrar.

Desta forma, conforme Abramovich (1997), o bom leitor de histórias infantis tem que ter a sensibilidade de saber dar pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário da criança, para que ela possa construir o seu cenário, visualizando seus monstros e suas princesas. Certifica-se que é importante conhecer

primeiramente o que será contado, sabendo como trabalhará a fala e as características dos personagens, introduzir os sons e vozes dos animais numa história contada com a participação ativa das crianças.

Segundo Abramovich (1997), o quarto passo é usar modalidades e possibilidades, dando vida aos personagens por meio da voz. É necessário dramatizar a história trabalhada:

Ah, é bom saber usar as modalidades e possibilidades da voz: sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma... Ah, é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvidas, e usar humoradamente as onomatopeias, os ruídos, os espantos [...] (Abramovich, 1997).

Conforme a autora, o professor contador de história tem que incorporar os personagens de uma forma que aquele momento leve os alunos ao mundo da história para vivenciar o que está inserindo. Desta forma o professor deve internalizar os personagens, valorizando os momentos da história, dando tempo de cada um imaginar as suas possibilidades, vivenciar e assumir sua posição.

O quinto passo, de acordo com RCNEI, é a apresentação de como deve ser organizado o ambiente no momento da contação de histórias: “A organização do espaço físico deve ser aconchegante, com almofada, iluminação adequada e livros, revistas etc.,

organizados de modo a garantir o livre acesso às crianças” (BRASIL, 1998).

Conforme RCNEI, ao contar a história na escola, o professor deverá ter o cuidado ao preparar um ambiente adequado, de modo que a criança associe o ambiente ao momento da história. Esse ambiente deve conter vários livros, ser agradável e tranquilo. Esse é o local em que o narrador poderá utilizar os mais diversos recursos para contar histórias, como, por exemplo: uso do próprio livro, gravuras, fantoches, marionetes, avental, fantasia e também pode pedir que as crianças fechem os olhos no momento da contação de história, criando sensações de vento com um ventilador, de odor com spray, de chuva com borrifos de água. Enfim, o professor narrador tem inúmeras ferramentas que podem ser utilizadas no momento da contação de história.

Dessa forma, o ato de contar história precisa estar presente nas práticas diárias dos professores de modo convicto, concreto e contextualizado. De oportunizar às crianças momentos de aprendizado e prazer por meio da contação de histórias. Portanto, os professores devem estar dispostos a inserir a contação de histórias em seu planejamento de aula, apontando a contação de história como um recurso pedagógico de extrema importância para o desenvolvimento infantil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.  
Paulo Freire

A contação de histórias é de suma importância na Educação Infantil, para que os pequenos leitores de agora se tornem futuros leitores. Acredita-se que é necessário que a prática da contação de histórias esteja inserida no ambiente familiar, desde o nascimento da criança, e que seja incentivada no âmbito escolar para proporcionar um melhor desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo.

Então, defende-se que a contação de história no contexto escolar deve servir não somente como um meio para distração, mas também como um recurso pedagógico significativo no desenvolvimento dos alunos. A literatura vem para contribuir para aquisição de conhecimento.

Desta forma, a BNCC ressalta que é possível desenvolver a contação de história nos cinco campos de experiências: *O Eu, o Outro e Nós, Corpo Gestos e Movimentos, Traços Sons Cores e Formas, Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação, Espaço, Tempo Quantidades, Relações e Transformações*, e que eles dialogam entre si e com o mundo exterior, trazendo situações do cotidiano da criança. Sendo assim, o professor que desenvolve essa prática de contar história no contexto escolar estará norteado pelo documento itinerário, que é a BNCC, que viabiliza várias possibilidades de trabalhar o imaginário, as

diferenças, a criatividade, a relação com o meio, o gosto pela leitura, a curiosidade e a vivência das experiências.

Portanto, a BNCC aponta os caminhos a serem percorridos pelo professor ao promover a contação de histórias, podendo levar as crianças a viajarem no tempo e reproduzirem o seu mundo de fantasia, contribuindo para o seu desenvolvimento. Então, não existem fronteiras entre os campos de experiências, pois eles devem ser trabalhados em uma perspectiva interdisciplinar, inserido pela arte da contação de histórias.

Entende-se que o professor deverá adotar algumas técnicas de contação de histórias para que esse momento se torne mais atrativo e prazeroso. Por isso, o professor deverá planejar, organizar, construir e reconstruir suas práticas, para que o objetivo seja alcançado. Desse modo, o aluno terá um maior desenvolvimento e o professor perceberá nitidamente o enriquecimento do mesmo.

Sendo assim, ressalta-se o papel mediador do professor entre o livro e o aluno, e a grande responsabilidade de despertar o prazer pela leitura. Assim, o professor, ao fazer o uso da contação de histórias como uma ferramenta pedagógico, deverá ficar atento à idade das crianças e a compatibilidade com a história a ser contada e se o ambiente está organizado adequadamente. Deve também perceber se há interesse pela história escolhida e também quais os recursos poderão despertar a imaginação e o interesse da criança.

Dentro desse contexto, defende-se o uso de recursos no ato de narrar a história de forma dinâmica e criativa, para facilitar o entendimento e também para enriquecer esse momento encantador, pois percebe-se que o uso adequado dos recursos no ato de contar histórias enriquece a história e desperta a imaginação de quem escuta.

Por fim, o emprego da contação de histórias dentro do ambiente escolar, especificamente na Educação Infantil, deve ser uma atividade que propicie sentimentos, emoções e aprendizado, necessitando uma ação planejada e sistematizada, com o objetivo de desenvolver a criança de forma integral, tornando-a um indivíduo crítico, criativo, consciente e produtivo, que consiga finalizar a sua história com o “felizes para sempre”.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Abramovich F (1997). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione.
- Busatto C (2012). *Contar e Encantar: pequenos segredos da Narrativa*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BRASIL (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL (1996). *Lei 9.394/1996. Lei de Diretrizes e base da Educação Nacional*. Brasília: Mec.

- BRASIL (2018). Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica.
- Coelho NN (2006). Literatura infantil: teoria – análise – didática. São Paulo: Ática.
- Coelho NN (2000). Literatura infantil. São Paulo: Ed. Moderna.
- Coralina C (1993). Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. São Paulo: Global.
- Dohme V (2005). Técnicas de contar Histórias. São Paulo: Ed.
- Meireles C (1983). Obra poética. 3 ed. Vol. Único. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.
- Marx K (1974). Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores).
- Piaget J (1986). Seis estudos de psicologia. Trad. Maria A.M. D'Amorim; Paulo S.L. Silva. Rio de Janeiro: Forense 146p.
- Freire P (1996). A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 32 ed. São Paulo: Cortez, Coleção Questões de Nossa Época; v.13.
- Shaffer DR, Kipp K (2012). Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência. São Paulo: Cengage Learning.
- Vygotsky L (2007). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky L (1989). Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

## Configurações do Desenvolvimento Humano

## Capítulo II

---

# A música e a afetividade no desenvolvimento infantil<sup>2</sup>

Rosimere Campos Da Costa  
Me. Ezequiel Martins Ferreira

**Resumo:** Nortear-se-á, neste artigo, a importância da música e da afetividade como componentes contribuintes no processo de desenvolvimento da criança na Educação Infantil. A música faz parte da vida dos seres humanos ainda no ventre da mãe. Neste ponto, como a escola é o primeiro contrato social, ou um dos primeiros que a criança tem na sua vida, é imprescindível que elas vivenciem essa e todas as outras formas de arte. A afetividade também desempenha um importante papel no desenvolvimento das crianças, devido à sua grande influência na vida dos humanos. Esse artigo, de caráter exploratório referente ao tema “A música na Educação Infantil”, exigiu uma pesquisa bibliográfica pertinente ao tema e em documentos como o RCNEI, a LDB e a BNCC. Compreende-se que a música é importante na Educação Infantil, e o uso dessa ferramenta de maneira adequada, o pedagogo consegue contribuir para o desenvolvimento das crianças de uma maneira prazerosa e lúdica. Os resultados mostram que é fundamental entender que, entre a música e a afetividade, existem grandes contribuições no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

---

<sup>2</sup>  10.46420/9786588319406cap2

**Palavras-chave:** Música. Educação Infantil. Desenvolvimento. Afetividade.

A presente pesquisa norteia a importância da música e da afetividade na Educação Infantil como componentes contribuintes no processo de desenvolvimento da criança. A música faz parte da vida dos seres humanos desde quando se encontram no ventre de suas mães. Já a afetividade, de acordo com Wallon (2007), está presente na vida dos seres humanos desde o seu nascimento, por serem frágeis e a sua falta de proteção ser biológica.

Esta pesquisa sobre a música e a afetividade na Educação Infantil foi realizada tendo como fundamentação teórica alguns autores como: Teca de Alencar de Brito (2003), Vera Lúcia Pessagno Brécia (2003), Edna Vieira e Eliene Leão (2006), Carolina Cao Ponso (2014), Henri Wallon (2007), Heloísa Dantas (1992), Abigail Alvarenga Mahoney (2000), dentre outros. São autores que compreendem que, tanto a música quanto a afetividade, trazem grandes benefícios para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Desse modo, é possível entender os aspectos auxiliares que a música favorece para as crianças da Educação Infantil, assim como, certificar a sua importância no desenvolvimento das crianças e suas contribuições na afetividade.

É notório o quanto a música está presente no nosso cotidiano e que, por meio do Estágio tanto na Educação Infantil

como no Ensino Fundamental, foi possível ter uma experiência muito prazerosa referente à música utilizada em sala de aula, como os alunos se desenvolveram em seu aprendizado e no seu desenvolvimento, como eles interagem juntos e também se socializar, e criar laços afetivos entre eles.

A música é um elemento crucial na vida dos indivíduos, pois permite ouvir, apreciar e compartilhar; porém, poucos sabem da sua relevância e o que a música pode contribuir para o desenvolvimento das crianças. Segundo as autoras Vieira e Leão (2006), a música proporciona grandes contribuições na vida das crianças: “A música, pelo efeito e riqueza sonora fundamentais, no desenvolvimento de aptidões e a capacidades musicais, pode proporcionar às crianças o exercício do equilíbrio, da atenção, aproximando-os do cotidiano, possibilitando a melhor compreensão” (Vieira; Leão, 2006).

Nesse ponto, é notório que a música e a afetividade são parte integradora no cotidiano das crianças na Educação Infantil, pois a música e a afetividade no âmbito escolar oferecem à criança contribuições significativas em seu desenvolvimento.

## **A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Atualmente, a ciência tem conduzindo seus olhares para o considerável prestígio da afetividade no comportamento humano. Com base nessa abordagem é que se fazem as ênfases nas interações

sociais, ressaltando-se no papel decisivo do outro, em seu desenvolvimento e na formação do sujeito. É no fortalecimento dessas teorias que se fundamentam uma visão mais entregadora dos seres humanos, sendo a afetividade um dos temas centrais das obras de Wallon.

É preciso conceituar a afetividade para poder compreendê-la melhor e a sua devida função na vida dos seres humanos. Segundo Mesquita e Duarte, a afetividade então é um “conjunto de reações psíquicas de um indivíduo: sentimentos, emoções e paixões” (Mesquita; Duarte, 1996).

À vista disso, consegue-se compreender que a afetividade tem sua importância na vida dos indivíduos, desenvolvendo neles uma série de reações psíquicas, como expressar suas emoções, sentimentos e paixões.

Heloisa Dantas, uma estudiosa das obras de Wallon, relata que, “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento” (Dantas, 1992). Desse modo, vê-se que a afetividade ocupa uma dimensão central e, devido a isso, ela tem sua importância na vida das pessoas, em especial na vida das crianças, pois é nessa fase que elas estão se desenvolvendo e aprendendo.

Neste ponto, a afetividade relaciona-se às competências, à predisposição dos seres humanos de serem afetados pelo mundo externo e interno, diante de suas emoções e paixões, vinculadas a

elementos agradáveis ou desagradáveis que são vivenciados pelos seres humanos a partir do seu nascimento.

Para Wallon, a afetividade tem uma função comunicativa nos primeiros meses de vida da criança, essencialmente por meio de impulsos emocionais, construindo, assim, as primeiras relações da criança com o mundo.

De acordo com Wallon, a afetividade engloba as raízes biológicas, porém, ao mesmo tempo, sua função é social. Percebe-se que ela possui componentes que afetam o ser humano de uma maneira ou de outra. Todos são afetados por componentes externos como, por exemplo, o olhar do outro, um objeto que atrai a atenção; ou por fatores internos, como a sede, a fome e as lembranças.

Portanto, percebe-se que a afetividade afeta os seres humanos a todo momento, positiva ou negativamente, por fatores externos ou internos. Segundo Mahoney, existem algumas contribuições oferecidas pelo conjunto afetivo na formação do sujeito:

Oferecer as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão, que são os sinalizadores de como o ser humano é afetado pelo mundo interno externo. Essa condição de ser afetado pelo o mundo estimula tanto o movimento do corpo como a atividade mental (Mahoney, 2004).

A afetividade desempenha um crucial papel por atuar diretamente e indiretamente no desenvolvimento dos seres humanos, ao fazer com que eles, por meio da afetividade, expressem

seus sentimentos, suas vontades, seus desejos, suas emoções e paixões.

Em relação à educação, a afetividade também exerce papel fundamental, pois as crianças são ainda mais suscetíveis às demonstrações de afeto. E, se estas demonstrações forem positivas, as crianças terão mais autonomia, tornando-se mais capazes de resolver problemas e conflitos do cotidiano. Além disso, elas também se tornam mais socialmente participativas e conseguem interagir melhor no meio em que estão inseridas.

De acordo com Wallon (2007):

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mais precisamente, ao contrário, porque se dirigirem, à medida que desperta, automatismo que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental (Wallon, 2007).

Wallon afirma que a afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento e são fundamentais para o equilíbrio das estruturas nervosas autômatas, que são de ordem íntima e que resultam, de alguma forma, em suas atitudes e seus modos de sentir. Para o pensado, ao nascer, as crianças são frágeis e, como seres orgânicos, a falda de proteção é biológica, exigindo que outros seres cuidem delas. Portanto, essas condições de dependência

caracterizam-se nos dois primeiros anos de vida. Assim, a sua primeira relação com o mundo se dá pela emotividade, quando o bebê chora ou grita, sensibilizando os adultos para atenderem suas necessidades.

A presença do outro garantirá não só a sobrevivência física, mas também a sobrevivência cultural pela transmissão de valores referentes a técnicas, crenças, ideias e afetos predominantes na cultura. Isso se fará gradualmente por meios de recursos intelectuais de que a criança dispõe a cada momento. (Mahoney; Almeida, 2000).

Segundo Mahoney e Almeida, compreende-se que há uma necessidade de todos os seres humanos dependerem uns dos outros para que possam se desenvolver. Principalmente as crianças, pois estas se encontram em um processo de desenvolvimento.

Nesse ponto, a afetividade também irá ocasionar para as crianças sua formação integral, proporcionando a sua formação afetiva, intelectual e também social. Compreende-se, um pouco, de que maneira a afetividade é primordial na vida dos seres humanos, e principalmente das crianças, pois elas se encontram em um percurso de desenvolvimento.

Nem sempre se deve ver a afetividade como um simples contato físico, pois a afetividade tem procedência nas sensibilidades internas. A afetividade é um componente que está em permanente ação, devendo ser entendida como uma emoção também.

Mediante a essa interação com o meio adulto, a criança integra um estado de total sincretismo para uma progressão da evolução de distinção, na qual a afetividade se encontra existente, mediando o convívio entre a criança e o outro, estabelecendo elementos principais na construção de sua personalidade.

É por intermédio ainda da afetividade que o indivíduo tem acessibilidade ao mundo simbólico, coordenando as suas atividades cognitivas e proporcionando o seu desenvolvimento. São esses os desejos, as influências e os motivos que irão sensibilizar a criança nas escolhas de suas atividades e seus objetos. Para Wallon, o conhecimento com o mundo objetivo se dá de maneiras sensível e cautelosa, envolvendo-se com o pensar, o sentir, o imaginar e o sonhar. Dantas confirma que, para Wallon, a afetividade emocional.

Realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela lhe dá origem (Dantas, 1992).

Dantas (1992), ressalta que o meio orgânico, o social e o afetivo estão sempre em constante entrelaçamento, pois um depende do outro para que haja uma interação com o ambiente

social e o cultural. Desenvolvendo nos indivíduos elementos que darão origem ao seu desenvolvimento, como os aspectos afetivos e as suas atividades cognitivas.

A dimensão afetiva na ótica wallonianas e expressa com base na sua teoria entregadora, de que os indivíduos são um todo e suas emoções têm um papel principal em seu desenvolvimento que, por mediação delas, demonstram suas vontades e desejos. Dantas (1992) relata que a raiva, o medo, a alegria, tristeza e a surpresa são sentimentos mais profundos e ganham papel relevante na relação da criança.

[...] A medida social está, pois, na base do desenvolvimento: ela é a característica de um ser que Wallon descreve como sendo “geneticamente social”, radicalmente dependente dos outros seres para subsistir e se construir enquanto ser da mesma espécie. [...] ao longo de seu curso, mesmo aquilo que interessa à vida de relação, e, por conseguinte à atividade cognitiva, como estímulos auditivos e visuais, despertam, não reações exploratórias, mas respostas afetivas: alegria, surpresa, medo (Dantas,1992).

É evidente o quanto a afetividade traz benefícios para a vida humana, pois ela tem uma união muito forte no desenvolvimento da espécie, buscando elevar o ser à sua totalidade. Pois os seres humanos não nascem prontos, eles vão se construindo ao logo de toda a sua existência. E, por isso, dependem de outros para se desenvolverem. Dantas ressalta que o desenvolvimento afetivo se encontra:

## Configurações do Desenvolvimento Humano

Nos momentos predominantemente afetivos do desenvolvimento o que está em primeiro plano é a construção do sujeito, que se faz pela interação com os outros sujeitos; que modela, naqueles de maior peso cognitivo, é o objeto, a realidade externa, que se modela, à custa da aquisição das técnicas elaboradas pela cultura (Dantas,1992).

De acordo com essa perspectiva, Wallon expõe que a afetividade e o cognitivo, ambos os processos são distintos, sendo um no âmbito social e o outro se faz de maneira cultural. Os elementos afetivos são da consciência subjetiva. Porém, isto não faz com que eles se tomem independentes da ação do meio social e cultural. Dessa maneira, é provável confirmar que estão claramente relacionados com a característica das interações entre os indivíduos, entretanto, mediante as experiências vivenciadas. Pode-se acreditar que essas experiências irão mostrar e confirmar os objetos culturais em um propósito afetivo.

Sobre a afetividade, na teoria walloniana, é fundamental para a evolução dos humanos e, em especial da criança, pois é uma das fases de crucial importância para o seu desenvolvimento integral. A afetividade tem como ponto de partida tudo aquilo que a cerca e que a afeta de maneira agradável ou desagradável em seu cotidiano. É vivenciando estas situações que as crianças se desenvolvem e, num futuro próximo, venham conseguir lidar com as situações de conflitos e com as frustrações que virão a ter. É assim que se tornarão adultos com equilíbrio emocional e com senso crítico mais apurado.

Faz-se, evidente, portanto, o quanto a afetividade está suficientemente envolvida com o desenvolvimento dos humanos, sendo de fundamental importância no desenvolvimento da criança. De acordo com Wallon e outros autores, estudiosos no que diz respeito à afetividade, no âmbito do desenvolvimento da espécie humana, ela é essencial, uma vez que apresenta um conjunto de expressões que a espécie humana necessita e carregará por toda a sua existência.

Ressaltar-se-á, primeiramente, uma breve história da Educação Infantil. A Educação Infantil sofreu grandes transformações com o passar do tempo. Durante um período, a Educação Infantil era considerada uma responsabilidade somente de seus familiares e do grupo social no qual a criança estava inserida. Ela aprendia com os adultos e com outras crianças com as quais convivia. Por fazerem parte da comunidade e de suas tradições, elas dominavam os conhecimentos necessários para a sua sobrevivência e para enfrentar as questões da vida adulta.

Por um bom tempo na história da humanidade, não existia nenhuma instituição de ensino responsável para partilhar essa responsabilidade com os pais. Nos dias atuais, o que se vê é uma gama de instituições que se dedicam à Educação Infantil, disputando o mercado público e privado, no intuito de se dedicar ao desenvolvimento da criança, com atividades competentes a cada faixa etária e de acordo com o objetivo que se quer atingir.

De acordo com o texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Educação Infantil tem uma função primordial no processo educacional das crianças e em seu desenvolvimento. É a primeira etapa da educação básica. Desse modo, a BNCC ressalta que essa educação é o começo de toda formação escolar do indivíduo.

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada (BRASIL, 2017).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil (LDB), Lei n. 9394/96, enfatiza que essa educação traz benefícios significantes na vida das crianças, buscando elevá-la ao máximo em seu desenvolvimento. O artigo 29 da LDB dispõe que: “A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL,1996).

Percebe-se que, na Educação Infantil, a educação de crianças de 0 a 5 anos de idade sofreu profundas mudanças por apresentarem, exatamente, transformações no próprio conceito de criança, uma nova perspectiva da infância, o papel que a criança assume na sociedade. E a educação teve de acompanhar tantas

mudanças, a fim de atingir o desenvolvimento integral da criança, de acordo com as exigências dessa nova sociedade.

A BNCC assim define a Educação Infantil:

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017).

Fica demonstrado, então, que a Educação Infantil é essencial na formação integral e no desenvolvimento das crianças, buscando atingir as características dos diferentes grupos etários, proporcionando uma diversidade nos campos de experiência.

A BNCC apresenta a Educação Infantil com a organização curricular dentro dos campos de experiências. O primeiro campo de experiência, *O eu, o outro e o nós*, tem como objetivo fazer com que as crianças se tomem capazes de reconhecer a sua verdadeira identidade e, simultaneamente, a respeitar e conhecer as diferenças dos outros. O segundo, *Corpo, gestos e movimentos*, objetiva mostrar as diversas linguagens artísticas e culturais, as músicas, as danças e seus diversos movimentos. No terceiro campo de experiência, *Os traços, sons, cores e formas*, o objetivo é de incentivar as crianças a experimentarem vivências por meio das intensidades dos sons, ritmos, descobrindo, assim, ações variadas de traços, formas e cores.

O quarto, *Escuta, fala, pensamento e imaginação*, visa as vivências com cantigas, leitura, jogos cantados, brincadeiras de rodas, conversas, dentre outros. O quinto e último campo de experiência é o *Espaço, tempo quantidades, relações, e transformações*, cujo objetivo é beneficiar a constituição de noção de espaço em situação artística, como: perto/longe, frente/atrás, hoje/ontem/amanhã, antes/depois.

A BNCC orienta a Educação Infantil para que atenda de modo eficaz as crianças e promova uma educação integral a elas. A BNCC relata que a Educação Infantil é classificada como um conjunto integrador para essa etapa.

[...]Na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (BRASIL, 2017).

De acordo com o texto da BNCC salienta que não houve substituição dos três principais pilares da Educação, que são eles o Brincar, o Educar e o Cuidar, mas que eles foram ampliados para aquilo que a BNCC enfatiza como direitos de aprendizagem, os quais devem ser certificados para todas as crianças. Conforme a

BNCC, são seis os direitos de aprendizagem, que são de grande importância para o desenvolvimento das crianças: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar-se, Conhecer-se.

Estes direitos de aprendizagem, embora a BNCC somente tenha os oficializado agora, já são consideradas e utilizadas em sala de aula da Educação Infantil há bastante tempo. É a partir destes direitos de aprendizagem que as crianças desenvolvem as capacidades cognitivas, emocionais, afetivas e a interação social.

Conforme aponta a BNCC, o primeiro direito de aprendizagem é o de Conviver, que é o direito que a criança tem de conviver com outro indivíduo da mesma idade e com os adultos, em grupos variados, apropriando-se das numerosas formas de linguagem. Estimula também ao desenvolvimento, ao autoconhecimento e do outro, incentivada a respeitar as diferenças culturais entre os indivíduos.

A BNCC torna oficial o direito de Brincar. As crianças, cotidianamente, brincando com diferentes parceiros, compartilham, ampliam e diversificam o seu repertório cultural e linguístico, pois elas se relacionam com pessoas de faixas etárias diferentes e em espaços diferentes. A imaginação também é outro fator importante nesta ação, pois na Educação Infantil, a criança lida com a realidade que vive, muitas vezes, a partir de situações de faz-de-conta. Ressalta-se também a importância da participação no planejamento das atividades escolares, na escolha das brincadeiras, no ambiente

que querem brincar, pois assim estarão agindo com autonomia e afirmando sua autoconfiança e autoestima.

O direito de Explorar confere às crianças a oportunidade de movimentar-se utilizando gestos e sons; explorar objetos, texturas, cores e formas; explorar emoções, sensações; lidar com transformações e com relacionamentos; manusear elementos da natureza e objetos históricos. Ou seja, as possibilidades de exploração são múltiplas e o professor precisa oportunizar aos seus educandos diferentes vivências e experiências com o mundo interno e externo.

Expressar-se e Conhecer-se são outros direitos assegurados pela BNCC. Dentro de um processo de ensino-aprendizagem, às crianças são garantidos o acesso às dimensões culturais da sociedade à qual pertencem. Os alunos da Educação Infantil são sujeitos de sua própria aprendizagem e, desta forma, têm o direito de expressar seus pensamentos, seus sentimentos, suas emoções, suas descobertas, suas opiniões, seus questionamentos, levantar dúvidas e elaborar hipóteses, utilizando diferentes formas de linguagem. Assim, as crianças passam a se conhecer melhor, trabalham continuamente na construção de sua própria identidade, individual, social e cultural.

## **A MÚSICA E A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

A procedência da música é tão antiga quanto a procedência da humanidade. Primeiramente, é necessário compreender a música como uma maneira de comunicação, que possui seus códigos como qualquer outra forma de linguagem.

Existem muitas teorias sobre a origem e a existência da música na cultura humana. A linguagem musical vem sendo interpretada, compreendida e definida de diversas maneiras, em cada cultura, em harmonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas vigentes.

A música sempre esteve presente na vida dos seres humanos, em diversos momentos, épocas, em qualquer idade, em diferentes situações. Portanto, a música é uma linguagem que ultrapassa os limites da palavra, sendo, particularmente, uma maneira de exprimir, sentimentos, sensações, pensamentos, alegria, tristeza, acompanhando, assim, diversos momentos de uma pessoa. Dentre as diversas definições de música, que expressam diferentes concepções, encontra-se a definição do Dicionário Aurélio Júnior de Língua Portuguesa: “Arte ou ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido. Composição musical” (Ferreira, 2011).

Esta definição justifica o fato de ser a música considerada como linguagem musical, a qual pode ser um meio de

desenvolvimento da percepção e também da consciência, porque permite vivenciar e conscientizar fenômenos e conceitos diversos.

A música desempenha um papel primordial na sociedade, uma vez que é uma atividade social e cultural, presente nos seres humanos, representando a história e os costumes dos povos. Desde o nascimento, todos os indivíduos emitem sons, pois todos são providos de um notável instrumento musical, que é a voz. A música é uma linguagem e pode ser expressa por diversos gêneros musicais.

Nota-se que a música tem grande relevância na educação brasileira. Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394/96, o país vem se preparando para adotar novas condutas educacionais, de forma que as crianças venham a ganhar com o ensino da música.

Além da LDB, outras leis amparam a educação musical no Brasil. São elas: a Lei n. 11.769/08, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de música na Educação Básica; e o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL,1998), que dispõe sobre a influência e a relevância da música na educação, mais especificamente na Educação Infantil.

Tem-se visto inúmeros autores reafirmando o disposto na lei: que o ensino de música traz muitos benefícios para os alunos na Educação Infantil, e também no Ensino Fundamental, pois a música, juntamente com a afetividade, são responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo e social, além um momento muito

prazeroso, pois elas estão se desenvolvendo junto com seus pares e professor.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na Educação Infantil, particularmente (BRASIL, 1998).

É preciso, portanto, entender um pouco mais sobre a grandeza da contribuição da música para a educação, principalmente para a Educação Infantil. É comum considerar a música como uma experiência estética, que ocasiona prazer aos que a fazem, a executam e também a escutam. Menos frequente é compreender sobre a ótica dos efeitos, o que a música causa nos indivíduos, tanto no âmbito psicológico individual, como na convivência harmoniosa, na sociabilidade, e na sua atuação social.

Nos dias atuais, tem-se a consciência de que a música é muito importante. Mais ainda, percebe-se que ela não deve ser privilégio de poucos, pois todos devem ter acesso à música. Para Brécia (2003):

Convém ressaltar que usufruir da música não é uma questão de talento, para as pessoas em geral, e para as crianças e jovens, menos ainda. O ser humano que se desenvolve, criança ou adolescente, é

essencialmente um músico, pois ser músico é, no fundo, estar sensível aos sons, é deixar trocar e envolver pela música (Bréscia, 2003).

Em consonância com a autora, verifica-se que é muito difícil encontrar algum indivíduo que não goste de música ou não se relacione, de alguma forma, com ela. Pois a música, de uma forma ou de outra, se encontra inserida no nosso cotidiano, como: escutando, cantando, dançando e também tocando algum tipo de instrumento. Em diversos lugares, a música está inserida em nosso contexto.

A música é um elemento crucial na vida dos indivíduos, pois todos ouvem, apreciam e também compartilham, porém poucos sabem da sua relevância e o quanto a música favorece no desenvolvimento das crianças.

As crianças se familiarizam de uma maneira espontânea com a música e, com isso, vão se desenvolvendo em vários aspectos da sua vida social. Vieira e Leão (2006) ressaltam que a música promove grandes contribuições na vida das crianças: “A música, pelo efeito e riqueza sonora fundamentais, no desenvolvimento de aptidões e a capacidades musicais, pode proporcionar às crianças o exercício do equilíbrio, da atenção, aproximando-os do cotidiano, possibilitando a melhor compreensão” (Vieira; Leão, 2006).

Porém, a música não é só um entretenimento, sensações, ou convite ao devaneio. Ela vai além, levando os indivíduos à sua fonte de crescimento espiritual, enriquecimento das sensibilidades e

fortalecimento do ego, estado fundamental para realização plena do ser humano em sua trajetória de vida. A música tem uma grande amplitude para influência no desenvolvimento da criança.

Para Moraes (1983), a música é de grande valia, pois ela vai além de uma simples diversão:

A música é, antes de mais nada, movimento. É sentimento ou consciência do espaço-tempo. Ritmo; sons, sentimentos e ruídos; estruturas que engendram formas vivas. Música é igualmente tensão e relaxamento, expectativa preenchida, ou não, organização e liberdade de abolir uma ordem escolhida; controle e acesso. É por isso que se pode perceber música não apenas naquilo que o hábito convencionou chamar de música, mas é, sobretudo, onde existe a mão humana, a invenção (Moraes, 1983).

O autor enfatiza que a música é algo que vai além, possibilitando aos seres humanos grandes contribuições para o seu desenvolvimento, a interação com outros indivíduos e uma visão de mundo pela qual as pessoas realizam grandes transformações.

A presença da música na Educação Infantil é de grande importância, pois é nessa fase que as crianças estão se descobrindo e se desenvolvendo; sendo assim, é óbvio e natural que a música contribua para seu desenvolvimento.

A música é realmente incentivadora e auxiliar no desenvolvimento das crianças. Proporciona potencialização de suas emoções, afeto e sensibilidade, pois a música está presente em jogos, brincadeiras, em livros sensoriais, na contação de história, em

diversas brincadeiras. Em várias culturas, ela se encontra presente. Portanto, as crianças estão envolvidas com a música de qualquer maneira.

Com a utilização da música na Educação Infantil, os conhecimentos se tornam cada vez mais numerosos e, com isso, desenvolvem na criança a criatividade, a percepção, a coordenação, a afetividade e a sociabilidade, pois esse contato com a música faz com que as crianças conheçam o mundo ao seu redor de maneira prazerosa e agradável.

Brito (2003) ressalta que temos um vasto repertório musical essencial, formado por músicas significativas que dizem respeito à nossa história de vida. E que um processo de musicalização, tanto para os bebês como para as crianças, deve começar de maneira naturalmente e involuntária, em contato com toda a diversidade de sons do seu cotidiano.

Nesse sentido, as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo o tipo de jogo musical tem grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvam um repertório que lhes permitirá comunica-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonora-musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com adultos quanto pela música (Brito, 2003).

O envolvimento das crianças com a música acontece bem antes do seu nascimento. A voz materna também institui material sonoro especial afetivo para eles. Dessa maneira, os bebês e as

crianças relacionam-se frequentemente com o ambiente sonoro que os envolvem logo com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades existentes na vida de todos os seres humanos.

É evidente o fascínio das crianças pelo som, a forma como se deslumbram com a música e gostam de brincar com os ruídos produzidos pelo ambiente em que estão inseridos. “A criança é um ser brincante e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia” (Brito, 2003). Segundo Brito, a música é algo que a criança encontra dentro si mesma. Ela expressa a música por meio dos movimentos que ela consegue fazer. As crianças gostam de ouvir e de cantar, e elas o fazem com muito entusiasmo; gostam de brincar com jogos rítmicos. Desse modo, as crianças compreendem que a música e os sons revelam como elas se relacionam com o mundo, que elas vêm explorando e descobrindo em seu cotidiano.

## **A MÚSICA, A AFETIVIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÕES**

É possível notar grande relação entre a afetividade e a música, pois a música sempre é criada a partir de uma relação afetiva com o mundo, e isso favorece o desenvolvimento da criança por vias dessa afetividade. A música, na sua essência, proporciona para as crianças momentos de alegrias, descontração e auxilia em seu desenvolvimento corporal, afetivo, cognitivo, melhorando os

aspectos como espacialidade e lateralidade, promovendo a interação com outras crianças.

Quando as crianças vão para a escola pela primeira vez, nos primeiros anos da Educação Infantil, muitas vezes pode ser estranho e até traumático, pois estão começando a deixar seu seio familiar, saindo de sua zona de conforto, para ir conviver com outros indivíduos que, para elas, são totalmente desconhecidas. O pedagogo pode suavizar este momento com músicas que farão com que as crianças se sintam mais à vontade no ambiente escolar.

Aproximar essas crianças umas das outras e criar entre elas um laço afetivo é muito mais fácil se houver música que promova essa interação. O RCNEI já aponta que a música “é uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na Educação Infantil particularmente” (BRASIL, 1998).

Partindo dessa premissa, a música na educação deve ser proporcionada de uma maneira coerente por parte dos pedagogos em todo o processo educativo, proporcionando às crianças vivências maravilhosas e muito aprendizado, que elas levarão por toda sua vida.

“O fazer musical requer atitudes de concentração e envolvimento com as atividades propostas, posturas que devem estar presentes durante todo o processo educativo, em suas diferentes fases” (BRASIL, 1998). A escola começa a ficar mais

atraente para os alunos, pois vivenciando momentos que para elas são prazerosos e divertidos, elas estarão fazendo novas descobertas e superando novos desafios. Isso é realmente primordial para a vida delas, porque muitas delas não convivem com crianças da mesma idade, tendo apenas contato com os adultos que as rodeiam. Para Mahoney, as crianças têm a necessidade de depender uma da outra:

A presença do outro garantirá não só a sobrevivência física, mas também a sobrevivência cultural pela transmissão de valores referentes a técnicas, crenças, ideias, afetos predominantes na cultura. Isso se fará gradualmente por meio dos recursos que a criança dispõe a cada momento. Ela vai organizando todas as informações provenientes de seu meio e de seu organismo, as quais inicialmente se apresentam de formas nebulosa, global, confusa, sem distinção das relações que as unem (sincretismo) (Mahoney, 2000).

Nesse ponto, se não houvesse afetividade entre as crianças e seus educadores, como seria a sala de aula e o desenvolvimento dessas crianças? A afetividade tem uma boa contribuição para que esse desenvolvimento aconteça. Então, percebe-se a importância da música na formação das crianças, pois a música está em seu dia a dia, por meio de uma história ou em diversos momentos. A música deve ser utilizada como uma ferramenta pedagógica, sendo também um componente colaborador para o desenvolvimento e a interação do indivíduo. Enfatizar-se-á o papel da música na educação como recurso para tornar a escola um lugar alegre e acolhedor.

O texto do RCNEI aponta como a música se faz presente nas manifestações culturais de um povo e que devem fazer parte do ambiente escolar também:

Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são expressão da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo (BRASIL, 1998).

Percebe-se, então, que a música é realmente uma ferramenta que auxilia o pedagogo em sala de aula, na integração e no desenvolvimento das crianças. Com isso, gera na criança autonomia ao vivenciar diversas situações que estabelecem seu desenvolvimento integral. Assim, haverá, num futuro próximo, jovens e adultos dotados de competências, sensibilidade, amor ao próximo, coerências nas suas atitudes, cooperação e reciprocidade.

Para tanto, os pedagogos devem aprimorar o repertório musical das crianças na Educação Infantil, de modo que elas venham a ter contato com uma diversidade de gêneros musicais. É claro que se deve levar em conta a bagagem musical que a criança já traz consigo de casa.

Continua o RCNEI:

Há que se tomar cuidado para não limitar o contato das crianças com o repertório dito “infantil” que é, muitas vezes, estereotipado e, não raro, o mais inadequado. As canções infantis veiculadas pela mídia, produzidas pela indústria cultural, pouco enriquecem o conhecimento das crianças. Com arranjos padronizados, geralmente executados por instrumentos eletrônicos, limitam o acesso a um universo musical mais rico e abrangente que pode incluir uma variedade de gêneros, estilos e ritmos regionais, nacionais e internacionais (BRASIL, 1998).

A partir destas considerações e, mesmo sabendo que deve respeitar a bagagem musical que a criança já traz de casa, pode-se dizer que o pedagogo tem o dever de intervir e apresentar às crianças músicas adequadas à sua faixa etária, valorizando o nosso rico repertório brasileiro, com cantigas populares tradicionais, músicas clássicas e também músicas da atualidade, mas que proporcione o desenvolvimento que se espera da criança nas turmas de Educação Infantil.

De acordo com Brésia (2003), “o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desenvolvimento escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente do indivíduo” (Brésia, 2003). Então, pode-se inferir o quanto a música favorece para o desenvolvimento da criança, em conjunto com seus pares e professores.

A grandiosidade da linguagem musical deve ser melhor aproveitada em sala de aula, a fim de promover o desenvolvimento afetivo e cognitivo, intervindo na sua autoestima e na sua integração social, além de despertar o raciocínio e sua aprendizagem. Segundo Vieira e Leão (2006), a linguagem musical é realmente essencial para a Educação Infantil:

A vivência musical pode ter papel decisivo para o desenvolvimento integral da criança. A entoação de canções infantis pelas crianças que se encontram no processo de alfabetização pode ser fundamental. Através das canções, as crianças podem vir a adquirir habilidades de linguagem quanto à aquisição e compreensão de vocabulário, capacidade de expressão e conhecimento da estrutura musical (Vieira; Leão, 2006).

Desta forma, a educação musical deve ser o ponto principal do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Mais do que o aprendizado ou a realização perfeita de exercícios e músicas, o primordial é possibilitar, por meio da musicalização, transformações internas, que ampliam o crescimento do desenvolvimento dos indivíduos.

Por meio da música, as crianças se envolvem com o mundo das letras e, ao mesmo tempo, não deixa que elas se afastem de seu vasto universo de entretenimento, que é primordial na vida delas. “A música no processo de alfabetização é relevante não só por desenvolver na criança a percepção, o equilíbrio dinâmico e estático,

bem como por auxiliar nas relações sociais, espaciais e de escuta” (Vieira; Leão, 2006).

Desenvolver esse tipo de trabalho ajudar a aprimorar a sensibilidade das crianças, possibilitando a capacidade da concentração e da memória, oferecendo benefícios ao processo de alfabetização, como também desenvolve o raciocínio, disciplina e o lazer. Conforme Vieira e Leão (2006), a música é algo que de grande contribuição para a Educação Infantil. “A música na pré-escola propicia o desenvolvimento da expressão corporal, da comunicação não verbal, da sociabilidade, bem como serve de base para as habilidades linguísticas e, a sua prática constante, pode favorecer o desenvolvimento integral da criança” (Vieira; Leão, 2006).

Elas também relacionam a música com diversos jogos e brincadeiras, elas cantam, durante a brincadeira, ou enquanto brincam, acompanhando com os sons e movimentos, dançam e também fazem dramatização de situações sonoras diversas. Então, a música é uma ferramenta de suma importância e, se for usufruída de maneira apropriada pelo pedagogo, resultará em grandes privilégios para o desenvolvimento infantil. Trabalhar com a música em sala de aula é primordial e de grande valia, pois trabalha com os conteúdos e conceitos de uma maneira lúdica, proporciona a fantasia. São momentos que as crianças apreciam e gostam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa importa na medida em que, a partir dela, pode-se compreender o quanto a música e a afetividade favorecem o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil. Muitos autores contribuíram para este entendimento, ao relatar como e por que se deve utilizar a música como ferramenta de aprendizagem nas turmas iniciais.

A música se faz presente na vida de um indivíduo desde antes do seu nascimento e cotidianamente depois disso. A música e a afetividade se inter-relacionam no seio familiar e esse aspecto deve ser reproduzido em sala de aula, no intuito de proporcionar à criança um maior aconchego e tornar este momento menos traumático. Além disso, a música promove o desenvolvimento cognitivo, afetivo, sensório-motor e social, conforme apontam as principais legislações que dispõem sobre o processo educacional.

A música desempenha um papel importantíssimo na sociedade, pois ela é uma atividade social e também cultural, existente na vida dos seres humanos, simbolizando a história e os costumes dos povos. A música nos dias atuais ainda está sendo vista e utilizada como uma simples forma de recreação por muitos professores. Muitas vezes, eles não têm conhecimento de como empregar a música como uma ferramenta pedagógica, para poderem beneficiar as crianças em seu desenvolvimento integral.

Os professores devem buscar subsídios para que possam trabalhar com a música de maneira adequada em sala de aula, no decorrer do ano letivo. Pois a música é realmente uma ferramenta que irá ajudar os pedagogos no desenvolvimento das crianças na educação infantil e, também no ensino fundamental.

Assim, esta pesquisa pretendeu mostrar como a música e a afetividade caminham sempre juntas, sendo agentes transformadores na vida dos seres humanos. Ao utilizá-la como ferramenta pedagógica na Educação Infantil, o professor proporciona experiências que aliam conhecimento, entretenimento, afetividade e educação musical. O RCNEI aponta que é importante a criança “ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais; brincar com a música, imitar, inventar e reproduzir criações musicais” (BRASIL, 1998).

Enfim, tanto a música em si quanto os jogos e as brincadeiras musicais são ferramentas auxiliadoras no processo pedagógico e deve ser utilizada como tal pelo professor, com objetivos e metas bem definidas no planejamento, a fim de garantir um pleno aprendizado e o desenvolvimento integral de nossas crianças, com vistas ao exercício da cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral AS (2000). Estágio categorial. In: Mahoney A, Almeida L (Org.) Henri Wallon: psicologia e educação. São Paulo: Loyola.
- Bréscia VLP (2003). Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva. 2. ed. São Paulo: Alínea.
- Brito TA (2003). Música na Educação Infantil: uma proposta para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis.
- BRASIL (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, v. 3.
- BRASIL (1996). Lei 9.394/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Mec.
- BRASIL (2017). Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica.
- Craide M, Kaercher GEPS (2001). Educação Infantil: pra que te quero?. Porto Alegre: Artmerd.
- Dér LCS, Ferrari SC (2000). Estágio da puberdade e da adolescência. In: Mahoney A, Almeida L (Org.). Henri Wallon: psicologia e educação. São Paulo: Loyola.
- Dantas H (1992). Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: La Taille Y, Dantas Holiveira

- MK. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus.
- Ferreira AB, Júnior A (2011). Dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo.
- Oliveira ZR (2007). Educação Infantil: Fundamento e métodos. 3 ed. São Paulo: Cortez.
- Ponso CC (2014). Música em diálogo: ações interdisciplinares na Educação Infantil. 2 ed. Porto Alegre: Sulina.
- Mesquita R, Duarte F (1996). Dicionário de Psicologia. 1 ed. São Paulo: Plântano.
- Mahoney AA (2000). Introdução. In: Henri Wallon – Psicologia e educação. São Paulo: Loyola.
- Mahoney AA (2004). A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: Mahoney AA, Almeida LR (Org.). A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. São Paulo: Loyola.
- Moraes J (1983). Jota. O que é a música. 2 ed. São Paulo: Brasiliense. Coleção primeiros 80 passos.
- Vieira E, Leão E (2006). Aprendendo a ler com música: textos sobre leitura e música. v. 1. Goiânia: Vieira.
- Wallon H (2007). Evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes.
- Wallon H (1995). A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70.

Zagonel B (2012). Brincando com a música na sala de aula: jogos de criação musical usando a voz, o corpo e o movimento. São Paulo: Saraiva.

## Capítulo III

---

# A afetividade na educação infantil<sup>3</sup>

Alessandra Lacerda Nascimento  
Me. Ezequiel Martins Ferreira

**Resumo:** A afetividade, neste trabalho, tem o objetivo de compreender e ampliar os conhecimentos advindos do relacionamento afetivo na função de afetar a relação professor-aluno no processo de construção da aprendizagem e, assim, sistematizar o desenvolvimento do aluno nessa interação. Os professores e a comunidade escolar auxiliam nesse propósito de identificar os meios em que possa haver a interação e a integração entre alunos, professores e conhecimento. O desenvolver é identificar o elo entre o conhecimento e sua aquisição pela criança. A valorização da união entre a sensibilidade e do ambiente para reforçar o conhecimento. A escola é o ambiente que poderá garantir o interesse nesse lugar de desenvolvimento para que ocorra o reforço positivo de suas aprendizagens. Os membros da mesma comunidade podem se comunicar, se relacionar e interagirem reforçando as experiências individuais de crescimento do conhecimento. Os professores são os mediadores para trabalhar a afetividade no ambiente escolar e influenciar e muito o desenvolvimento, para a criança construir seu conhecimento.

**Palavras-chave:** Afetividade. Conhecimento. Desenvolvimento. Ambiente. Escola.

Este capítulo sobre a afetividade na relação professor/aluno visa refletir o relacionamento em sala de aula entre as crianças e os outros participantes no processo de construção da aprendizagem e, assim, identificar o desenvolvimento do aluno nessa interação. A afetividade é muito importante como auxílio para a aprendizagem, para demonstrar afeto, na demonstração da simpatia, da paixão e do respeito entre os professores. Criando uma relação positiva entre professores e alunos, conseqüentemente os alunos desenvolverão melhor sua autoestima, vontade e pensamento, que são fundamentais para o desenvolvimento da criança e, assim, aprender uma variedade enorme de conhecimentos.

O objetivo foi identificar como o professor passa a ser um elo entre o conhecimento e a aquisição do mesmo para a criança, estabelecendo caminhos que atenuem, utilizem e valorizem os seus sentimentos. Dessa forma, a criança se sentirá protegida e acolhida. O professor pode mostrar paciência e a atenção, tornando a criança o sujeito que irá ter interesse em aprender e lidar com as pessoas e os desafios que estão na sua redondeza.

Wallon (1971) atesta que:

Meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e

contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (Wallon, 1971).

Wallon (1971) assegura que a presença adulta é de suma importância para que possa ajudar a criança a conquistar a satisfação, buscar a autonomia na realização e concretização de seus anseios, mantendo ou criando elos com aqueles que estão à sua volta. A união entre a sensibilidade do professor e do aluno tende a influenciar o ambiente, reforçando o que lhe é construído ou descoberto.

Ao abordar a escola como espaço para análise, objetivou-se enfatizar as necessidades de proporcionar à criança a escola como um ambiente mais agradável e garantir que a mesma possa ter interesse nesse lugar de desenvolvimento afetivo e significativo, para que haja o reforço positivo de suas aprendizagens. O ambiente precisa estar, principalmente, preparado pelos educadores com situações que possam levar o aluno a vencer seus desafios. Da mesma forma, os indivíduos, em uma mesma comunidade, têm capacidade de se comunicarem de maneira mais objetiva e em seu próprio costume, provocando os demais a se interagirem e relacionando-se, gerando referências valiosas para o crescimento do aprendizado comunitário de todos, mas respeitando as diferenças existentes entre os membros da comunidade escolar e, assim, reforçar a experiências individuais de crescimento do conhecimento.

O mais importante é saber respeitar uns aos outros nessa relação de confiança que, tão poeticamente, atesta-se de afeto, independentemente de cor, raça e crença e que a criança possa mostrar sua igualdade para todos nós. O desenvolvimento emocional da criança e suas conseqüências, como confiança, lealdade, segurança, entre outros sentimentos, são de grande valia no processo aprendizagem do aluno. O professor é, talvez, a peça mais capaz e importante para demonstrar afeto e emoção e gerar sujeitos que irão sentir-se acolhidos pela comunidade escolar, demonstrando confiança e segurança aos alunos. Percebe-se que o laço entre professor e aluno se fundamenta como um conjunto no qual estão relacionados: amor, devoção, autoestima e valores, que fazem parte de uma aprendizagem agradável e sadia. Essa junção de sentimentos se torna uma mistura positiva que proporcionará o crescimento como ser social e intelectual do sujeito em desenvolvimento.

A educação afetiva é democrática. Atinge todos os envolvidos, independentemente da faixa etária, que tenham vez e voz, que possam expressar suas necessidades, as suas opiniões, pois a afetividade pode fazer com que o adulto ensine à criança a reciprocidade e, então, eles possam se comunicar de forma harmoniosa. Os professores conseguem sua linha de comunicação e a criança já começa a desvendar e aprender a lidar com suas diversas emoções e sentimentos. O mediador da construção do

conhecimento pode fazer o uso das ferramentas (sentimentos variados) para trabalhar a afetividade em sala de aula e trazer o aluno para perto de si e, conseqüentemente, começar a instigar o aprender.

Estas considerações são muito importantes para a aprendizagem de cada aluno, uma vez que esses aspectos influenciam o desenvolvimento, apontando os caminhos para o conhecimento. É possível, então, afirmar que não há aprendizado sem afetividade.

Assim, neste capítulo, os pensamentos e teoria de afetividade foram permeados pelos estudos e influências de Almeida e Mahoney (2014), que tem no livro “Afetividade e aprendizagem” um rico material para nortear as palavras e pensamentos que levaram à defesa dessa ideia. Ainda há a presença de três referências na Educação Infantil, que não poderiam nunca ficar de fora por serem pilares no assunto, que são Vygotsky (2010), Piaget (1962; 1983; 2011) e Wallon (1971).

## **AS RELAÇÕES QUE ATENUAM O CICLO AFETIVO**

A afetividade é muito importante no auxílio da aprendizagem e demonstração de carinho, simpatia, paixão e respeito. Na Educação Infantil, a relação afetiva pode ser um forte aliado e facilitador no processo de aprendizagem da criança, lembrando que podem ocorrer tanto no convívio social quanto no escolar. Essa afetividade deve ser norteadada por direitos e deveres

que, tanto a criança quanto o mediador, respeitem. Almeida e Mahoney (2014) especificam que a afetividade:

Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. A teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes e resultantes de sua integração: na emoção, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole (Almeida; Mahoney, 2014).

Segundo Almeida e Mahoney (2014), a afeição contém elementos que viabilizam o ser externo e o ser interno a se comunicarem, por apresentar os três elementos conectivos: emoção, sentimento e paixão, deixando-os interligados a fatores sociais que irão determinar os resultados de sua íntegra utilização, condicionado uma futura autonomia que irá ser vital. Almeida e Mahoney (2014) explicam as três fases da afetividade:

Emoção – é a exteriorização da afetividade, é sua expressão corporal, motora. Tem um poder plástico, expressivo e contagioso; Sentimento – é a expressão representacional da afetividade, não implica reações instantânea e direta como na emoção; Paixão – revela o aparecimento do autocontrole como condição para dominar uma situação (Almeida; Mahoney, 2014).

O elemento emoção é aquele que expressa de forma corporal-motora e tem a ação expressiva e contagiosa de ligação

orgânica, que estabelece os primeiros contatos com mundo humano, físico e cultural. Ela se diferencia por padrões posturais como raiva, medo, ciúmes, tristezas, alegrias etc. Ela fundiu as participações entre os indivíduos, estimulando o desenvolvimento cognitivo.

O segundo elemento é o sentimento, que é representacional, pode ser expresso por mímica ou linguagem, o adulto tem maior variedade e não realiza reações diretas e instantâneas, como na emoção, mas tende a impor controles, como: observar antes de agir e saber como e onde expressá-lo, interpretando o motivo e circunstâncias.

O terceiro elemento conectivo é a paixão, que expõe o autocontrole condicionando-o, a dominar a situação para configurar a compreensão mental e comportamental, visando atender às necessidades afetivas. Isso promove uma visão bem interessante de Gomes e Melo (2010), que afirmam que “afeto diz respeito àquilo que afeta, ao que mobiliza, por isso reporta à sensibilidade, às sensações. Podemos, ainda, referir afeto como ser tomado por atravessado, perpassado, quer dizer: afetado. Esse atravessar, perpassar é o que propriamente dá o caráter de afecção” (Gomes; Melo, 2010).

Gomes e Melo (2010) apresentam, de forma contundente, que o afeto é mobilizador e sensibilizador e que tornará o oferecido mais acessível. A relação professor-aluno já é sabida e vivenciada há

muito tempo. Há uma necessidade da utilização do afeto de forma mais atenuada no processo e ação escolar. Para que os alunos possam também beneficiar-se desta interação afetiva, é necessário que o professor se expresse para que os alunos possam depositar seus sentimentos e, assim, se sintem acolhidos e protegidos.

O afetar, que é a relevância de três elementos conectivos (emoção, sentimento e paixão), necessita de um cenário para a sua atuação. Sendo assim, o cenário que se escolheu foi o processo de construção da aprendizagem em âmbito escolar e, como diz Gomes e Melo (2010), é vital afetar reportando sensibilidade. Com esse juízo, recorreu-se às duas grandes referências da Pedagogia na Educação Infantil, Vygotsky e Piaget, juntamente com o pensador da afetividade, que é Wallon.

Segundo Almeida e Mahoney (2014), Wallon é descrito como o pensador da afeição na educação. Sua teoria relatava que os traços psicológicos em cada etapa infantil pudessem atenuar a evolução mental no processo de construção do conhecimento da criança e apresenta a necessidade de mediador compassivo de afeto para transformar o processo do aprender em uma maravilhosa e marcante experiência.

Por serem vários os sentimentos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem é importante se valorizar cada estímulo, pois são vitais para que o aprender se faça possível de forma mais abrangente e simplificada na construção do conhecimento infantil.

Com a visão de afetividade, Wallon apresenta os estágios para representar o desenvolvimento infantil, porém serão abordados somente os três primeiros por referir-se à faixa etária de alunos da Educação Infantil.

O primeiro estágio chama-se Impulsivo-Emocional, que varia dos primeiros meses até um ano. Há duas fases nesse estágio: a primeira parte é a impulsiva, que está dentro do período de 0 a 3 meses, e as características dessa fase são exploração do próprio corpo, realização de movimentos descoordenados, resposta às necessidades biológicas e a visão é embaçada, sem nitidez. A outra fase, que é a emocional, varia entre 3 meses a 1 ano; as suas características são a imitação e a seleção de gestos e, essas duas partes integram o primeiro Estágio Impulsivo-Emocional. Almeida e Mahoney (2014) apresentam de forma bem específica que

No 1º estágio – impulsivo-emocional (0 a 1 ano) – a criança expressa sua afetividade através de movimentos descoordenados, respondendo a sensibilidades corporais:

proprioceptiva (sensibilidade dos músculos) e interceptivas (sensibilidade das vísceras). O recurso de aprendizagem nesse momento é a fusão com outros. O processo ensino-aprendizagem exige respostas corporais, contatos epidérmicos, daí a importância de se ligar ao seu cuidador, que segure, que carregue, que embale. Através dessa fusão, a criança participa intensamente do ambiente e, apesar de percepções, sensações nebulosas, pouco claras, vão se familiarizando e apreendendo esse mundo, portanto, iniciando um processo de diferenciação (Almeida; Mahoney, 2014).

Nesse estágio Impulsivo-Emocional, a criança ainda não tem um poder de diferenciação racional. Ela se vê como ser único e busca uma fusão do seu eu em expansão para os que o cercam e, assim, se faz parte do mundo no qual está. Este estágio vem desde o ventre materno e é a primeira relação com o meio, assim é apresentada pela mãe que, ao atender às suas necessidades, cria um processo de comunicação, no qual ambos se comunicam de forma única.

O segundo estágio chama-se Sensório-Motor e Projetivo, que varia dos doze meses até três anos. Ocorre uma divisão de fases nesse estágio, sendo a primeira divisão a Sensório-Motor, que está dentro do período de 12 a 18 meses. As características dessa fase são exploração do espaço físico, definindo uma ideia própria dos espaços e objetos que o cercam, buscando entender como funcionam por meio de descobertas e o que podem fazer com o que descobrem; usa os sons como meios de comunicação, utilizam os símbolos ou associações irreais, fantasiosas, para contextualizar-se com o meio. A segunda divisão é chamada de Projetiva, que permeia o período de dezoito meses a três anos e as características são imitações, simulações de situações, utilizam também a linguagem simbólica para criar e resolver os dilemas nas brincadeiras e são capazes de elaborar problemas, resoluções e estratégias nas brincadeiras para alcançar o que almejam. Para Almeida e Mahoney (2014) é:

## Configurações do Desenvolvimento Humano

No 2º estágio – Sensório-Motor e Projetivo (1 a 3 anos) – quando já dispõe da fala e da marcha, a criança se volta para o mundo externo (sensibilidade exteroceptiva) para um intenso contato com os objetos e a indagação insistente do que são, como se chamam, como funcionam. O processo ensino-aprendizagem no lado afetivo se revela pela disposição do professor de oferecer diversidade de situações, espaço, para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações na busca de conhecer o mundo exterior e, assim, facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos (Almeida; Mahoney, 2014).

No Sensório-Motor e Projetivo, a criança terá uma relação mais atenuada com o meio, que é onde a criança irá projetar-se com objetos e se relacionar com tudo que está ao seu redor, que pode ser objetos ou pessoas, e desenvolver uma relação de real com irreal para satisfazer seus anseios.

O terceiro estágio denomina-se Personalismo, que está entre três e seis anos. Diferentemente dos outros estágios, não há divisão classificada, porém há uma limitação etária para as ações que permeiam este estágio. Dos três aos quatro anos ocorrem situações opostas insistentes, com utilização demasiada da palavra “não” passa a utilizar sua autonomia de forma arbitrária. Utiliza-se o primeiro pronome pessoal “eu” para dar ênfase à sua pessoa. A partir dos quatro anos até os cinco anos, o narcisismo é algo predominante em suas ações e utiliza de sedução e agrados para se impor como presença. Sucede que, dos cinco aos seis anos de idade,

a criança passa a representar o outro, objetos e espaços por imitação.

Mahoney e Almeida (2014) apontam que:

No 3º estágio – Personalismo (3 a 6 anos) – existe outro tipo de diferenciação – entre a criança e o outro. É a fase de se descobrir diferente das outras crianças e do adulto. (...) Como, neste estágio – Personalismo –, a direção é para si mesma, a criança aprende principalmente pela oposição ao outro, pela descoberta do que a distingue de outras pessoas. Como agora está se descobrindo como diferente dos outros, está rompendo com o sincretismo entre ela e os outros (Almeida; Mahoney, 2014).

Neste terceiro estágio, Personalismo, a inteligência da criança visa elaborar novas formas de personalizar o seu querer. A sua forma de se ver a condiciona a ver as suas diferenças em relação ao outro e, assim, atenuar o sincretismo social, que é a interação de várias ideologias e culturas das pessoas que fazem o seu meio social.

A visão de Piaget, interacionista, e a visão de Vygotsky, sociointeracionista, estão interligadas em todo o processo de aprendizagem e crescimento social e cognitivo da criança. Baseando-se nestes fundamentos, visamos explicar que a afeição pode ser uma ferramenta de unificação na construção do alicerce da aprendizagem, pois Vygotsky prima pelo pensamento e a linguagem simultânea; enquanto Piaget já vê o pensamento e a linguagem distintamente, seguindo uma visão de dentro para fora, ou seja, para Piaget o pensamento é um fator interno que se antecipa às ações externas como linguagem ou comunicação com o meio social.

O psicólogo Vygotsky afirmava que o desenvolvimento humano acontece a partir do envolvimento com seu meio, em sua ação histórica, cultural e social e, assim, o desenvolvimento ocorre de fora para dentro, de acordo com o meio social em que esteja inserido. Importante ressaltar que a linguagem tem duas funções básicas: O intercâmbio social – que é bem visível ainda na fase bebê, pois, por meio de gestos, expressões e sons, eles reproduzem seus desejos e necessidades; e o pensamento generalizante, que se apresenta quando se fala um signo e logo representa com um símbolo. Nas funções da linguagem básica, a criança desenvolve as funções psicológicas superiores onde são capazes de pensar, decidir e agir por seus próprios desejos.

Quando se trata de Vygotsky, o pensamento é que a criança precisa alimentar-se de informações do meio e, assim, ela poderá compreender e apreender com tudo que a cerca. Para o teórico, a interação que cada ser tem para com o ambiente onde vive, torna a experiência diferenciada, o que ocasionará o “seu” olhar para o que lhe foi apresentado, e é por conta dessa natureza de ver esse “olhar individual” que a sua teoria recebeu o nome de socioconstrutivismo, ou seja, a criança constrói pelo seu social. Com essa ideologia, ele supera as ideias pedagógicas de que o aprender se dá pela transferência, afirmando que se dá, sim, pela construção das suas aquisições sociais. Vygotsky (2010) entende que:

## Configurações do Desenvolvimento Humano

Psicologicamente, a criança não é um adulto em miniatura. Ela modela sua própria cultura primitiva; embora não possua a arte da escrita, ainda assim escreve; e ainda que não possa contar, ela conta, todavia. Os estudos empíricos dessas formas primitivas de aculturação não apenas nos ajudarão a obter uma compreensão melhor da criança, mas também ajudar-nos-ão a traçar a gênese das formas mais importantes de habilidades culturalmente adquiridas, que são instrumentos importantes da vida do ser humano adulto e civilizado (Vygotsy et al, 2010).

O conjunto de contatos e mudanças que a aculturação promove passa a ser um instrumento muito valioso na construção do ser civilizado. Isso acontece principalmente na fase infantil, pois a criança está em um processo de formação de caráter e de opinião, levando-se em conta o meio em que está inserida.

A bagagem de experiências adquiridas mesmo antes de a criança chegar ao ambiente escolar faz com que já chegue ao ambiente com certo conhecimento adquirido. Vygotsky, ao analisar os animais, percebeu que existe uma inteligência prática no homem, o qual se utiliza de instrumentos para resolver seus desafios. Assim, ele desenvolveu o conceito de que a linguagem, o pensamento e a resolução dos problemas são nominados de linguagem intelectual.

Ao analisar as crianças de zero até dois anos de idade, percebeu que elas utilizam uma linguagem de gestos, expressões faciais, gritos para se fazerem entender pelas pessoas que as cercam. Esta fase foi denominada de fase pensamento pré-verbal. Quando começa a resolver seus desafios, é chamada de fase pensamento

intelectual. A união dessas duas fases compõe a terceira: a fala social, que exprime seus desejos e pensamentos aos seres adultos, isto é, a fala egocêntrica, que visa não ser entendida por adultos, e a fala interior, que é chamada de reflexão. Além dessas fases e das falas, o que mais importa para o teórico é que o ambiente é fundamental para o desenvolvimento da criança e que ocorre de fora (meio externo) para dentro, assim internalizando o conhecimento vindo do contexto social.

A internalização está ligada diretamente à fala do outro e acontece quando ela se apropria do dito e rediz, dando início ao processo de socialização. A relação com os adultos produz pensamento, utilização das palavras e culturas. A socialização, aos olhos de Vygotsky, se dá em três níveis: Zona de Desenvolvimento Real, Potencial e Proximal. Zona de Desenvolvimento Real são as conquistas realizadas pela criança que as ajudam a resolver seus desafios. Zona de Desenvolvimento Potencial é quando a criança tem condições de executar ações e que precisa de auxílio de alguém mais capaz. Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre a Zona Real e Zona Potencial – na verdade, é o caminho entre as duas primeiras zonas citadas.

Quando a criança inicia sua frequência na escola, ela está no processo de aprendizagem, ou seja, quando chega à escola, está no desenvolvimento real, que é a influência da cultura ao seu redor, auxiliando na interação social. Com o auxílio do professor no

processo de aquisição de aprendizagem, estabelece-se o desenvolvimento potencial.

Um fato surpreendente, e até hoje desprezado, é que as pesquisas sobre o desenvolvimento do pensamento no estudante costumam partir justamente do princípio fundamental desta teoria, ou seja, de que este processo de desenvolvimento é independente daquele que a criança aprende realmente na escola. A capacidade de raciocínio e a inteligência da criança, suas ideias sobre o que a rodeia, suas interpretações das causas físicas, seu domínio das formas lógicas do pensamento e da lógica abstrata são considerados pelos eruditos como processos autônomos que não são influenciados, de modo algum, pela aprendizagem escolar (Vygotsy, 2010).

A capacidade infantil de pensar e de racionalizar não se fundamentaliza somente no espaço onde ela vivencia; assim, não limita o seu aprender somente no âmbito escolar, mas a todo o espaço onde possa passar. As perspectivas infantis variam, assim como o seu potencial de acolher todo o material exposto intencionalmente ou não.

O olhar de Jean Piaget é bem mais introspecto que o de Vygotsky, pois, a seu prisma, apresenta a construção do conhecimento da criança de dentro para fora. Isto fica evidente quando ele diz que “o desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na fase adulta, é compatível ao crescimento orgânico” (Piaget, 1983). O desenvolvimento é uma ordem sequencial de aquisição. O desenvolvimento infantil,

segundo Piaget, se dá em estágios, porém serão apresentados somente os estágios que envolvem a faixa etária da Educação Infantil.

Pode-se dizer que o olhar de Jean Piaget primava por uma construção de conhecimento que vinha do que a própria criança produzia e que era necessário sintetizá-lo e transformar o seu conhecimento em seu produto. Ocorre uma constante transformação no olhar da criança, a fim de melhor assimilar e a se acomodar ao meio onde esteja e as informações implicadas a ele. O autor apresenta que:

Levando em conta, então, esta interação fundamental entre fatores internos e externos, toda conduta é uma assimilação do dado a esquemas anteriores (assimilação a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade) e toda conduta é, ao mesmo tempo, acomodação destes esquemas a situação atual. Daí resulta que a teoria do desenvolvimento apela, necessariamente, para a noção de equilíbrio entre os fatores internos e externos ou, mais em geral, entre a assimilação e a acomodação (Piaget, 2011).

O processo de construção da aprendizagem equivale, segundo Piaget, à vitalidade de que haja, entre os elementos internos (assimilação) e externos (acomodação), um equilíbrio que beneficiará a criança. Esse processo que Piaget apresenta mostra que a criança tem sua própria autonomia de forma cronológica.

O primeiro estágio é o Sensório-Motor, que inicia a partir de zero e vai até dois anos de idade, no qual a percepção e ação se

encontram por meio de início de suas coordenações motoras e das relações de ordem entre as ações; assim, a criança percebe que ações suas irão influenciar as ações de terceiros à sua volta. As sensações começam a ser percebidas e as interferências nas alterações exteriores ocorrem mediante a inteligência anterior à racionalização da fala, que leva a perceber o real mesmo antes de começar a falar. Apesar de nos primeiros meses a criança ainda não dominar suas coordenações e ir evoluindo mês a mês. Quando se aproxima dos nove meses, ela já diferencia os objetos e até mesmo o próprio corpinho e, assim, começa a testar as possibilidades que estão em seu campo sensorial. Dado a este fator, justifica-se o fato de que, quando a criança não vê a mãe, imagina que ela não exista. Ao estimular a criança, ela começa a entender que as coisas que não lhe são vistas ainda podem existir. Sobre o estágio sensório-motor, Goulart (2005) afirma que:

No decorrer desta faixa etária, a criança desenvolve uma inteligência prática, ou seja, uma inteligência realizada através das percepções e dos movimentos, com uma coordenação sensório-motora das ações, sem o uso exato do pensamento. Esta inteligência resolve alguns problemas de ação, como, por exemplo, alcançar objetos afastados ou escondidos, entre outros. Este período poderá se dividir em três sub estágios, um deles referente aos reflexos do recém-nascido, e os outros dois são relativos à organização das percepções e hábitos e à inteligência totalmente sensório motora (Goulart, 2005).

O importante é a compreensão de que o estágio sensório-motor apresenta a importância dos atos instintivos da criança e das possibilidades de atenuação quando são estimulados, e esses estímulos são mais potencializados quando envoltos de afeto.

O segundo estágio, o Pré-Operatório, inicia-se no período de dois a sete anos de idade, quando a criança começa a representar ações da realidade no seu próprio entendimento, por sua capacidade de pensar em objetos mesmo quando não os vê e, assim, acaba por auxiliar no processo da fala, fase essa onde as histórias são criadas e o egocentrismo é elevado, dando a si mesma a importância única em todos os seus contos, muitas vezes os contam sozinhas. Além disso, ela acredita que todas as ações são voltadas a sua própria pessoa, o que inicia um pensamento lógico. É uma fase de confusão de números e quantidades e, assim, é também a hora da internalização das regras, valores e noções de erros e acertos. São incapazes de perceberem sozinhas do que pode vir a produzir.

Jean Piaget buscava apresentar a construção do conhecimento da criança por intermédio da assimilação e acomodação e, por um mediador, acontece a evolução mental. Ele se refere a estágios que acontecem de forma lenta, obedecendo a uma linha quase generativa, que irão acompanhar a criança da Educação Infantil até a fase de doze anos. São seis estágios referentes à Educação Infantil, segundo a teoria de Piaget: estágios do reflexo, primeiros hábitos motores, senso-motora (prática),

inteligência intuitiva, ou seja, a primeira e segunda infância. Piaget afirma que estes estágios são gradativos e sequenciais e são de fora para dentro, além estabelecer uma ordem:

1º - O estágio dos reflexos, ou mecanismos hereditários, assim como também das primeiras tendências instintivas (nutrições) e das primeiras emoções; 2º - O estágio dos primeiros hábitos motores e das primeiras percepções organizadas, como também dos primeiros sentimentos diferenciados; 3º - O estágio da inteligência sensorio-motora ou prática (anterior à linguagem), das regulações afetivas elementares e das primeiras fixações exteriores da afetividade. Entre os primeiros estágios, constituem o período da lactância (até por volta de um ano e meio a dois anos, isto é, anterior ao desenvolvimento da linguagem do pensamento); 4º - O estágio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto (de dois a sete anos, ou a segunda parte da primeira infância) (Piaget, 2011).

Ao simplificar os campos de visão dos três pensadores que norteiam esta pesquisa, depara-se com três peças fundamentais para o melhor aproveitamento do ensino e da aprendizagem infantil. Ao mesclarmos os três, pode-se criar uma nova forma de apresentar o processo de aquisição e construção da infância em relação ao conhecimento. Deve-se, pois, aproveitar os ensinamentos de Piaget, de fertilizar a própria genialidade inata na criança com os aspectos externos que Vygotsky tanto faz questão de explicitar ser necessário para construção do processo de aprendizagem da criança e, assim, Wallon se inteira da ferramenta indispensável às pessoas, com

intencionalidade de afetar o processo de construção de aprendizagem da criança, que afeta tanto o professor quanto o aprendiz, e se tornam suscetíveis ao sentimento, à emoção e à paixão, canalizando-os com as pragmáticas do ensinar.

## **AS RELAÇÕES AFETIVAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Para a ocorrência das relações afetivas, é indispensável um ambiente social, pois é onde haverá a apropriação e atribuição de significados para que se faça o compreender. As relações ocorrem nas atividades em conjunto, em que as construções da realidade se fazem em si e no outro distintamente. A criança se comunica com os outros em sua linguagem e assim ocorre a integração. A linguagem oral vai evoluindo aumentando seu vocabulário, porém vale ressaltar que elas se compreendem mesmo com um vocabulário simples, a construção da linguagem oral é vital para a criança nomear seus sentimentos de frustração, alegria e outros sentimentos próprios da idade infantil. É nesse processo de comunicação do abstrato com o concreto que se cria condições para uma evolução da comunicação subjetiva, levando a criança a começar a se entender como pessoa distinta de outras. Nesse processo, é comum ver a criança passar por um processo denominado egocentrismo, no qual tudo é para ele, ou dele.

A mediação do professor inicia com intervenção, utilizando-se do processo de afeiçoarem-se uns com outros, para, assim, criar um ambiente harmonioso. Esse é o primeiro passo da utilização do afeto, não como ferramenta de ensino e aprendizagem, mas de interatividade e união do grupo.

O mundo, para a criança, é interiorizado, transformando o seu olhar singular e individual. Quando se relaciona com os outros à sua volta, inicia a construção social e, conseqüentemente, a criança terá autonomia e a confiança para agir com suas próprias ações. Quando isto acontece, ela está exteriorizando os seus pensamentos e conhecimentos adquiridos. Nas relações sociais, o outro tem um papel muito importante na conquista do mundo físico. As relações afetivas são o alicerce para o papel social representado pelo ser humano, evidenciando a interação entre o homem, o mundo e outro.

As conexões afetivas despertam sentimentos e emoções com características evolutivas construtoras de identidade. Os aspectos racionais são diferentes dos aspectos emocionais. Porém, os teóricos como Jean Piaget, Wallon e Vygotsky utilizaram da intencionalidade de se interagir os dois aspectos para se formar um processo mais eficaz de aprendizado. Segundo Piaget (1962),

É incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e, conseqüentemente, perguntas ou

## Configurações do Desenvolvimento Humano

problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na construção da inteligência (Piaget, 1962).

Piaget afirma que a importância do afeto na funcionalidade de desenvolver a inteligência, cria-se uma seguridade da sua necessidade para a constituição da inteligência. A infância é uma parte da fase da vida humana que passa muito rápido, porém sofre transformações devido a vários contatos pessoais, que podem ser dos familiares ou das pessoas que partilham do mesmo ambiente social. As características das crianças estão relacionadas ao contato com o adulto para uma seguridade de proteção. A afeição é um elemento que muitos autores atestam que são dutos que favorecem o processo do aprender. O afeto é atenção e respeito, porém é um processo pessoal que inicia o desenvolvimento desde as primeiras manifestações de vida.

A construção do afeto é o conhecimento e o conhecimento com o afeto transforma em aprendizado. No processo de Educação Infantil, a ampliação do conhecimento é favorecida ainda nos primeiros anos de vida. Nas primeiras semanas da vida escolar a criança revela uma sensibilidade afetiva. Quando a criança ainda é muito pequena, a influência de afetividade de pessoas em seu meio é muito intensa e constante e, por conta desse tratamento, é que a criança tem entrada no mundo simbólico. Quando a criança está inserida no meio social (lembrando que a primeira comunidade

social da criança é a sua família), ela logo apresenta aspectos de seu contexto e retira recursos para o seu desenvolvimento. É nas ações que a criança direciona a sua atenção para o mundo, explorando-o para alimentar suas experiências num nível abstrato e concreto e, dessa forma, criar um caminho seguro para o seu desenvolvimento.

Por vezes, as pessoas relatam que a criança desenvolveu-se mais após ser inserida no contexto escolar. Essa é mais um prova de que a interação social aliada ao relacionamento afetivo gerará um sujeito com capacidade de superar-se a cada dia.

A razão, aliada à afetividade, constrói um alicerce para a confiança, lealdade e o maior de todos os sentimentos, a proatividade em atender o que lhe for apresentado. Essa predisposição irá desnudar sentimentos variados que o professor atento poderá alimentar, essa fonte de desenvolvimento tão explícita. A vivência adquirida nas experiências da interação da criança com os adultos irá integralizar os aspectos emocionais e sociais. As atividades dos seres humanos vêm de uma força interior que, se estimulado com conhecimento e afetividade, irá ampliar o crescimento cognitivo da criança. E se utilizar o fornecimento dos meios de se obter conhecimento juntamente com a afetividade, mas não a afetividade de expressão de carinho, também, mas com o propósito de transformar, afetar o ser a quem o conhecimento está sendo apresentado.

A afetividade é um percurso que deve ser compreendido e usufruído por ambos (o ser emissor do afeto e o ser afetado), porque se beneficiam dos sentimentos variados que induzem a motivação e estimulam, além da interatividade e a unicidade que cada um pode exercer sobre o outro. Quando essa emoção aparece, já será explícito o crescimento intelectual. Logo os processos que envolvem o cognitivo e a afetividade darão frutos conforme a carência do sujeito, atribuindo-lhe o conhecimento. Essa carência está em todo ser humano, em qualquer esfera, e apresenta um elo muito forte que se alimenta da interação social. As respostas a essa carência configuram no desenvolvimento de sentimentos, aos que estão a sua volta e isso gera atitudes. O ponto mais alto dessa pesquisa: a atitude de se fazer construir o desenvolvimento da aprendizagem pela própria criança.

## **O EMPREGO DOS FATORES QUE EXPRESSAM A AFETIVIDADE O MEIO ESCOLAR**

O ritmo do desenvolvimento infantil será determinado pelo suporte técnico que receberá, aliado ao suporte emocional e motivacional, que é o afeto. A afetividade é uma ferramenta que capacita tanto o emissor quanto o receptor que, em uma determinada situação ou hora, será o elemento unificador do processo de ensino-aprendizagem. Ao abordar o emprego dos fatores que serão utilizados, a afetividade, como canal motivador para o processo de comportamento no desenvolvimento da criança,

se deparou com o envolvimento sentimental de ambas as partes, mas vale lembrar que há uma linha a ser seguida, que é a de se utilizar a afetividade como facilitador no processo do ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, ocorrerão vínculos que facilitarão a comunicação entre as partes. Com base nesse pensamento, é vital o cuidado com os critérios que irão orientar as atitudes no processo de ensino-aprendizagem.

O meio didático é o primeiro fator a ser aplicado, para que o professor consiga expressar em ações a criança qual caminho percorrer. A primeira ação é a pesquisa que fundamentiza a estrutura do caminho e os métodos que podem facilitar o processo de ensino-aprendizagem. “O pesquisador sintetiza todas as unidades de significados transformados (...) em uma descrição consistente” (Almeida; Mahoney. 2007).

Essas descrições consistentes permitirão interpretar as situações que necessitam de intervenção ou estímulos. Assim, os resultados serão recorrentes do que as crianças realmente conseguiram desenvolver-se. Vale lembrar que os registros dos resultados são de muita importância, pois media e nivela o caminho a ser afetado na criança em situações posteriores.

A atuação do professor é primordial, pois é ele quem desempenha, de forma muito ativa o desenvolvimento social e cognitivo de seus alunos. Em consequência, essa atuação deve ser de um modelador que direciona, motiva, estimula, ou não, de forma

consciente as ações promovidas pela criança no decorrer do processo. Ao direcionar o caminho e as ferramentas a serem utilizadas pelo aluno, o professor segue o caminho traçado sob as informações adquiridas na pesquisa prévia formulada e, sequencialmente, como Almeida (2007) diz: “sinaliza, assim, para uma característica do professor motivador: querer encontrar o prazer no ensinar e no aprender, tornando a relação do aluno com o objeto do conhecimento menos dolorosa possível.”

Porém, ainda segundo a autora, há duas vertentes para o posicionalismo do professor e é vital que esteja atento para não ser um professor bloqueador. Em suas palavras, se torna, “na verdade, nas diversas formas de atuações do professor que se constitui e qualifica a relação que se estabelece entre aluno e o conhecimento” (Almeida; Mahoney, 2007). Essa relação, segundo o pensamento de Wallon, é que “a pessoa é uma totalidade, um conjunto resultante da integração dos conjuntos motor, afetivo e cognitivo” (Mahoney, 2000).

A função primordial do professor é proporcionar o caminho para o desenvolvimento da criança em todos os contatos do universo da sala de aula, mesmo porque a aprendizagem está ligada diretamente à interação entre todos os seres envolvidos no processo. O autoritarismo, ou a falta dele, não favorece um clima de reflexão ou de participação, então não acontece a interação.

A disciplina não pode nunca ser como um adestramento, mas a uma ordem unida de opiniões. Os alunos podem ajudar a formular as regras ou combinados, visando a participação de cada um e, nesse momento, atentar para a expressão do afeto no estudo de caso pra cada regra, viabilizando o entender do porquê e para quê das regras da harmonia do espaço comunitário da sala de aula.

O desenvolvimento infantil na sala de aula é de grande valia, e é indispensável que afetividade e a inteligência estejam ligadas e que sofram a interferência do meio social, para que se una e seja capaz de formar pessoas éticas, seguras, capazes de conviver com as diferenças e as igualdades de forma harmoniosa e, portanto, produtivas. A sala de aula é o ambiente em comum para todos, tanto alunos como professor, e se tornam uma comunidade, onde se constrói o conhecimento e estimula o desenvolvimento de habilidades, virtudes e consciências comunitárias. Quando se fala de afeto, quer dizer crescerem juntos, ajudarem-se mutuamente e, assim, investir em uma sociedade afetiva, na condição de afetar ou transformar a própria sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O relacionamento que envolve o corpo docente e discente em um ambiente escolar é o fator de maior relevância para que obtenhamos uma resposta científica de que o afeto é um dos elos

que unem a capacidade, necessidade e conhecimento em aprender no processo de construção intelectual de uma criança.

A afeição se dá em várias formas, porém constata-se que é vital que a utilize no sinônimo de afetar os elementos que fazem parte do processo, ou seja, o aluno e o professor. Em síntese a busca pela compreender a afeição como elemento de consciência e racionalidade, se inteirando e contextualizando os três elementos que estruturam o afeto, que são a emoção, sentimento e a paixão.

Neste estudo, percebe-se que a visão de Wallon se faz necessária exatamente por direcionar as considerações hábeis do afeto aliadas ao conhecimento e à autonomia em construir do aluno.

É inegável que a mescla da visão importantíssima de Jean Piaget e singularidade da emoção de Wallon devam envolver-se no processo de aprendizado, para o qual é vital que os laços afetivos, ainda na formação fetal da consciência de uma criança e as fases estagiárias, nas quais o afeto se transforme no agente comunicador das primeiras abordagens de conhecimento que a criança irá construir para sua interação social e, a priori, a família gradativamente para com os mais próximos. Essas visões se sustentam nesse processo educativo e, conseqüentemente, facilitam e transformam o ambiente como ferramenta de aprendizado. Considera-se utilizar o afeto como o canalizador do conhecimento, fundamentando-se na confiança de assegurar-se de que os elementos, mecanismos, projetos, dinâmicas, são capazes de facilitar

o processo de aprendizagem e a construção da consciência e maturação infantil.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Almeida LRA, Mahoney AA (2014). Afetividade e aprendizagem. Contribuições de Henri Wallon. 4 Ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Gomes CAV, MELLO AS (2010). Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Florianópolis: Perspectiva.
- Gourlart IB (2005). Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor. 21 Ed. Petrópolis: Vozes.
- Mahoney AA (2000). Introdução. In: Henri Wallon – Psicologia e educação. São Paulo: Loyola.
- Piaget J (1983). A epistemologia genética. São Paulo: Abril Cultural.
- Piaget J (2011). Seis estudos de Piaget. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Piaget J (1962). A Relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança. 26(3).
- Vygotsky IS et al (2010). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução Maria da Pena Vilalobos. 11 Ed. São Paulo: Ícone.

Wallon H (1971). *As Origens do Caráter na Criança*. São Paulo:  
Difusão Europeia do Livro.

## Capítulo IV

---

# HQS: um caminho para a alfabetização<sup>4</sup>

Andressa Cardoso Carvalho  
Ma. Aline Ferreira Antunes  
Me. Ezequiel Martins Ferreira

**Resumo:** Este artigo apresenta, em linhas gerais, a contribuição das Histórias em Quadrinhos (HQs) para o processo de alfabetização e letramento de crianças na educação infantil e no Ensino fundamental (anos iniciais). Processo este que possibilita às crianças aprenderem e construir o conhecimento, mediado por ferramentas diversas da educação, dentre elas os quadrinhos. O artigo está dividido em três partes principais. Primeiramente, abrange o conceito de alfabetização, que consiste no aprendizado do sistema alfabético e sua utilização para a comunicação, por intermédio do ensino da leitura e escrita por meio de diversas linguagens. Em seguida, apresentamos o conceito de letramento, que se refere à função social do ato de ler e de escrever, que parte do contexto histórico social da criança. Por fim, discutimos, a partir de uma bibliografia básica, sobre a seguinte problemática proposta: como as HQs podem ser utilizadas como método de ensino.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. História em Quadrinhos. Ensino.

Este artigo foi desenvolvido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) homônimo defendido em 2019, na Faculdade de Educação Fan Padrão. Diante da possibilidade de divulgação dos resultados obtidos, fizemos o presente texto destacando a importância da alfabetização e letramento utilizando as histórias em quadrinhos (HQs) como metodologia de ensino na educação infantil e nos anos finais do ensino fundamental, a partir do que foi pesquisado e discutido no TCC.

Sabe-se que a alfabetização e letramento, apesar de terem características próprias, são dependentes uma da outra, sendo, portanto, inseparáveis. Para Soares (2010), alfabetização e letramento são dois processos próprios, diferentes, específicos e distintos com base cognitiva e linguística.

O ensino-aprendizagem acontece de maneira gradual e processual. Para que a construção da aprendizagem da criança aconteça de forma agradável e divertida, é fundamental que professoras/es e mães/pais/responsáveis a estimulem no processo de alfabetização e letramento, os quais não se limitam apenas em saber ler e escrever, mas, também, em aprender e entender o que se lê, se escreve, e, ainda, compreender o significado das coisas a partir do próprio mundo simbólico da criança. Nesse sentido, é fundamental que se entenda que cada criança tem seu próprio

período de aprendizagem a partir de suas vivências, suas experiências de mundo.

Foi pensando nisto que propusemos uma metodologia de ensino que versasse sobre a utilização de Histórias em Quadrinhos (HQs) na educação infantil como uma opção viável de ensino.

Vistas como uma influenciadora negativa para crianças, as HQs foram alvo de inúmeras críticas no Brasil e no mundo, sobretudo após a publicação do livro *The seduction of the innocents* de Fredric Wertham, em 1954. Para Vergueiro (2010), “pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQs, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras” (Vergueiro, 2010). Diante disto, a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, sendo banidos do ambiente escolar por muito tempo.

Hoje, muitas/os professoras/es e familiares reconhecem nas HQs uma importante fonte de ensino e um excelente recurso de aprendizagem. Ressalta-se que as HQs, por abrangerem uma linguagem diversificada e enriquecedora, vêm conquistando espaço no processo da aprendizagem, favorecendo, assim, o vocabulário da/o leitora/leitor. Desta forma, é evidente que o uso das HQs tem se tornado uma forma de incentivar e estimular a leitura de maneira aprazível e contextualizada. Além disto, no atual momento que vivenciamos de enfrentamento ao Corona Vírus, as escolas encontram-se em ensino remoto e os quadrinhos se mostram uma

alternativa possível de abordar temas na educação infantil. A possibilidade de produzir quadrinhos também se adaptou ao ensino remoto/virtual e alguns sites proporcionam de maneira gratuita, que as crianças possam criar suas próprias HQs<sup>5</sup>.

Para Vergueiro (2010), “as HQs são muito importantes para aprendizagem dos leitores, entretanto o papel desempenhado pelo professor é essencial, que tenha conhecimentos sobre o mundo das HQs, em todo seu contexto” (Vergueiro, 2010). Desta forma, pode-se observar que o compromisso docente é, por meio da pesquisa, aperfeiçoar e despertar, nas/os estudantes, o interesse pela leitura utilizando todas as metodologias e fontes possíveis e disponíveis.

A problemática da pesquisa desenvolvida ao longo do TCC girou em torno da seguinte questão: como as histórias em quadrinhos podem auxiliar na alfabetização?

Para isto, utilizamos leituras de Soares (2010), Ferreiro e Teberosky (1999), Vergueiro (2010), Eisner (1999), McCloud (1995), dentre outras/os autoras/es.

## **DA ALFABETIZAÇÃO:**

A alfabetização consiste no aprendizado do sistema alfabético e sua utilização para a comunicação por intermédio do

---

<sup>5</sup> Sugerimos o site: <https://www.storyboardthat.com/pt> para criação online de quadrinhos como ferramenta possível de ensino utilizando as HQs neste momento de educação virtual (remota).

ensino da leitura e da escrita. Entendemos que a alfabetização é realizada por meio da gramática e suas variações, possibilitando à criança a capacidade de ler e escrever textos.

Segundo Soares (2010), a alfabetização é um exercício em que o indivíduo compreende por meio de um mecanismo de ensino da leitura e da escrita, os processos de decodificação e codificação. Aprendem, assim, que os sons são representações da fala e as letras são representação dos sons. Em síntese, a alfabetização envolve processos nos quais as aquisições do conhecimento de leitura e escrita são transferidos. Possibilita à criança se familiarizar com os códigos linguísticos, os signos e símbolos.

Em *Psicogênese da Língua Escrita*, Ferreiro e Teberosky (1999) trazem uma compreensão de alfabetização como a aquisição do sistema representativo da escrita construído pela criança. Assim, levantam hipóteses da escrita como uma ferramenta importantíssima para a criança, no processo de alfabetização. Neste sentido, os autores propõem que as hipóteses de aprendizagem da leitura e da escrita se dão por meio da divisão das fases em: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Quanto ao nível pré-silábico: a/o estudante começa a distinguir números de letras, símbolos de desenhos, começa a compreender que a letra tem a função de escrever, mas ainda não sabe como registrar os códigos, nem identificar os sons das letras (fonemagrafema). Nesta fase, é natural que as letras sejam colocadas

fora de ordem, pois entendem que não podem escrever com poucas letras ou repeti-las. Acreditam, ainda, os nomes referentes a objetos pequenos são escritos com poucas letras e os referentes aos grandes objetos são escritos com muitas letras.

No nível silábico, por sua vez, a criança coloca uma letra para cada sílaba. Tal fato pode ocorrer tanto com valor sonoro convencional (a partir da fonética da palavra) quanto sem ele. Nesta fase, começa a compreender palavras monossílabas; contudo, ainda encontra muitos conflitos. Pode acrescentar algumas letras nas palavras, para ficar harmonioso visualmente, mas possui dificuldade em compreender artigos, preposições e verbos. Ressalta-se, entretanto, que a/o estudante, nesse período, consegue compreender com mais facilidade os substantivos, pois fazem sentido para elas/eles, que passam a compreender seus significados, por exemplo, palavras como: cama e boneca. Passa a entender a correspondência entre o som e a letra, tenta estabelecer a relação entre o contexto sonoro da linguagem e o contexto gráfico do registro.

Na fase do nível silábico-alfabético, a criança começa a escrever sílabas de forma correta, permanecendo ainda alguns erros. Este nível marca a compreensão de que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, ou seja, não pode ser representada por apenas um grafema e, sim, por mais de um. Descobre, ainda, que a sílaba possui elementos menores. Neste nível, em que a

criança está saindo do nível silábico, pode colocar uma letra, visando representar uma sílaba e, posteriormente, acrescentar outras letras, aproximando-se, com isso, do nível alfabético. Salienta-se, no período de transição em questão, que a criança começa a grafar sílabas mais complexas e a fazer questionamento sobre a estrutura da sílaba, porém não tem um repertório variado para escrever corretamente.

Por fim, no nível alfabético, ultrapassados os níveis pré-silábico, silábico e silábico-alfabético, em que a criança aprendeu, por intermédio da construção de hipóteses e, até mesmo, sobre seus erros, ela entende que a sílaba não pode ser considerada um todo e que pode ser separada em unidades menores. Compreende, ainda, que a identificação do som não é garantia da identificação da letra, o que pode gerar dificuldades ortográficas.

Portanto, no nível alfabético, o fato da criança escrever foneticamente não é garantia de que consiga escrever ortograficamente correto.

Concluimos a partir disto, que a alfabetização, depende da junção de dois processos: o de escrita e o de leitura, concomitantemente. Embora o ato de ler e escrever sejam atividades complexas, são indispensáveis na vida e na construção de uma educação cidadã. O domínio da escrita e da leitura permite ao sujeito ampliar seu campo de conhecimentos. Acredita-se que é possível atingir a qualidade na educação das classes de alfabetização, com

práticas educacionais que utilizem diferentes recursos e que proporcionem melhor desenvolvimento à criança, pois, uma vez alfabetizada, ela terá grandes chances de obter êxito nos progressos de seus estudos, tendo, inclusive, a possibilidade de ser autor de relevantes transformações e conquistas em sua vida. Foi baseado nisto que propusemos a utilização de quadrinhos em sala de aula, como um recurso do processo de ensino-aprendizagem.

## **DO LETRAMENTO:**

Enquanto a alfabetização desenvolve a aquisição da leitura e da escrita, o letramento se ocupa da função social de ler e escrever. É o estado que um indivíduo, ou grupo social, alcança depois de se familiarizar com a escrita e a leitura, possuindo uma maior experiência para desenvolver as práticas de seu uso nos mais diversos contextos sociais.

É evidente que uma pessoa letrada desenvolve a capacidade de se informar por meio de jornais e revistas (impresos/virtuais), ou redes sociais, o que lhe permite interagir com o meio social; além de seguir receitas, criar discursos, interpretar textos, e ser capaz de uma leitura histórica, crítica e contextualizada do mundo que vive.

O letramento é uma palavra que surgiu em meados dos anos 1980, após várias pesquisas na área da linguística, psicolinguística e demais ramos, que trouxeram um significativo aporte para a educação, ou seja, a integração das/os estudantes a uma prática de

linguagem significativa, promovendo, assim, a ressignificação de todos os portadores textuais que já fazem parte de suas práticas sociais (mundo simbólico), de forma a inseri-los em outras práticas, como metodologia para o progressivo desenvolvimento de capacidades de linguagens.

O letramento é desenvolvido mediante a participação da criança em eventos que pressupõem o conhecimento da escrita e o reconhecimento do valor do livro como fonte fidedigna de informação e transmissão de valores. Aspectos estes que auxiliam no processo de escolarização visando o desenvolvimento do letramento acadêmico. Neste sentido, é preciso compreender a/o estudante como um sujeito que possui cultura, atribuindo significado ao mundo e as respectivas ações que são envolvidas no processo.

O letramento surge para atender às necessidades sociais, ou seja, alfabetizar e letrar o indivíduo para o mundo, não só para a própria escola ou a vida acadêmica, faz parte da formação cidadã. Com isto, a escola deve ser vista como agência de letramento, que busca enfatizar as ações escolares ao ampliar o repertório de atividades e reelaborar práticas com vistas à compreensão que extrapolam a decodificação; como processos sociais de interação indispensáveis à aprendizagem da leitura e escrita. Isto implica redimensionar os currículos escolares, extrapolando conteúdos meramente gramaticais, desarticulados da dimensão social.

Consequentemente, torna-se claro o abismo que existe entre a escrita escolar e a escrita social (popular, coloquial). Esta é marcada pela conversa das múltiplas linguagens, enquanto aquela é marcada por práticas mecanizadas da cópia da soletração, do uso de textos artificiais fora da realidade, o que pode formar estudantes analfabetos/as funcionais.

Para Soares (2010), o letramento é um “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais” (Soares, 2010). Ou seja, o letramento não é um conhecimento isolado. No entanto, ele muda a vida do sujeito em relação ao mundo, melhor dizendo, não é aquele que sabe apenas ler e escrever, mas que atende adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita.

Considerando a existência de uma sociedade subjugada, dominada pelo ensino mecanicista centrado apenas em ensinar a ler e escrever, entendemos que esta limitação não é suficientemente benéfica para o uso nas práticas sociais, culturais e econômicas. Em virtude disto, emerge a necessidade de apropriação da escrita na sociedade.

O letramento é resultado desta dificuldade de exercer as habilidades da leitura e escrita. Soares (2010) afirma também que o problema da educação não é ensinar o indivíduo a ler e escrever, mas, acima de tudo, conduzir as pessoas a dominar as habilidades da escrita e leitura em suas práticas sociais, ou seja, uma pessoa

letrada é aquela que domina e as utiliza com competência em seu meio social.

O letramento, para Kleimam (2008), engloba um sistema que vem transformando seu uso na sociedade, isto é, proporcionando mudanças tecnológicas e sociais, socializando o ensino, antes limitado ao ler e escrever, à ênfase de um ensino globalizado, envolvendo, inclusive, as tecnologias nas aquisições das habilidades que o letramento proporciona.

No atual momento de quarentena e obrigação de um ensino remoto, torna-se mais importante ainda discutir no âmbito acadêmico educacional sobre as tecnologias da informação aplicadas ao ensino e sobre as diversas opções de fontes e mídias alternativas em sala de aula.

## **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR:**

O processo de alfabetização consiste na aprendizagem da língua escrita e da leitura. Deve acontecer de forma sistematizada, estabelecendo uma relação com a realidade da criança, tendo em vista sua linguagem natural. Segundo Ferreiro (2011), “a língua escrita é um objeto de uso social, com uma existência social, e não apenas escolar” (Ferreiro, 2011). Ou seja, a criança, além do contato escolar, deve estar em constante contato com as mais variadas formas de escrita, seja em anúncios, *outdoors*, jornais, rótulos, bulas,

etc. A escola não pode impedir que a criança ignore seu conhecimento ao ingressar na educação formal. Seu conhecimento simbólico, do mundo que a rodeia deve ser sempre considerado, pois não são excludentes, mas complementares.

No processo de aquisição da língua escrita na escola as/os educadoras/es por vezes se esquecem que, da mesma forma que a criança necessita aprender a ler e a escrever, também deve aprender a codificar e decodificar o alfabeto e, do mesmo modo, a utilizar seus conhecimentos nas práticas sociais. Nesse sentido, o papel da escola e da/o docente torna-se de suma importância, pois é faz parte da competência educacional utilizar as diversas metodologias possíveis de alfabetização e letramento.

Isso contextualiza a aprendizagem e desperta na criança o sentimento da importância de ser inserida na sociedade, ou seja, contribui para seu reconhecimento como cidadã/cidadão. A/o docente deve ser mediador/a, que parte da observação da realidade para, em seguida, propor respostas, contribuindo, desta forma, para a formação crítica e participativa. Isto, por sua vez, exige planejamento prévio das aulas com coerência, visando à construção de conhecimento tanto técnico quanto social.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o letrado vive em estado de letramento, é não aquele que sabe ler e escreve, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, prática a leitura e a escrita, responde

adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (Soares, 2010).

Pela relevância do tema, é importante frisar que, as práticas de alfabetizar e letrar não se limitam ao âmbito escolar, uma vez que, segundo Kleiman (2008), a escola é uma das agências mais importantes para o desenvolvimento das habilidades da escrita e da leitura, com competência no uso social, isto sem desmerece o próprio contexto social no qual está inserida.

## **PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:**

A *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB)*, Lei número 9.394 de 1996, foi criada com o objetivo de organizar o sistema educacional brasileiro da rede pública e privada. Tal documento legal trouxe inovações significativas à educação brasileira, assegurando, a todas/os, o direito à educação independente da sua classe social, econômica ou etnia. A educação é, portanto, um direito fundamental da cidadã/do cidadão brasileira/o assegurado por lei e pela Constituição Federal (1998).

A lei determina que “o ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão” (BRASIL, 1996). A LDB assegura que, aos seis anos completos de idade, a criança esteja matriculada nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ainda neste mesmo ordenamento legal, a respeito dos anos iniciais, a lei prevê que o conhecimento da criança é adquirido pelo processo de escolarização, desenvolvendo habilidade e capacidade de reflexão, tornando-a participativa em práticas sociais.

É de suma importância, na aprendizagem dos anos iniciais do ensino fundamental, que leitura e escrita sejam desenvolvidas por completo no aprendizado. Conforme a *Lei de Diretrizes*, o conceito de alfabetização diz respeito ao domínio da leitura e escrita, tornando um cidadão capaz de exercer e prosseguir sua vida acadêmica com autonomia.

O conhecimento da criança se dá (ou acontece) antes mesmo de ser inserida no âmbito escolar. No entanto, para a consolidação dos conhecimentos, é preciso que ela seja matriculada na escola, onde os processos de aprender a ler e escrever acontecerão de forma sistematizada, levando em conta o conhecimento prévio adquirido tanto dentro da escola quanto no contexto social em que vive.

Desse modo, Ferreiro (2011) afirma que: “desde que nascem, as crianças são construtoras de conhecimento. No esforço de compreender o mundo que as rodeia, levantam problemas muito difíceis e abstratos e tratam, por si próprias, de descobrir resposta para eles” (Ferreiro, 2011).

Conforme a autora, a criança, desde o seu nascimento, vive em constante contato com as mais variadas formas de comunicação

e informação, seja no contexto familiar ou social. A escola não será a primeira experiência da criança com diferentes linguagens. O pensamento construtivista da autora aponta que a criança é construtora do seu próprio conhecimento e, ao adentrar na escola, traz consigo experiências que devem ser levadas em conta.

A *Base Nacional Comum Curricular* - BNCC assegura que criança seja alfabetizada nos seus dois primeiros anos do ensino fundamental, considerando as experiências vividas no seu contexto social, familiar, cultural, e também na Educação Infantil. Desta forma, dever ser valorizado suas vivências e aprendizagem preexistentes e como referidas experiências podem atuar no mundo em que vive. Assim, a BNCC afirma que:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letamentos (BNCC, 2017).

Por apresentar de maneira objetiva as habilidades que devem ser desenvolvidas no primeiro e no segundo ano de ensino, a BNCC dá condições para que os professores avaliem o nível de desenvolvimento dos alunos e definam estratégias adequadas de ensino. Estabelece, ainda, conteúdos essenciais e competências que as crianças e adolescentes deverão desenvolver na educação básica.

O aprendizado da escrita requer habilidades cognitivas e motoras, o que necessita de prática, independente do meio utilizado e material utilizado – lápis, borracha, papel ou teclado do computador. Pelo documento, é considerado fundamental que o aluno faça diferenciação entre a escrita e outras formas gráficas de expressão, assim como é necessário o entendimento de que o princípio que regula a escrita é a correspondência entre letra e som.

### **A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS:**

A escolha sobre o tema alfabetização e letramento, utilizando as histórias em quadrinhos, ocorreu em virtude da vivência com o estágio de jovens e adultos (EJA) desenvolvido no primeiro semestre de 2019, pela primeira autora, na Escola Municipal Maria Aparecida Gonçalves Marques, situada no Município de Trindade. Nesta ocasião, ao ouvir a professora comentar com alguns alunos, que a leitura das histórias em quadrinhos auxiliaria significativamente em sua alfabetização, uma vez que, por possuírem imagens e histórias curtas, poderiam proporcionar uma melhor compreensão da linguagem e funções das pontuações.

As Histórias em Quadrinhos possuem uma linguagem específica que muitas vezes são confundidas com cartuns ou charges. Por mais que sejam formas de representação semelhantes, entende-se que as HQs possuem elementos que assumem uma

característica própria. Os quadrinhos são um meio de comunicação que transmite ao leitor informações, por meio da sua linguagem, sua estética, da sua forma estrutural, etc.

Desse modo, os quadrinhos são caracterizados como uma arte sequencial, o que implica em uma interpretação de seus elementos a partir de uma continuidade lógica, que por vezes deve ser construída pelos/as leitores/as na sarjeta (espaço entre os quadros). Segundo Eisner (1995),

A função fundamental da arte dos quadrinhos (tira ou revista), que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolver o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos (Eisner, 1995).

Os quadrinhos expressam ideias, imagens, ações e lugar, lidam com os mais diversos elementos de diálogo, ou seja, a capacidade de decodificação cognitiva e perceptiva de uma linguagem segmentada. Desse modo, para que os artistas possam ser sucedidos em suas criações e alcançar níveis considerados de leitores, precisam considerar o conhecimento do público.

## **A UTILIZAÇÃO DE HQS NA ALFABETIZAÇÃO:**

A linguagem dos Quadrinhos contribui de forma significativa para o processo de alfabetização, abrangendo uma

linguagem diversificada e enriquecedora. Vem conquistando seu espaço no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo, assim, o vocabulário do leitor, que, por sua vez, estimula sua criatividade, o senso crítico e a imaginação. Em sua maioria, são impressas em material colorido, atraindo a atenção das crianças, sobretudo as publicações da Maurício de Sousa Produções, no Brasil (muitas vezes disponíveis para acesso na própria escola).

As HQs lidam com duas ferramentas de comunicação importantes: a linguagem verbal e a não verbal, relacionando, entre si, duas informações distintas. Sua utilização propicia aos/às leitores/as a possibilidade de utilizar uma linguagem diferente em sala de aula. Este não é um trabalho simples para os professores, por isso precisam encontrar recursos que facilitem a utilização desta ferramenta de ensino-aprendizagem, como leituras coletivas, leituras guiadas, atividades de leitura e interpretação de quadrinhos em mais de uma ocasião (com o objetivo de criar o hábito da leitura e a identificação com a linguagem das HQs que mistura, por vezes, imagem e texto).

Desta forma, pode-se encontrar na linguagem dos quadrinhos fundamentos bastante úteis no processo de ensino-aprendizagem da criança. Segundo Freire (1996), o papel do professor como mediador da aprendizagem é de suma importância, porque o educador não é aquele que ensina conteúdos, mas que habilita seus educandos a pensar acerca da sociedade.

Trabalhar com a linguagem dos quadrinhos no âmbito escolar é um recurso benéfico que, por sua vez, proporciona às/aos estudantes o desenvolvimento de habilidades de imaginação, dramatização e criação de suas próprias histórias. Dito isto, podemos afirmar que esta linguagem utilizada na educação infantil e no ensino fundamental é uma ferramenta prática, contendo elementos que auxiliam os professores no processo de alfabetização.

Os quadrinhos podem ser utilizados na educação como instrumento para a prática educativa, porque neles podemos encontrar elementos composicionais que podem ser bastante úteis no meio de alfabetização, [...] técnicas artísticas como enquadramento, relação entre figura e fundo [...], induzindo os alunos que não sabem ler e escrever a aprenderem a ler e escrever a partir de imagens, ou seja, estariam se alfabetizando (Araújo et al., 2008).

Estudos têm apontado que a linguagem dos quadrinhos tem tornado o ensino mais prazeroso, pois motivam os alunos a se interessarem mais pelos conteúdos escolares, tendo em vista que estimulam a curiosidade da criança e jovens e os incitam o senso crítico, considerando a relação existente entre imagem e texto. Abrange, assim, a possibilidade de entendimento, além de auxiliar a/o estudante na sua formação, de hábitos de leitura e enriquecer o vocabulário do/a leitor/a, de maneira dinâmica e animada.

Para Mendonça (2002), “reconhecer e utilizar histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica parece ser fundamental, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, se

associam para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos” (Mendonça, 2002).

Segundo Vergueiro (2010), as Histórias em Quadrinhos, durante muito tempo, eram vistas pelos professores e pais como um material que induzia preguiça mental, recurso, para ser lido num momento de lazer apenas para passar o tempo, mas nunca visto como um meio de aprendizagem. Eram vistas como algo que desviaria o interesse da criança referente aos livros didáticos convencionais. Por este e outros motivos, o uso das HQs foi, por muito tempo, proibido e evitado.

Entretanto, as mudanças legislativas contribuíram para a necessidade de se repensar o ensino. Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCNs, temos que “[...] é necessário que a instituição escolar garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva” (BRASIL, 1997).

De acordo com Vergueiro (2010), a utilização das HQs em sala de aula tem inúmeras possibilidades, podendo ser trabalhada, além da língua portuguesa, partindo para as demais matérias, estimulando a/o estudante a observar os diferentes meios de comunicação em todo o seu contexto.

A tirinha da Turma da Mônica, criação de Maurício de Sousa, reproduzida abaixo, permite uma discussão acerca do tema transversal meio ambiente e também uma interpretação linguística

da provocação do riso. Para que a criança entenda o riso contido nos quadrinhos, é preciso que conheça o personagem principal Cascão. É somente a partir do conhecimento prévio de que o garoto em questão não gosta de água e nem de banho, que a criança poderá estabelecer relação entre os quadros e perceber que a indignação do personagem (aquilo que é absurdo para ele) não é a torneira pingando (que imediatamente a criança identifica como absurdo após ter aprendido sobre a preservação da água potável e do meio ambiente), mas sim com a própria torneira.



**Figura 1.** Cascão. Fonte: Turma da Mônica<sup>6</sup>.

Por meio da interpretação da linguagem verbal e não verbal dos personagens Cascão e Marcelinho, podemos perceber as mudanças em suas expressões corporais/faciais entre um quadrinho e outro. Para Mcloud (1995), é neste momento que a “imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma ideia” (Mcloud, 1995), ou seja, é na sarjeta onde o nada é visto e que os

<sup>6</sup> <http://turmadamonica.uol.com.br/tirnhas/inde.php>. Acesso em: 26 out. 2019.

leitores são instigados a imaginar para completarem a história (o que depende diretamente do conhecimento de mundo da criança leitora).

Assim, as HQs, além de trabalhar com palavras e imagens ao mesmo tempo, como Eisner (1999) afirma, “é possível [também] contar uma história através de imagens, sem ajuda de palavras” (Eisner, 1999), como se pode observar na tirinha que segue:



**Figura 2.** Cebolinha e Cascão. Fonte: Turma da Mônica<sup>7</sup>.

Isto é, mesmo em uma sequência que não utilize escrita, a criança tem a capacidade de interpretar a lógica entre as imagens. Mas isto depende, novamente, de um conhecimento prévio e de um hábito de leitura de quadrinhos. Parece óbvio, mas uma pessoa que nunca conheceu Turma da Mônica, não terá os códigos linguísticos necessários para identificar a imagem/o texto e conseqüentemente, a leitura não terá significado algum, por isto as pesquisas semióticas com quadrinhos também são muito importantes para o

<sup>7</sup> <http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas/inde.php>. Acesso em: 26 out. 2019.

aprofundamento dos conhecimentos sobre o tema para docentes que optem por utilizar esta fonte em sala de aula.

Na Figura 2, é preciso que a/o leitor/a conheça os personagens Cascão e Cebolinha e saibam que este tem uma “rixa” com a personagem principal Mônica por ela ser a mais forte a rua. Tendo acesso à esta informação, a criança consegue entender o esforço tamanho feito por Cebolinha nos quadrinhos 1 a 2, sua desistência no quadrinho 3 e, por fim, a solução fantástica, que provoca o riso, no quadrinho 4: registrar o momento de um ponto de vista diferente (de cabeça para baixo).

As imagens apresentadas mostram as interações dos personagens com seus respectivos objetos, proporcionando à criança uma leitura lúdica e criativa. Assim, o uso das Histórias em Quadrinhos no âmbito escolar requer compromisso da/o educadora/educador em atribuir metodologias e práticas pedagógicas que possam auxiliar na aprendizagem inicial da leitura e escrita.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Este artigo explorou como as Histórias em Quadrinhos podem contribuir para o processo de alfabetização e letramento na educação infantil e também no Ensino Fundamental, compreendendo-as como parte do processo de ensino aprendizagem e não somente como auxílio às/aos docentes.

Entendemos as HQs como uma fonte documental, uma metodologia de ensino possível e não exclusivamente como uma possibilidade de atração.

Autores como Will Einser (1999), Scott McCloud (1995) e Waldomiro Vergueiro (2010) foram fundamentais para compreender a linguagem dos quadrinhos, a necessidade de pesquisa e planejamentos *à priori* para uma aula articulada e fundamentada, que permita aos/às estudantes construir o conhecimento a partir desta ferramenta de alfabetização.

O que antes foi proibido em sala de aula, hoje se mostra um recurso recorrente na educação. Apesar da vasta possibilidade de utilização das HQs em sala de aula nos mais diversos níveis educacionais e nas mais diversas disciplinas, é importante afirmar que elas não garantem a solução dos problemas de leituras encontrados nos anos iniciais e no ensino fundamental, e nem que todos/as os/as profissionais da educação estarão abertos/as e capacitados/as para utilizá-las adequadamente como ferramenta de ensino, por isto afirmamos a necessidade e importância de uma formação inicial e continuada docente que proporcione uma ampliação do domínio das diferentes mídias, tecnologias, metodologias e ferramentas de ensino, não apenas os quadrinhos, mas também músicas, filmes, pinturas, jornais, literatura, fontes orais (entrevistas, por exemplo), entre outras de modo a diversificar

o ensino e proporcionar aos/às estudantes um conhecimento cada vez mais amplo das diversas linguagens existentes.

É por meio da capacitação continuada que docentes da educação infantil e ensino fundamental garantirão a formação adequada para sempre aperfeiçoarem seus domínios das mais diversas linguagens e ferramentas da educação. Defendemos, pois, que leituras sobre a utilização de HQs em sala de aula sejam o ponto de partida para docentes que pretendem utilizá-las nas aulas, seja como ponto de partida, seja como documento a ser interpretado, seja como avaliação final, ou seja como produção dos/as próprios/as estudantes.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Araújo GC et al. (2008). As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso Didático Pedagógico. Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes. Uberlândia.
- BRASIL (1996). Lei 9.394/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL (2017). Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica.
- BRASIL (1997). Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares

- nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- Eisner W (1999). Quadrinhos e arte sequencial. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferreiro E, Teberosky A (1999). Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Ferreiro E (2011). Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez.
- Freire P (1996). Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz, Terra.
- Kleiman ÂB (1995). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de letras.
- Mendonça MRS (2002). Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: Dionísio AP et al. Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucena.
- Mcloud S (1995). Desvendando os quadrinhos. São Paulo: Makron Books.
- Soares M (2010). Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Vergueiro W (2010). Uso das HQs no ensino In: Rama A, Vergueiro W (Orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto.

# Métodos ativos da educação: autonomia e liberdade no desenvolvimento infantil<sup>8</sup>

Luana Gabriela Chaves  
Mariane Ribeiro Silva  
Esp. Érica Sandoval Garcêz  
Me. Ezequiel Martins Ferreira

**Resumo:** O capítulo relata sobre o desenvolvimento infantil e os métodos ativos da educação, enfatizando a liberdade e autonomia nos anos iniciais. Baseando-se principalmente no Método Montessoriano e nos métodos ativos de ensino dos autores Decroly e Dewey. Os métodos aqui mencionados foram resultados de pesquisas bibliográficas, onde são feitas explicações, comparações e destaques dos pontos positivos e negativos de cada um. Esses métodos têm o foco voltado para a liberdade para que as crianças cresçam autônomas. O capítulo é composto por cinco parágrafos explicativos com o objetivo de compreender como os métodos de educação auxiliam no processo de desenvolvimento infantil nos anos iniciais. O capítulo também dialoga com a teoria de Jean Piaget sobre as cinco fases do desenvolvimento infantil para melhor compreender as ações das crianças em cada uma das fases. Trata-se de um capítulo do tipo qualitativo visando o respeito a cada um dos métodos aqui mencionados.

**Palavras-chave:** Autonomia. Liberdade. Anos iniciais. Desenvolvimento.

A educação acontece em todos os lugares, e existem diversos modelos de educação, pois a escola não é o único ambiente onde acontece, e o professor não é o único mediador e detentor do conhecimento. Existem inúmeras formas de educação, cada uma atendendo as necessidades da sociedade em que está inserida, pois é assim que são repassadas as culturas e formando suas próprias identidades (Brandão, 1995).

Além da escola, a sociedade em que vive é uma importante fonte geradora de conhecimento em uma criança em fase de desenvolvimento é através de atos que por ela são observados que compõem seus aprendizados primários, espelhando-se em pessoas do seu cotidiano e em atos comuns existentes em sua volta, por sua vez, a escola tem a capacidade de organizar o conhecimento, ou seja, transformá-lo em conhecimento científico.

O termo liberdade nas escolas está ligado a uma concepção na qual a criança vai estar livre para fazer o que ela quiser. E da mesma forma os pais tem essa concepção, em que a liberdade dada pelo professor irá deixa a criança livre para fazer o que quiser. Mas por liberdade entendemos a independência que cada pessoa tem o direito de expressar suas ideias livremente.

No Método de Educação de Maria Montessori (1870 – 1952) a liberdade é um importante recurso para que as crianças atinjam o seu melhor e desenvolva suas habilidades já existentes, que

podem ou não se desenvolver, o que vai depender da educação que ela recebe, ou seja, se essa habilidade é trabalhada, ela é desenvolvida.

Além desta autora, outros como John Dewey e Jean-Ovide Decroly são importantes pensadores da educação, baseados também em uma educação ligada a liberdade para o desenvolvimento da autonomia. No decorrer do capítulo seus métodos serão mencionados e discutidos, o que para muitos é uma educação baseado em “a criança faz o que quer” para os autores são métodos que desenvolvem as capacidades de cada aluno, sem rotular a criança e sem que os desmotive no decorrer de sua jornada educacional.

Decroly (1871-1932) é criador de um método educacional que tinha como objetivo romper a rigidez dentro dos ambientes escolares. Ele fez diversas pesquisas na área da psicologia, e este, foi o principal motivo que levou o educador a criar um novo sistema de ensino, que tinha a finalidade de preparar a criança para a vida adulta. Assim, criou o método em que a criança deveria se situar em um ambiente que seria possível, observar os fenômenos da natureza e a manifestação dos seres vivos a qual a cerca (Menezes, 2001).

Ao refletir a importância da construção da aprendizagem da criança Maria Montessori traz a ideia de que uma criança pode absorver grande parte do que acontece a sua volta, registrando o que

for relevante a si e fazendo assim a construção do seu conhecimento.

Dessa forma, atividades espontâneas que traz consigo a liberdade, a criança terá a capacidade de aprender fazendo de acordo com suas experiências e experimentação, assim a ela irá desenvolver a sua identidade e a sua autonomia.

Contudo, o Método Montessori apresenta uma inovação ao se pensar em uma criança autônoma e os métodos de Decroly e Dewey servem de auxílio nesse pensamento.

## **O QUE É SER CRIANÇA AO LONGO DO TEMPO?**

Segundo o historiador francês Philippe Ariès, durante muito tempo, a infância foi caracterizada como a fase em que o ser humano era totalmente inexperiente, dependente e incapaz de absorver assuntos mais complexos da sociedade (política, cultural e social). Mas, segundo Ariès (1981) as crianças eram vistas como um adulto em miniatura e, por isso, usavam as mesmas vestes dos adultos e trabalhavam nos mesmos lugares e até eram tratadas da mesma forma (Ariès, 1981).

Nem sempre foi valorizada a infância, vemos isso ao estudar a História Social das Crianças, onde eram tratadas como adultos, desse modo, elas não eram entendidas de fato. Eram negligenciadas na escola e na família, porém, a criança é um ser livre, que tem

vontades e voz, com base nisso, elas precisam de atenção e cuidados específicos.

Kuhlmann Jr (2011) afirma que “pensar a criança na história significa considerá-la como sujeito histórico, e isso requer compreender o que se entende por sujeito histórico”. (Kuhlmann Jr, 2011).

Entende-se por sujeito histórico, todo ser que faz parte da história e que contribui para sua mudança. Alguém que marcou a história ou fez parte de alguma forma de alguma mudança, e as crianças passaram por mudanças significantes, ou seja, tornou-se sujeito histórico.

A criança não passava certamente pelos estágios de desenvolvimento estabelecidos na nossa sociedade atual, assim que a criança apresentasse independência física, ela era conduzida a fazer as mesmas tarefas que os adultos e jovens adolescentes, não passando a socializar com a família e aprendendo apenas o que era lhe passado durante as tarefas com as pessoas mais velhas.

Ao surgir as primeiras instituições de ensino no século XVII, as crianças foram separadas dos adultos e levadas para as escolas, que na época foi separada em “séries”. Para Kuhlmann (2011) essa separação, foi chamada de “quarentena”, que era uma espécie de preparação da criança para a vida adulta. Mas, mesmo com o surgimento das instituições o conceito de infância ainda era concreto e único para as pessoas daquela época.

Isso começou a mudar quando a igreja interveio, passando a ser a principal responsável pelas instituições de ensino, assim, os pais começaram a participar da vida escolar de seus filhos (Kuhlmann, 2011).

Ariès (1981) sobre esta mudança discorre:

Trata-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perde-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais se reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (Ariès, 1981).

A partir de então, a criança era vista como um ser que precisava de ajuda em tarefas simples para que, com sucesso, conseguisse realizar sem muita ajuda as tarefas mais complexas, e assim surgiu a ideia de que a criança passa por fases, e o adulto deve respeitá-las e auxiliá-las para que passem pela fase atual sem maiores dificuldades.

## **CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: AS QUATRO FASES**

Segundo Jean Piaget (1970) o desenvolvimento humano se dá por quatro fases, onde cada período está se preparando para o

próximo. Cada fase mostra o que de melhor o ser humano é capaz de fazer nesse período (Piaget, 1970).

O 1º período que Piaget (1970) se refere é o Sensório-motor onde a criança ainda é um ser ligado a estímulos e reflexos, observa com os olhos tudo a sua volta. O bebê assimila o meio sem fazer a construção de pensamentos, ele repete e imita.

O 2º período é chamado de pré-operatório, acredita-se que é nessa fase que se dá início ao desenvolvimento da linguagem, a criança tem uma inteligência simbólica, ou seja, passa assimilar as coisas mais óbvias para os adultos, que para eles são complexos.

Já no 3º período que é chamado de operacional-concreto a criança é capaz de fazer análises lógicas, ou seja, a criança passa a raciocinar de modo coerente. Começa a desenvolver inclusive habilidades matemática, fazendo operações mentalmente.

E por último no 4º período chamado de Período das Operações Formais, a criança passa a aplicar todas as suas habilidades formadas nas fases anteriores, ela consegue raciocinar sobre hipótese, buscando soluções para problemas. A criança é capaz de criar conceitos e ideias.

Para Piaget (1970) as crianças não são vazias, ou estão em branco, elas são construtoras ativas de seus conhecimentos, aprendendo e crescendo em cada período, na interação e no meio em que vive, formam seus conhecimentos baseado em um raciocínio.

Através do meio, a criança responde aos estímulos construindo e organizando o seu próprio conhecimento, dessa forma, devem ser propostas novas formas de organização da sala de aula a partir do que Jean Piaget (1970) ressalta sobre o desenvolvimento da criança.

Portanto, o desenvolvimento cognitivo de cada criança está propício a mudanças a cada mudança de fase, ela evolui conforme sua maturação, sua convivência com outros e com o meio em que está inserido.

Vale lembrar que cada uma tem um tempo, estimulá-la pular fases é impossível, elas devem passar por todas as fases para que tenham um resultado positivo em suas atividades cognitivas e motoras.

## **EDUCAÇÃO INFANTIL: DESENVOLVIMENTO DOS ASPECTOS COGNITIVOS E SOCIAIS**

Por um longo período, a educação brasileira esteve voltada apenas pela transmissão dos conteúdos, não era valorizada a bagagem e os conhecimentos primários das crianças ficavam inexplorados. Antigamente era de responsabilidade dos pais desenvolverem os valores, tradições e costumes da sociedade em que estava inserido. Enquanto a escola frisava apenas as disciplinas tradicionais como matemática e gramática por exemplo.

Montessori (1967) e Decroly (2015) alegam que a socialização na educação infantil é importante para a criança, pois assim passam a entender melhor o mundo que a rodeia. Aproveitando seus conhecimentos e suas bagagens trazidas de casa e integrando com os conhecimentos adquiridos na sala de aula ela irá criar sua própria identidade. Contudo a grande questão dos educadores é: como inserir essa criança na minha sala de aula se cada uma traz uma bagagem própria que se difere das demais?

A comunicação em sala de aula é indispensável no processo de ensino aprendizagem. O diálogo é fundamental para o ensino e para estabelecer raízes entre educador e educando. O professor tem como ferramenta didática o diálogo. Com isso ele consegue conhecer e determinar a necessidade de cada aluno, trazer as experiências, aproveitando para integrar com os novos conhecimentos para que se possa desenvolver. O modo de interagir do professor com o seu aluno que o levará à construção do conhecimento.

“É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade, que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos” (Abreu; Masetto, 1990 *apud* Silva, 2013). Assim, além do próprio aluno, o professor é considerado um ponto principal para o processo de aprendizagem dos alunos, sempre os estimulando, obtendo a confiança e caminhando junto respeitando seus limites.

O desenvolvimento cognitivo sempre esteve inserido no âmbito escolar, desde sua passagem para o escolanovismo, a escola era responsável por passar os conteúdos aos alunos, lhes propiciar conhecimento geral e prepará-los para o mercado de trabalho.

O processo cognitivo agrega-se a uma aquisição onde a criança desenvolve as suas capacidades de percepção, de linguagem, compreensão, resposta e pensamento. Tudo isto é parte constitutiva da aprendizagem.

O papel da escola é promover a construção de conhecimentos mentais e desenvolver a habilidade motora nas crianças. Com o processo de construção da interação social, onde o professor promove atividades em grupo, o cognitivo é trabalhado em conjunto. E é dessa forma que o professor pode desenvolver o social, agindo sobre a construção do cognitivo individual das crianças.

Maria Montessori (1967) defende que as crianças nascem com o que ela chama de “mente absorvente”, ou seja, a criança tem a facilidade de absorver de forma espontânea o que acontece em sua volta e que, a aprendizagem acontece por conta própria, porém é necessário que os adultos monitorem de perto os desejos, as preferências e necessidades, para que lhes proporcione atividades que geram interesse e que esteja dentro de sua capacidade de aprendizagem (Montessori, 1967).

Concordando com as teorias de Montessori, John Dewey acreditava que o conhecimento é mais significativo quando se está ligado à vivência das crianças, pois elas também possuem suas próprias experiências e que podem ser aproveitadas no âmbito escolar. Assim, além dos conteúdos formais, o aluno teria algo do seu cotidiano, que podem ser compartilhadas na escola, tornando o conhecimento ainda mais prazeroso e recompensador.

Para Dewey deve-se trabalhar em conjunto, ao trabalhar o social a criança vai se modificando, criando sucesso em sua aprendizagem, que acontece quando se troca experiências, mas para que isso ocorra se deve pensar no ambiente (Dewey, 1979).

Conforme o autor "o aprendizado se dá quando compartilhamos experiências, e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de pensamento" (Dewey, 1916).

Para ele o trabalho em grupos ou duplas eram sempre mais proveitosos, pois assim as crianças aprendem a viver em comunidade, além disto, o trabalho conjunto leva a criança a aprender a dividir materiais, entender a realidade das pessoas em sua volta, ou seja, compreendem que existem diferenças, culturais, étnicas e sociais.

A trajetória de Jean-Ovide Decroly se assemelha também com a de Maria Montessori, ambos formados em medicina, criaram métodos de ensino para se trabalhar especialmente com “deficientes

mentais”. Porém, ao contrário de Maria Montessori, Decroly visa o trabalho em grupo como melhor agente de desenvolvimento social, já que para ele as escolas devem preparar as crianças para viver em sociedade. Além disso, Montessori destaca a importância do ambiente preparado, e Decroly trabalhava com instrumentos usados no dia-a-dia.

A escola deve fornecer um ambiente privilegiado para que de fato ocorra o interesse. Na interação dos alunos e da relação professor-aluno ocorrem trocas de conhecimento e experiências, passagem de conhecimentos espontâneos para o conhecimento científico.

Pois, a sala de aula é o centro escolar do aluno, o lugar onde passa a maior parte da sua vida acadêmica, onde tem os primeiros contatos fora da família e onde compreende o que é viver em sociedade. Por isso o ambiente deve ser confortável para que o aluno se sinta acolhido e consiga compartilhar seus pensamentos, descobertas e suas dúvidas.

Lopes (2006) afirma que:

Todos os ambientes constituídos para crianças deveriam atender cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover identidade pessoal, competência, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades de contato social e privacidade. (Lopes, 2006).

Dentre todos os aspectos mencionados daremos ênfase ao desenvolvimento de competências, a organização da sala de aula

deverá ter participação das crianças ali inseridas, os materiais devem ser acessíveis as crianças, de forma que eles possam usar sem muita ajuda do professor, para isso os materiais devem sempre estar ao seu alcance.

## **A LIBERDADE E A AUTONOMIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

O termo liberdade nas escolas está agregado a uma concepção onde a criança vai estar livre para fazer o que ela quiser. E da mesma forma os pais tem essa concepção, onde a liberdade dada pelo professor irá deixa a criança de certa forma sem controle. Mas por liberdade entendemos que é a independência que cada pessoa tem de expressar suas ideias livremente.

Ao se tratar de liberdade, Maria Montessori (1870 – 1952) afirma que cada criança tem suas próprias necessidades. E por meio delas, busca seu desenvolvimento. A liberdade trazida por Maria Montessori se baseia na possibilidade de escolher. Escolher a forma que quer aprender, os seus próprios materiais e liberdade para agir de forma espontânea.

Montessori (1949) diz que:

A educação não é aquilo que o professor dá, mas é um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano; que não se adquire ouvindo palavras, mas em virtude de experiências efetuadas no ambiente. A atribuição do professor não é a de falar, mas preparar e dizer por

## Configurações do Desenvolvimento Humano

uma série de motivos de atividade cultural no ambiente expressamente preparado (Montessori, 1949).

Ao se tratar de um ambiente preparado, ressaltamos a sala de aula, onde a criança enfrenta dois conflitos:

1º o local com proibições ou está inacessível (prateleiras de livros altas ou trancadas). O que gera na criança um certo desconforto e uma sensação de impotência, onde ela ficará frustrada ao não conseguir ter acesso aos materiais desejados. O 2º é o ambiente com acesso, porém que não tem auxílio de um adulto sobre como utilizar o espaço.

Nas escolas Montessorianas, usando resolver estas questões, as crianças e permitir que elas façam movimentos livres, assim, facilitar o desenvolvimento da independência.

Para que a criança desenvolva a sua liberdade, ela deve receber pequenas responsabilidades que irá contribuir com seu bem-estar, ou seja, algo que gerará nela, um certo prazer. Do ponto de vista montessoriano, a liberdade é um processo que cada criança tem um direito de construir só com o auxílio do adulto. Recebendo assim, oportunidades de ajuda para desenvolver seu potencial, porém, lembrando sempre que cada um tem seu ritmo de desenvolvimento.

Nesse contexto, o papel do professor é mediar e criar momentos na sala de aula para que a criança atinja metas e desenvolva sua personalidade, por meio da brincadeira, atividades

grupais e prazerosas, este é o principal objetivo do Método Montessori, que engloba também, a ideia de que a escola não é apenas o lugar de aprender teorias é também um espaço de educação para a vida.

Os adultos têm dificuldade em assumir que as crianças de certa forma são oprimidas pela sociedade. Para eles, é natural tratar a criança com inferioridade. Percebemos isso ao falar frases sobre as crianças: “pinguinho de gente”, “é quase gente”, “fala que nem gente”, “parece gente “– isso denuncia logo o pensamento ao se referir a uma criança, ou seja: “criança nem é gente”.

Entretanto, criança tem sentimento como qualquer adulto, é uma pessoa que exige compreensão e realização de suas necessidades, é um ser único, que carrega consigo todas as possibilidades da vida.

Righetti (2019) afirma que no dia a dia da escola, os processos de desenvolvimento da infância são exercitados, descobrindo que na vida existem regras, que elas podem ser questionadas, podendo até reconstruí-las, construir com as crianças as percepções do limite e da liberdade, que leva ela naturalmente a edificar a disciplina, ter um amável convívio social, no qual se mantém presentes o respeito e a ética. Para os pedagogos montessorianos, esse é o verdadeiro sentido da palavra “liberdade” (Righetti, 2019).

Outro pensador importante sobre a questão do desenvolvimento da autonomia infantil é Jean-Ovide Decroly (1871-1932), que defende as atividades grupais como o principal objeto de trabalho na educação infantil, onde as crianças ajudam as outras e assim despertam nelas o significado de viver em sociedade. Além disso, acreditava que a participação das crianças em sala de aula era o maior dos objetos de ensino, que garantiam a criação da sua própria opinião.

O significado da palavra autonomia está ligado ao conceito de liberdade, ou seja, uma criança autônoma é capaz de fazer escolhas, baseando-se nas suas necessidades. Além disso, a autonomia é um direito da criança, sendo constado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) de 1998.

Por outro lado, esse direito só será atingido se a criança for vista como um sujeito na construção dos seus próprios conhecimentos, pois elas têm um jeito único de conhecer o mundo em que pertence e como esclarece o RCNEI “compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais” (BRASIL, 1998).

Além do RCNEI, outro documento nacional que trata com importância a autonomia das crianças é a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). A BNCC foi aprovada em dezembro de 2017, esse documento foi criado para nortear o que se ensina nas escolas

do país, englobando todas as fases da educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio). França (2019) afirma que a BNCC é uma ferramenta para orientar na elaboração de um currículo, considerando suas particularidades metodológicas, sociais e regionais.

Isso significa que além de estabelecer alguns objetivos que se pretende alcançar, busca-se compreender as competências que um currículo escolar tem de fazer com que seus alunos alcancem seus objetivos e que seus educadores tracem as estratégias pedagógicas mais adequadas.

Em relação à autonomia, a BNCC destaca que é um importante fator a se desenvolver em uma criança, pois ao desenvolver sua criatividade, cooperação, autoconhecimento e resiliência estão mais preparados para construir relacionamentos, continuar seus estudos e ter renda estável, por meio de seus próprios esforços e conquistas.

## **MÉTODOS ATIVOS DA EDUCAÇÃO: MONTESSORI, DEWEY E DECROLY**

Métodos ativos, são os processos de ensino em que os educandos são o centro do processo de aprendizagem, são estratégias pedagógicas usadas pelos educadores para alcançarem os objetivos e motivar os alunos a construir seus próprios

conhecimentos, competências e aprimorar suas habilidades, sejam elas sociais ou cognitivas.

O Método Montessori, foi criado e desenvolvido por Maria Montessori, destacando seu método, ela destaca que toda atividade que uma criança realiza tem um papel importante em seu conhecimento, além disso, enfatiza a preparação do ambiente, que deve estar adequado para chamar atenção das crianças, propiciando ainda, a livre escolha de atividades que são dos interesses individuais e naturais de toda criança. Esse método destaca em sua teoria, que o ambiente preparado é aquele que atende as necessidades das crianças, pois tudo deve estar acessível. “Tudo deve ser medido, além de colocado em ordem, e que da eliminação da confusão e do supérfluo nascem justamente o interesse e a concentração” (Montessori, 1967).

No método montessoriano o professor tem como objetivo ajudar a elevar a capacidade das crianças. Elas devem usar da liberdade para elevar sua autonomia. A criança é a autora do seu crescimento intelectual, para isso a escola deve ser adaptada a fim de favorecer esse crescimento. Montessori (1961) nos mostra que a escola verdadeira

não é a de quatro paredes, entre as quais as crianças são confinadas, mas a de uma casa onde possam viver em liberdade para aprender e crescer. Essa ideia implica a necessidade de preparar as crianças para um mundo seu, particular, onde elas possam encontrar atividades condizentes com seu

## Configurações do Desenvolvimento Humano

desenvolvimento físico e mental. Numa escola montessoriana, o professor é um convidado, ou alguém que tenha em mente estar a serviço de seus alunos. (Montessori, 1961).

Montessori (1961) destaca outro papel do professor de guiar no desenvolvimento interior da criança. Visa o crescimento de valores, concentração e reflexão de seus movimentos. Pensando nisso Maria Montessori criou a técnica denominada de Linha, que consiste em alcançar o máximo de concentração da criança, técnica é dividida em cinco fases: 1ª Atenção: centralização das crianças na pessoa que irá comandar. 2ª Concentração sem esforço: consiste em andar por cima do traçado feito no chão. 3ª Concentração com esforço: composto por movimentos mais fortes, com uma atenção maior nos movimentos de seu corpo, dominando até os menores gestos. Um equilíbrio interior e exterior. 4ª Desconcentração: oportunidade onde a criança tem a chance de expandir de forma espontânea mostrando seus passos livremente em uma dança. 5º Relaxamento: as crianças se juntam para ficar em silêncio um modo de “meditação”, aonde a criança vai a penas escutar os barulhos e ruídos ao seu redor (Montessori, 1961).

Essa técnica busca uma educação interior, para a execução do exercício é necessário um planejamento. É a técnica que busca trazer a criança para o maior nível de concentração possível. Além dessa, podemos destacar diversas outras técnicas usadas por Maria Montessori para que obtivesse sucesso com todas as crianças

inseridas no meio escolar, são elas: o uso de um ambiente organizado, dividido em seções, como por exemplo: “seção de bonecas, seção de livros, seção de quebra cabeças...”. Atividades manuais, na qual as crianças manuseiam objetos que possam contribuir com sua formação, buscando atender suas necessidades, estimular o interesse das crianças com objetos que atraíam a sua atenção e formar grupos com crianças de diferentes idades. Montessori acreditava que isso poderia servir de estímulo para a aprendizagem, em que uma criança aprende com as experiências das outras.

Uma escola montessoriana pode impressionar as pessoas que ainda não tiveram nenhum contato, ao encontrar uma sala de aula organizada de forma espontânea e descontraída, com crianças no chão, a grande maioria deitadas em tapetes, livres, concentradas em suas atividades. Porém, são essas atitudes que refletem o comportamento de uma verdadeira escola montessoriana que possuem planejamento escolar voltado para a liberdade.

Além do ambiente preparado e da pedagogia voltada a escolhas das crianças, Montessori enfatizava ainda, a preparação de materiais adequados, pois é através deles, que a criança explora, vive e cria.

Para a autora Zilma Oliveira (2002)

Montessori teve como marca distintiva a elaboração de materiais adequados à exploração sensorial pelas crianças e específicos ao alcance de cada objetivo

educacional. Seu material didático buscava fazer um detalhamento rigoroso do conteúdo a ser trabalhado com as crianças e previa exercícios destinados a desenvolver, passo a passo, as diversas funções psicológicas (Oliveira, 2002).

Maria Montessori destaca que além de um ambiente preparado para proporcionar o crescimento intelectual da criança, o professor também deve preparar materiais adequados e destinados a atividade escolhida por ele, sempre visando o desenvolvimento e bem-estar das crianças.

Ao pensar no desenvolvimento da criança e no seu intelecto, o importante não está no ensinar, e sim nas condições colocadas para que isso ocorra. O educador deve pensar na necessidade da criança ao elaborar um ambiente, porque ao elaborar um ambiente bem preparado pode agir livremente onde irá trabalhar seu desenvolvimento. Pois “a criança é um corpo que cresce e uma alma que se desenvolve [...]” (Montessori, 1967).

A criança é fadada de potencialidade, e o método montessoriano parte da linha onde se acredita que o educador deve estimular para que essa potencialidade seja desenvolvida. A autora nos mostra em uma época totalmente tradicional o método transformador de se educar, por isso um ambiente preparado é tão importante quanto seus outros princípios.

John Dewey (1859 – 1952) um professor e filósofo americano, propôs um novo tipo de ensino, voltado estritamente à edificação de um sujeito autônomo, que tem como pilar suas

necessidades e suas capacidades. De acordo com Dewey, o conhecimento nasce de suas experiências onde o professor estimula o aluno resolver situações através de problemas. Dewey nos mostra a Escola Progressiva ou Democrática em que o aluno aprende no fazer. Com esse método fazemos a ligação com Maria Montessori de uma criança que tem a liberdade de aprender fazendo.

Conforme acentua Dewey (2011) a respeito da liberdade

Sem sua experiência é praticamente impossível para um professor conhecer os indivíduos com os quais ele está ligado. Silêncio forçado e aquiescência impedem os alunos de mostrarem sua real natureza e criam uma uniformidade artificial que coloca o parecer antes do ser. (Dewey, 2011).

Para Dewey (2011), é importante que o professor aproveite das oportunidades para desenvolvimento das capacidades e habilidades da criança. Com a orientação do professor e um estímulo da liberdade onde ela pode usar das suas experiências para um novo aprendizado, ele irá desenvolver as capacidades e habilidades intelectuais da criança.

De acordo com Dewey (2011):

Quando a educação é concebida em termos de experiência, uma consideração se destaca em relação às demais. Tudo o que possa ser considerado como matéria de estudo, seja aritmética, história, geografia ou qualquer uma das ciências naturais, deve derivar de materiais que, originalmente, pertençam ao escopo da experiência da vida cotidiana. Nesse aspecto, as propostas educacionais mais atuais se diferenciam

radicalmente dos processos pedagógicos que se iniciam a partir de fatos e verdades que se encontram fora do âmbito das experiências vivenciadas pelos alunos e que, por isso, enfrentam o problema de ter que descobrir meios de relacioná-los com tais experiências (Dewey, 2011).

No que tange a educação Dewey (2011) destaca a importância das experiências dos educandos, buscando trazer para sala de aula a vivência de cada um no processo de sua aprendizagem, levando em consideração a criança como um sujeito histórico e que está em constante transformação, cada criança do seu modo irá “absorver” o que lhe é ensinado com base nas suas aquisições.

Jean-Ovide Decroly (1871-1932) era um médico que sempre foi muito ligado a educação, assim como Maria Montessori, Decroly criou um método para ser utilizado com crianças deficientes (mental física ou com déficit de aprendizagem).

O médico belga dedicou-se a criar uma escola onde o aluno era o centro e não o professor, além disso, uma que preparasse as crianças para viver em sociedade ao invés de apenas fornecê-las conhecimento voltado exclusivamente ao mercado de trabalho. Também foi um precursor dos métodos ativos ligados à autonomia, ou seja, à possibilidade dos alunos conduzirem sua própria formação. Em muitas escolas observamos um ensino baseado na liberdade de escolher o que se quer aprender, ou seja, a escola é participante do método chamado como “global de alfabetização – e dos centros de interesse”.

Ferrari acredita que Decroly se baseava na ideia de que as crianças compreendem o mundo observando-o como um todo para posteriormente organizar suas ideias, o que o autor denomina de “caos à ordem” (Ferrari, 2008).

Então, as crianças eram desafiadas a compreender o mundo como elas a enxergavam, e a partir dali o professor atuava como mediador organizando as ideias dos alunos e esclarecendo suas dúvidas para que eles coloquem seus pensamentos em ordem.

Para Decroly, a criança devia sempre ser criança e não ser considerado um adulto em miniatura, tudo deve acontecer no seu tempo, e ser participante de um ensino globalizado, pois elas sempre se interessam por tudo que acontece em sua volta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por conseguinte, levando-se em conta o que foi abordado nesse capítulo faz uma análise a respeito dos métodos ativos da educação, defendendo uma forma livre de educar e de aprender. Processo esse em que o sujeito ocupa o centro das ações para se alcançar a construção do conhecimento. Ao longo do tempo os interesses da educação se modificaram, o que antes era visto como uma preparação para a vida adulta e a criança não era valorizada, passou a serem levadas em consideração suas vontades e a voz das crianças e dos adolescentes (Ariés, 1981). Foram criados então, métodos de ensino com técnicas e estratégias que atendessem as

necessidades do educando, desenvolvendo sua identidade e autonomia.

A partir destes métodos, surge também a ideia de que a criança passa por fases em seu desenvolvimento. O filósofo Piaget (1970) a divide em quatro fases: sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal. Nessas fases, o desenvolvimento cognitivo está em constantes mudanças, evoluindo e respondendo a estímulos através do meio.

Em uma época voltada para o tradicionalismo, em que as crianças eram consideradas uma folha em branco e o dono do saber era o educador, a educação estava ligada apenas a transmissão de conteúdo, porém, com o avanço da educação, o professor passa a desempenhar o papel do condutor, direcionador, visando trabalhar suas habilidades e capacidades. A criança já não é mais considerada uma folha em branco, mas sim um ser que carrega consigo uma bagagem com experiências e potencialidades individuais.

Além dos professores, a escola ganha um novo papel, o de promover a construção de conhecimentos mentais e desenvolver a habilidade motora nas crianças. Maria Montessori (1987) e Decroly (2015) afirmam que a socialização é importante para a criança, pois só assim passa a entender melhor o mundo a sua volta.

Baseado em um educar com liberdade para que as crianças cresçam autônomas, foram abordados no decorrer do capítulo, os métodos de educação de Montessori, Decroly e Dewey, estratégias

pedagógicas usadas por eles para alcançarem os objetivos e motivar os alunos a construírem seus próprios conhecimentos, competências e aprimorar suas habilidades, sejam elas sociais ou cognitivas. Concluímos então que a criança tem um longo histórico a ser estudado e compreendido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu MC, Masetto MT (1990). O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos. São Paulo: Cortez.
- Ariès P (1981). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Brandão CR (1995). O que é educação. 33ª Ed. Brasiliense, São Paulo.
- BRASIL (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF.
- Costa MPC (2001). Maria Montessori e seu método. Linhas Críticas, Brasília.
- Decroly JO, Monchamp E (2015). Iniciação à Atividade Intelectual e Motora Pelos Jogos Educativos. São Paulo: Editora Vozes.
- Dewey J (1979). Experiência e Educação. 3ª ed. São Paulo: Nacional.
- Dewey J (2011). Experiência e educação. São Paulo: Editora Vozes.

- Dewey J (1916). Democracia e Educação – (1916), Obra composta por 26 capítulos
- Dewey J (2010). Coleção Educadores MEC -, Fundação Joaquim Nabuco - Editora Massangana.
- Ferrari M (2008). Ovide Decroly, o primeiro a tratar o saber de forma única. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1851/ovide-decroly-o-primeiro-a-tratar-o-saber-de-forma-unica>>. Acesso em: 01 de nov. 2019.
- França L (2019). Bncc: tudo que você precisa saber sobre a base nacional comum curricular. Disponível em:<https://www.somospar.com.br/bncc-base-nacional-comum-curricular/>. Acesso em: 19 de out. 2019.
- Kuhlmann Jr, Moysés (2011). Infância e Educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.
- Piaget J (1970). A construção do real na criança. 3.ed. São Paulo: Editora Ática.
- Lopes KR et al. (2006). Coleção Proinfantil - Unidade 7. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância.
- MARAFON (2012). Educando a Criança com Paulo Freire: Por uma Pedagogia da Educação Infantil – A Realização do Ser Mais. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. (Tese de Doutorado em Educação), 203 f.

- Menezes E et al. (2001). Verbete método Decroly. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educa Brasil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/metodo-decroly/>>. Acesso em: 28 de ago. 2019.
- Montessori M (1967). A criança. Rio de Janeiro: Portugália Editora (Brasil).
- Montessori M (1961). A descoberta da criança: pedagogia científica. Kirion. Petrópolis, RJ.
- Montessori M (1949). Mente absorvente. Rio de Janeiro: Portugália Editora (Brasil).
- Oliveira ZMR (2002). Educação Infantil: fundamentos e métodos. Cortez Editora, 7º ed. São Paulo.
- Righetti M (2019). Limites, disciplina e liberdade em uma escola Montessori. Jacarepaguá, RJ, 2019. Disponível em: <<https://www.aldeiamontessori.com.br/dia-a-dia/limites-disciplina-liberdade/>> Acesso em: 22 de set. 2019.
- Silva MQ (2013). A Comunicação em sala de aula: despertando o interesse em educar e aprender. Web artigos. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-comunicacao-em-sala-de-aula-despertando-o-interesse-em-educar-e-aprender/114967>>. Acesso em 10 de set. 2019.

## Capítulo VI

---

# A educação: processo basilar na formação do cidadão<sup>9</sup>

José Leonardo Rodrigues de Souza

**Resumo:** O presente estudo objetivou verificar demonstrar que a educação é a base para a formação do cidadão. Esse processo educacional tem como aspectos fundamentais, a legislação educacional, regida pela LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o conhecimento científico, a psicologia da educação e o professor como aspectos importantes na promoção de mudanças e também a participação do professor em todo processo de formação do sujeito, pois com empenho podem deixar marcas positivas, que são capazes de despertar, de incentivar, sempre buscar por conhecimento, para que sejam instrumentos de transformação, na realidade social em que está inserido

**Palavras-chave:** Educação, formação, cidadão, professor.

A responsabilidade de garantir o direito à educação a todos os alunos é da união, dos estados e dos municípios. Para isso, criam-

---

<sup>9</sup>  10.46420/9786588319406cap6

se leis que regulamentas os parâmetros curriculares, com a padronização dos conteúdos, garantindo assim, que todos os estudantes tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem. Para que esse mesmo conteúdo seja aplicado na rede pública ou privada.

Com intuito de demonstrar a importância da construção do conhecimento científico para apontar alternativas visando superar as desigualdades sociais e sendo este um instrumento indispensável para a formação do cidadão.

compreender as diferenças existentes no sistema educacional, elaborar propostas que garantam, igualmente, o direito a educação a todos. Buscando conhecer as políticas públicas que auxiliam os gestores e professores, na superação dos desafios atuais, pensando em práticas pedagógicas que podem fazer da escola um instrumento de transformação do aluno e conseqüentemente da sociedade, garantindo a todos o acesso a uma educação de qualidade, que seja capaz de dá uma boa base para construir conhecimento.

O professor é considerado instrumento de socialização do sujeito, no entanto para exercer essa função, precisa-se conhecer e compreender a realidade dos alunos com os quais irá atuar. Neste aspecto os professores podem contar com o auxílio da psicologia, para entender os aspectos biológicos, fisiológicos, sociais e culturais do sujeito. E assim poder promover um ensino que atenda às necessidades educacionais de cada aluno, possibilitando assim que

esses alunos sejam formados com uma missão transformadora, para superar os desafios e lutar por uma educação de qualidade em todos os âmbitos.

O nosso desafio é demonstrar que a educação é um direito de todos e é de fundamental importância para a formação do cidadão. Este desafio passará pela legislação educacional, pela importância do conhecimento, tendo a psicologia da educação e o professor com requisitos basilares para a formação do cidadão.

## **DESENVOLVIMENTO**

A Educação é um direito de todos os cidadãos, e esse é um direito assegurado por lei, a união, os estados e os municípios têm a responsabilidade de garantir que o acesso de todos à educação. Para pensarmos em educação, precisa-se pensar além da escola, ou seja, escola e sociedade, visto que a sociedade tem um papel importante na construção do conhecimento do indivíduo (Saviani, 2005).

Saviani define o processo educacional afirmando que: “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 2005).

O processo de construção do conhecimento do sujeito não está separado do processo de formação humana, visto que a escola além de ser intermediadora do conhecimento científico, tem também a função social de integração de seus alunos com a

sociedade, ajudando-os na compreensão do mundo e das inovações tecnológicas que se desenvolveram ao longo do tempo. (Enguita, 1989).

## **EDUCAÇÃO: DIREITO ASSEGURADO POR LEI**

No Brasil existem leis que assegura o direito a educação a todos os indivíduos, e uma educação de qualidade, que garanta a mesma oportunidade a todos os estudantes, independente que estude em rede pública ou privada, os parâmetros curriculares devem ser os mesmos, mas na realidade não é bem assim que acontece.

Segundo dados do IBGE (2016) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 73.5% dos alunos em idade da educação básica frequentam as escolas públicas, enquanto 26.5% a rede privada. No entanto na educação básica os estudantes predominantes estão na rede pública, já quando partimos para o ensino superior, essa realidade se investe, a maior presença é de alunos advindos da rede privada (IBGE, 2016). Segundo Marcelo Knobel “A grande massa de estudantes que concluem o ensino médio em escolas públicas não considera o ingresso em universidades públicas”. No entanto se observarmos o total de estudantes que prestam vestibular para as principais universidades públicas do país percebemos a inversão: na Unicamp, por exemplo, aproximadamente 70% dos estudantes são egressos de escolas

privadas, enquanto 30% dos estudantes são de instituições públicas. (revista ensino superior).

Com esses índices podemos nos perguntar se o direito a educação é para todos. Qual o motivo de uma disparidade tão grande no processo educacional. Para Saviani (2008) uma característica marcante desses índices serem tão diferentes, são as desigualdades sociais no Brasil. Embora a escola tem um papel social, na construção de uma sociedade igualitária, pois como uma instituição social tem a responsabilidade pela formação do sujeito consciente de seus direitos e deveres na realidade que está inserido, mas para que isso aconteça são necessárias políticas públicas voltadas para área da educação, que atenda às necessidades de todos os estudantes e assegure o direito de uma educação de qualidade a todos os estudantes. (Saviani, 2008)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/ 96 é um importante instrumento que direciona alguns fundamentos das políticas públicas voltadas para a organização do sistema educacional brasileiro. No artigo 3º da referida lei assegura que o ensino será ministrado tendo como bases os seguintes princípios:

**I**- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; **II**- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; **III** - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; **IV** - respeito à liberdade e apreço à tolerância; **V** - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; **VI** - gratuidade do ensino público em estabelecimentos

## Configurações do Desenvolvimento Humano

oficiais; **VII** - valorização do profissional da educação escolar; **VIII** - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino; **IX** - garantia de padrão de qualidade; **X** - valorização da experiência extra-escolar; **XI** - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. **XII** - consideração com a diversidade étnico-racial. **XIII** - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida (LDBEN, 9394/ 96).

Esses princípios asseguram que todos os alunos sejam informados (formados) da mesma maneira. Para a regulamentação do âmbito pedagógico, constituem as políticas públicas regulamentadoras que oriente os profissionais da educação. Sendo os Parâmetros Curriculares Nacionais, para o ensino fundamental; e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio (Santos, 2012). Esses documentos são previstos pela Constituição Federal 1988, que estabelecem a padronização de conteúdos para o ensino, para garantir a formação básica comum e respeito aos valores culturais, nacionais e regionais (LDBEN, 9393/ 96).

## CONCRETIZAÇÃO DA LEI

A Educação tem o papel transformador para a sociedade, formando cidadãos conscientes, que estejam comprometidos com a construção de uma sociedade justa e que lute pelos direitos de igualdades para todos.

O ponto de partida da educação transformadora, que tem caráter fortemente crítico, é a constatação

## Configurações do Desenvolvimento Humano

de que a escola não transforma diretamente a sociedade, mas instrumentaliza os sujeitos que, na prática social, realizam o movimento de transformação. Isto é, a escola tem a especificidade de, ponto de vista da formação humana, garantir a apropriação de elementos da cultura que se transformem, na prática social, em instrumentos de luta no enfrentamento da desigualdade social (Tozoni-Reis).

Na perspectiva crítica de Saviani, a educação é um instrumento de socialização do sujeito, que direciona a prática social transformadora, ou seja, a escola assume o papel de transmitir o saber (conhecimento) com a função de promover a consciência dos indivíduos para a compreensão e transformação da realidade. Segundo o autor “é importante que o educador compreenda a complexidade da realidade social a qual ele atua”. Mas, sobre tudo, é necessário pensar a melhor forma de atuar nesta realidade, tendo como base as diferentes teorias educacionais (Saviani, 2005).

Para que a escola exerça o papel de transformar a vida de seus alunos, é preciso que os profissionais da educação, sobre tudo os professores, mais que conhecer a realidade da escola em que atua, deve promover diálogos, escola – aluno – sociedade, visando superar as dificuldades e desafios que surgem no cotidiano.

## **A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO**

A escola tem a responsabilidade de transmitir o conhecimento científico, mas também função da escola exercer o

papel de socialização dos indivíduos, com intuito de formar cidadãos que sejam capazes de discutir e refletir sobre as contradições da sociedade, julgando segundo valores e interesses sociais, culturais e políticos. Segundo Tozoni-Reis:

Isso significa dizer que a escola não é uma instituição social neutra, uma instituição educativa a serviço de todos, igualmente. A forma como se realiza o processo de formação humana na sociedade moderna, portanto, a educação no interior da instituição social chamada escola, diz respeito aos valores, ideologias e intenções dos diferentes grupos sociais que disputam seu lugar na hierarquia social (Tozoni-Reis).

O processo educativo tem a função de “salvar a sociedade”, pois através do conhecimento somos capazes de desenvolver diálogos conscientes na busca por transformação da realidade social (Luckesi, 1990). O conhecimento científico tem a função de transformar mentalidades, no modo como se ver o mundo, as formas como exercem as práticas educacionais, na busca em compreender os fenômenos sociais. Segundo Thomas Kuhn, a evolução científica se dar por meio da superação e mudanças de paradigmas, que se consolidam com um ensino com utilidade visando formar “sujeitos pensantes e questionadores capazes de positivamente interagir em uma sociedade cada vez mais complexa e exigente.” (Kuhn, 1962)

Sob esse aspecto pode se analisar a importância da filosofia na construção do conhecimento científico. Sendo que o

pensamento filosófico não está em busca de respostas prontas, mas em buscar questionamentos que impulsionem a formação de pensamento crítico sobre a realidade. Cizoto e Cartoni (2016) define a filosofia como instrumento de construção do conhecimento:

A filosofia não é uma mera contemplação do mundo. Ela permite, por meio da reflexão, a compreensão de conceitos e de valores arraigados em nossos comportamentos e relacionamentos nos mais diferentes aspectos da vida. É direcionada de análises críticas que podem provocar insights, soluções inovadoras que ultrapassem estereótipos e identificação de aspectos que não haviam sido antes observados ou analisados (Cizoto e Cartoni, 2016).

O pensar filosoficamente faz com que o sujeito abra um leque de possibilidades, sobre a fonte do conhecimento, e nos leve a repensar as práticas pedagógicas de ensino que garanta a aprendizagem de todos os alunos, sejam eles estudantes da rede pública ou privada. E esse repensar em nossas antigas práticas no intuito de transforma-las pra melhor atender as necessidades educacionais dos alunos.

## **CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

O desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem dos indivíduos não acontece da mesma forma para todos. Segundo Salvador (1999) O desenvolvimento do sujeito se dá pela interação entre os aspectos biológicos e os aspectos culturais, mediados por

pessoas do mesmo contexto social em que o indivíduo esteja inserido. Para o autor o aspecto biológico apresenta a pessoa como código genético, enquanto o aspecto cultural, estar relacionado ao conjunto de experiências vividas pelo grupo social do sujeito. (Salvador, 1999).

O desenvolvimento humano precisa ser compreendido como um sistema global, uno, considerando as inter-relações entre o biológico, o social, o fisiológico e o cultural. Por meio do estudo dessas inter-relações, a educação possui melhores condições de compreender o processo educacional dos indivíduos. O conceito de “desenvolvimento” está, portanto, ligados aos aspectos culturais e sociais. Por essa razão, é fundamental considerar os vínculos entre aprendizagem, cultura e desenvolvimento. A educação é a “chave que explica essas relações” (Salvador, 1999).

Desse modo percebe-se que o desenvolvimento do indivíduo está intrinsecamente relacionado com os aspectos culturais e sociais do sujeito. E para que o educador possa ajudar o indivíduo a se desenvolver, precisa-se buscar conhecer esses aspectos em que o sujeito está inserido. O processo educacional nos possibilita essa inteiração com o sujeito, com a finalidade de entender a realidade social em que está inserido, e assim compreender a relação com ensino aprendizagem desse aluno (Salvador,1999).

Tendo a escola como instrumento de socialização do sujeito, a abordagem da psicologia é importante, pois nos auxilia na compreensão dos aspectos biológicos e fisiológicos, quanto nos

aspectos sociais e culturais dos indivíduos. E a partir dessa compreensão, desenvolver práticas pedagógicas que atenda a necessidade educacional de cada aluno.

## **PROFESSOR: INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO**

Durante toda a vida escolar de um sujeito, vai sempre se deparar com a imagem de um professor. As experiências vividas são positivas ou negativas, mas a finalidade de professor é de sempre transmitir conhecimento, despertar a curiosidade para buscar novas descobertas. Um bom professor é sempre aquele profissional que busca deixar sinais positivos, fazendo com que seus alunos busquem sempre agir, pensar e a ver o mundo na perspectiva transformadora, que sempre acreditem na possibilidade de se desenvolver como pessoa e cidadão (Romanowski, 2016).

Para uma boa atuação docente, o professor deve estar sempre atento as mudanças, seja elas, no aspecto do sujeito, enquanto aluno, seja no aspecto educacional (orientações dos órgãos competentes para melhoria da qualidade do ensino), observando as orientações dos documentos reguladores da educação para caminhar juntos com os alunos de forma que podemos encaminha-los sempre na mesma direção, seja alunos de escolas públicas ou privadas. O compromisso, a flexibilidade e a inovação precisa ser o fundamento desse profissional, sendo que ele

se torna responsável em despertar o desejo pela busca do conhecimento.

O mestre que parte de uma visão positiva sobre seus alunos, desenvolve trabalhos tão espetaculares que se torna uma fonte de saber, da qual o aluno anseia beber dela, sempre que lhe é acessível, pois se trata de um profissional sempre atento às mudanças e que busca o diferencial para suas aulas, despertando o interesse em seus alunos em querer mais, incentivando-os a crescer a se tornarem não apenas discípulos, mas sim mestres, sempre prontos a aprender algo novo (Ferreira; Silva, artigo).

Na perspectiva das autoras, a tarefas do professor, não se resume na transmissão do conhecimento, de conteúdos, de informações, mas vai além, sim como agentes de transformação de opinião, de conceitos e até mesmo de comportamento, fazendo com que estejam e se sintam motivados a sempre buscar o conhecimento que fará parte de toda vida do estudante. Para que aja uma educação de qualidade e que verdadeiramente a escola seja um instrumento de transformação na vida do sujeito e da sociedade, além de cobrar soluções de melhorias do poder público, cabe também o esforço do próprio professor em buscar as mudanças da realidade de seus alunos, e a partir da compreensão da realidade, ter disponibilidade para mudá-las.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se neste trabalho que a efetivação da aprendizagem dos alunos se dá por diferentes aspectos. Acredita-se que por meio do conhecimento científico podemos desenvolver competências que auxiliam na superação das desigualdades sociais. A partir da compreensão da realidade, pode se abrir as possibilidades de construir uma educação de qualidade para todos os indivíduos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é um importante instrumento que direciona alguns fundamentos das políticas públicas voltadas para a organização do sistema educacional brasileiro.

O aspecto psicológico tem a função de auxiliar na compreensão do sujeito, enquanto indivíduo pensante. E a partir da compreensão do sujeito, desenvolver práticas pedagógicas que sejam capazes de atender os anseios de uma educação de qualidades, assegurando às mesmas oportunidades de acesso à educação para todos.

A escola é considerada um instrumento de socialização do sujeito, mas para que ela exerça seu papel transformador na vida dos alunos e na sociedade, precisam-se desenvolver políticas públicas que desenvolva métodos que possibilitem que a escola exerça sua função. Sendo que o direito a educação é igual para todos. Cabe aos órgãos responsáveis assegurar que as leis sejam cumpridas e possibilite que a educação forme não apenas alunos, mas cidadãos, agentes transformadores de uma sociedade que é tão desigual.

Na busca pelo conhecimento, destaca-se a imagem do professor, visto que o papel de socialização, de superação das desigualdades das escolas acontece quando o corpo docente da escola esteja empenhados, motivados e assumem o papel de agente transformador na vida de seus alunos, deixando marcas positivas que impulsionem os estudantes a querer beber da fonte do conhecimento, construindo assim uma educação de qualidade, pensando em práticas pedagógicas que envolva todos os alunos, levando-os a vencer os desafios e preparando-os para serem agentes transformadores da sociedade em que estejam inseridos.

Por fim, concluímos que a educação é um direito de todos e é de fundamental importância para a formação do cidadão. Este desafio passará pela legislação educacional, pela importância do conhecimento, tendo a psicologia da educação e o professor com requisitos basilares para a formação do cidadão.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BRASIL (1996). LDB. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. lei nº 9.394/1996. Brasília: MEC.
- Cizoto AS, Cartoni DM (2016). Ética, política e sociedade. Londrina; editora e distribuidora educacional.
- Enguita M (1989) A face oculta da escola. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferreira CA, Silva LA (2017). O Professor como Agente Causador de Mudanças. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. 2(13): 37-46.

## Configurações do Desenvolvimento Humano

- Kuhn TS (1962). A estrutura das revoluções científicas, Universidade de Chicago, Chicago.
- Luckesi CC (1990). Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez.
- Romanowski JP (2010). Formação e profissionalização docente. 4º ed. rev. Ed. Ibipex, Curitiba, PR.
- Salvador CC (1999). Psicologia da educação. Porto Alegre, Artmed.
- Santos PSMB (2012). Guia prático da política educacional no Brasil. São Paulo: Cergane.
- Saviani D (2005). A pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas: Autores Associados.
- Saviani D (2008). Escola e democracia. 40. ed. Campinas: Autores Associados.
- Tozoni-Reis MFC. A Contribuição da Sociologia da educação para compreensão da educação escolar. UNESP-Botucatu.

## Capítulo VII

---

# Reflexões sobre uma prática pedagógica inclusiva (TDAH)<sup>10</sup>

Weliton Carrijo Fortaleza

**Resumo:** Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade é uma síndrome que causa disfunções cerebrais dificultando o processo de aprendizagem. Na idade escolar é comum encontrar criança com problemas de aprendizagem, afetando tanto na área comportamental quanto na área cognitiva. O estudo desta pesquisa faz uma abordagem sobre reflexões de uma prática pedagógica inclusiva (TDAH), tem o objetivo de analisar como tem se dado na atualidade o processo ensino aprendizagem da criança com TDAH nas escolas regulares. A relevância desse trabalho é desenvolver estratégias pedagógicas que viabilizem o processo de ensino aprendizagem do TDAH. A criança que apresenta diagnóstico de TDAH pode aprender a compensar suas dificuldades, quanto mais cedo for a intervenção, a criança aprenderá a conduzir melhor seu aprendizado tanto no contexto de sala de aula como no convívio social.

**Palavra-chave:** TDAH; Prática pedagógica; Aprendizagem; Professor.

---

<sup>10</sup>  10.46420/9786588319406cap7

Nos últimos anos tem se questionado e refletido com maior intensidade a importância do professor no processo de aprendizagem do educando com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Mesmo assim o número de crianças com dificuldade na aprendizagem é cada vez maior.

O estudo desta pesquisa: Reflexões sobre uma prática pedagógica inclusiva (TDAH), tem o objetivo de analisar como tem se dado no contexto vigente o processo ensino e aprendizagem da criança com TDAH nas escolas regulares.

A relevância desse trabalho é desenvolver estratégias pedagógicas que viabilizem o processo de ensino aprendizagem do TDAH. Assim, elegemos a seguinte questão de pesquisa para orientar esse estudo: a falta de capacitação dos professores, o difícil diagnóstico e as discrepâncias das políticas educacionais, tem contribuído para a elevação do fracasso no processo de ensino aprendizagem da criança com TDAH?

Repensando a prática pedagógica do ensino onde envolve vários teóricos, pesquisadores nas áreas de conhecimento em pedagogia, psicopedagogia, psicologia, neuropsicologia, sociologia e filosofia entre outros, na mesma perspectiva de refletir que a escola juntamente com o professor pode facilitar o aprendizado do aluno com TDAH favorecendo uma aprendizagem integrada, onde a realidade se torna parte do seu cotidiano.

Desta forma, para que aprendizagem aconteça é preciso refletir sobre as práticas pedagógicas e a interação da família junto com a escola. Quanto mais cedo for realizada a intervenção, a criança poderá se desenvolver melhor.

## **CONCEITO DO TDAH**

TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) constitui uma síndrome comum na infância e que pode perdurar até a fase adulta. A hiperatividade e o déficit de atenção são característica comum dos portadores da síndrome o distúrbio se manifesta em níveis e intensidade variados, ou seja, disfunção nas áreas cerebrais. Esse problema no funcionamento cerebral tem apresentado sintomas que estão relacionados com alterações em diversos sistemas de neurotransmissores, localizados no lobo frontal, região responsável pelas funções cognitivas.

Conforme a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), o TDAH é um transtorno de origem genética que manifesta na infância e que pode acompanhar até a fase adulta. As características principais são: desatenção, impulsividade e hiperatividade. Esses sintomas precisam ser observados com cautela para se obter um diagnóstico preciso, por isso é de suma importância fazer uma avaliação criteriosa dos sintomas e não isolados.

A criança com TDAH manifesta características acentuadas, como, dificuldades de se concentrar, são inquietas, não conseguem

controlar seus impulsos, sua auto-estima é baixa, devido às frustrações vivenciadas no seu cotidiano (Benzik, 2002).

Uma criança que é rotulada pela família e professores como desinteressada e preguiçosa, pode desencadear outros problemas além do TDAH, alterando o seu quadro clínico, trazendo prejuízo para sua vida social e escolar.

O TDAH é uma doença de base orgânica, que atinge a estrutura cerebral, não deixando trabalhar como seria esperado no caso é o lobo pré-frontal.

A pessoa que tem essa área afetada apresenta dificuldade na concentração, memória, hiperatividade e impulsividade. Sendo que na maioria dos casos manifestam em meninos que podem persistir durante sua vida adulta.

Rohde et al. (2000), têm apresentado que sintoma de hiperatividade, desatenção ou de impulsividade pode acontecer em crianças normais com intensidade menor ou mais acentuada.

É importante observar se os sintomas estão presentes em casa e na escola, dependendo da situação familiar caótica ou de ensino inadequado pode agravar a situação da criança, como separação dos pais pode desencadear desatenção, impulsividade, hiperatividade, que nesses casos, nem sempre seria TDAH, teria que alertar o clínico para um diagnóstico mais preciso dessa criança.

O meio em que a criança está inserida pode ajudar a minimizar o problema como pode agravar, depende de como é

## Configurações do Desenvolvimento Humano

conduzido na escola e no meio familiar, porque o meio social interfere no aprendizado, positivamente ou negativamente.

## **A CRIANÇA COM TDAH E O APRENDIZADO**

O TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade) é um transtorno cada vez mais comum em crianças e adolescentes. Caracteriza-se por apresentar alterações no sistema motores, perceptivos, cognitivos e no comportamento, comprometendo o aprendizado da criança, principalmente responsável pela presença da desatenção, hiperatividade-impulsividade. Durante o período escolar inicial os sintomas são manifestados e evolui até a fase adulta atrapalhando o desenvolvimento na vida pessoal quanto na profissional.

Mattos (2008) mostrou várias características que podem ser diagnosticadas no TDAH, pois o indivíduo que sofre desse transtorno apresenta sintomas caracterizados por dois grupos: Desatenção, Hiperatividade e Impulsividade.

Crianças e adolescentes que apresentam sintomas de TDAH como: baixo nível de concentração, agitação motora e impulsividade, torna-se necessário que façam um diagnóstico com indivíduo e após a confirmação inicia-se um tratamento adequado, pois tais sintomas podem persistirem até a vida adulta, e podem ainda desencadear problemas sociais complexos, em alguns casos tornam usuários de drogas e pode ocorrer desvio de conduta.

Rohde et al. (2003) informa que frequentemente as crianças de sexo feminino predomina a desatenção, e as crianças desatenta apresentam dificuldades nas capacidades que envolvem raciocínio

matemático, atividades que requer controle mental. A desatenção é um dos sintomas que leva a criança ter dificuldade de trabalhar em equipe, onde envolve habilidades sociais pois se isola, sua auto-estima é baixa e pode levar ao quadro de depressão.

A predominância a hiperatividade e impulsividade em criança com TDAH são mais agressivas e impulsivas do que as crianças apresentam o tipo desatento e o tipo combinado. O tipo desatento apresenta alta taxa de dificuldade no seu processo de aprendizagem, geralmente se manifesta em criança do sexo feminino.

Problemas que manifesta dificuldade escolar, social e familiar podem ser consequência de desatenção, hiperatividade ou impulsividade. É importante professores, pais, ficarem atentos com esses sintomas que ajudará no diagnóstico do indivíduo com TDAH.

Conforme o DSM-IV (Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais), (1995), para ser diagnosticado o indivíduo com TDAH é preciso observar pelo menos seis meses e os sintomas devem ser persistentes pelo menos em dois contextos (casa e escola). Após o diagnóstico é fundamental orientar a família/escola sobre o tratamento do portador do TDAH para que ele se sinta acolhido, compreendido em suas dificuldades.

## TRATAMENTO

O tratamento do indivíduo com TDAH engloba intervenções psicossociais e psicofarmacológicas. Envolve uma equipe multidisciplinar incluindo psicoterapia, orientação familiar principalmente dos pais, participação da escola/professores e mediação se for necessário.

O tratamento do TDAH pode ser uma combinação de medicamentos, orientação aos pais e professores. O portador também pode aprender técnicas específicas para ajudar minimizar à suas dificuldades. Professores necessitam conhecer técnicas que auxiliam o aluno com TDAH para melhorar o seu desenvolvimento.

A Terapia Cognitiva Comportamental é indicada no tratamento do TDAH, no Brasil só é atribuída e exclusiva aos psicólogos.

A medicação na maioria dos casos faz parte do tratamento do TDAH.

As crianças diagnosticadas com TDAH, são desorganizadas se perdem muito durante a aula, por isso necessitam de um ambiente organizado e com regras definidas. É necessário intervenção do professor para ajudá-las a organizar o seu tempo, suas atividades devem ser apresentadas de forma clara e concreta, realizadas com horário definido. Elas levam mais tempo para interiorizar o conteúdo e respeitar as normas da sala de aula, mas conseguem

realizar de acordo com o seu tempo. Aos poucos o professor deve diminuir o apoio para que elas possam adquirir mais segurança.

## **A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO APRENDIZAGEM DO EDUCANDO COM TDAH**

Ao refletir historicamente sobre a educação, observa-se que sua forma organizacional sempre esteve permeada pela ideia de homogeneidade, sob a crença de que a transmissão de conteúdos seria a garantia de aquisição de conhecimentos, competências e habilidades. Onde eram trabalhados objetivos comuns a todos os educandos, esperando que alcançassem resultados semelhantes.

Atualmente, verificou-se uma ampliação do atendimento escolar, foi percebido que grupos cada vez mais diversificados estão tendo acesso ao ensino regular. Portanto, é incontestável a heterogeneidade dos alunos nos espaços escolares e a necessidade de se desenvolver de forma plena o conceito de inclusão.

A temática deste artigo não implica somente em conceituar ou apresentar definições do que venha ser TDAH. Buscou-se em primeira instância, evidenciar a necessidade de um olhar diferenciado para crianças e adolescentes que apresentam este transtorno, pois não se trata de incidentes isolados, ao contrario é cada vez mais comum encontrar nos grupos escolares portadores de TDAH.

Por causa do difícil diagnóstico e muitas vezes do descaso da comunidade docente, esses alunos vão passando de ano em ano de forma despercebida. Eles passam a ser rotulados quando na realidade deveriam ser diagnosticados, tratados e incluídos.

O início da inclusão se dá através desse processo de acolhimento a essas diferenças. E ainda mais importante do que o acolhimento, é a valorização das diferenças, este conceito é fundamental para a construção eficaz de uma escola inclusiva.

Dentro desta perspectiva é fundamental a atuação do professor, pois o mesmo deve desenvolver um plano de ensino que contemple as necessidades de todos os alunos. Porém, não se deve esperar que o educador responda solitariamente por um grupo com tamanha diversidade. Espera-se a atuação de uma equipe multidisciplinar (professores, direção, coordenação, psicólogos, psicopedagogos, terapeutas etc), que possa ajudar na superação dos problemas que forem surgindo.

Masini (2004, p.33) ressalta entre outros fatores, a necessidade para o professor de uma “equipe suficiente com preparo e disponibilidade e serviço de apoio técnico e pedagógico”, sem os quais a inclusão não ocorre.

Vale ressaltar que a parceria com profissionais especializados pode ajudar a prática do professor. Trata-se de uma ação coletiva, para um bem comum, que visa o desenvolvimento de

meios favoráveis para a melhoria do processo de ensino/aprendizagem dos educandos em situação de inclusão.

Por isso é importante destacar que a prática educativa responsável e consciente e o uso de metodologias adequadas ao ambiente, um olhar diferenciado que contemple a todos, favorecerá os alunos portadores desse transtorno. Dessa forma, o professor estará contribuindo na vida dessas crianças e amenizando o sofrimento delas em sala de aula. Também é indispensável que a comunidade escolar trabalhe junto com a família para que possa ajudar essa criança no convívio escolar e social.

Conforme Smith e Strick (2001) as crianças que demonstram dificuldades de aprendizagem sentem-se inferior diante das outras crianças, por não ter habilidades na escrita, leitura e raciocínio lógico, isso causa desconforto.

O professor precisa estimular o seu aluno o tempo todo, para despertar o entusiasmo pelo estudo, pela pesquisa e atitude de aprender, para adquirir bons resultados.

Considera-se fundamental o engajamento do educador visando o alargamento das fronteiras da relação ensino/aprendizagem. O olhar do professor está quase sempre voltado para o que acontece a sua volta e é justamente esta visão que permeiam a sua ação. Essas ações quase sempre são atitudes voltadas para o educando. Porém, na maioria das vezes, as respostas não são as esperadas, frustrando a perspectiva do educador.

Sendo assim, busca-se que o professor consiga diagnosticar não somente o fracasso na aprendizagem, mas, também o fracasso no ensino. Sendo diagnosticada a origem do problema, esperam-se intervenções que possam amenizar ou erradicar os sintomas.

Tais observações foram levantadas na tentativa de esclarecer e evidenciar a necessidade de o professor refletir criticamente sobre a sua prática educativa, se de fato ela atende a demanda dos seus educandos.

As ações do educador também devem estar voltadas para a sua prática sendo ele também alvo de mudanças e investimento.

Behrens (1996) refere que os professores que buscam se qualificar são mais flexíveis às mudanças, sendo capazes de refletir sobre suas atitudes e ter uma ação reflexiva da sua prática pedagógica, diante dos problemas encontrados no cotidiano. Segundo o autor, o desenvolvimento cognitivo é um binóculo que aumenta o campo de visão do seu usuário possibilitando uma ação mais eficaz.

No tempo vigente, a temática formação continuada tem sido amplamente discutida, gerando controvérsias. Precisa haver uma compreensão do significado e da importância da formação continuada docente para o exercício da prática pedagógica e, principalmente, para a transformação da mesma. Essa continuidade será significativa ao professor quando houver maior articulação entre teoria e prática. A formação continuada tem como

pressuposto a formação de profissionais competentes, dotados de uma fundamentação teórica consistente e com capacidade de análise e reflexão crítica acerca de todos os aspectos que compõem e influenciam o contexto escolar.

Assim como se tenta conscientizar ou inculcar no educando que ele é sujeito do processo de aprendizagem, o professor também não pode se afastar dessa verdade. Na realidade não é fácil se colocar no lugar de aprendiz. A formação permanente deveria ser um direito do educador, porém, essa não é a realidade. Essa temática é bastante complexa, sendo necessária a realização de uma práxis reflexiva, que viabilize equalizar o discurso teórico com a demanda da prática vivenciada.

## **A NEUROPEDAGOGIA**

A neuropedagogia em síntese contribui para maior compreensão dos aspectos científicos da aprendizagem, da inteligência, do comportamento, do psicológico, do afetivo, emocional e social do estudante na sala de aula. Ensinar a uma pessoa uma habilidade nova implica maximizar o potencial de funcionamento de seu cérebro. Isso porque aprender exige necessariamente planejar novas maneiras de solucionar desafios, atividades que estimulem diferentes áreas cerebrais a trabalhar com máxima capacidade e eficiência. E para tanto, faz-se necessário conhecer o mecanismo de aprender, é preciso saber um pouco sobre

o funcionamento do sistema nervoso central, que é o organizador dos nossos comportamentos. Cada tipo de habilidade ou comportamento pode ser bem relacionado a certas áreas do cérebro em particular. Assim, há áreas habilitadas a interpretar estímulos que levam a percepção visual e auditiva, à compreensão e a necessidade linguística, à cognição, ao planejamento, e assim por diante.

Segundo Relvas (2008), aprende-se com o cérebro e é com ele que todas as ações perpassam como um filme na máquina fotográfica. È um hardware são “rodados” por meio das ondas eletromagnéticas.

Com o conhecimento mais aprofundado da neuropedagogia o professor se torna mais apto a realizar atividades com recursos que respeitam as características de aprendizagens, inteligências, de comportamento e emoções dos seus alunos.

O professor por medidas preventivas precisa conhecer o funcionamento cerebral, podendo até ressignificar suas práticas pedagógicas adotando uma didática que atinja a forma cognitiva, de cada criança inclusive aquelas que são de inclusão.

Transformar comportamento é adotar uma postura comprometida com a difusão da igualdade e o respeito à diferença e com o diferente.

Dessa forma, mais uma vez apela-se para que o olhar do professor em sala de aula seja direcionado para a pluralidade da singularidade, ou seja, o professor precisa entender que cada

educando é único, e que o seu tempo de aprendizagem é diferente, tanto na elaboração, quanto na compreensão das informações.

A criança com TDAH pode e deve ser configurada neste olhar da pluralidade e da singularidade. Isso deve ser desenvolvido pelos educadores dando ênfase no devir dessa criança, buscando valorizar suas potencialidades evidenciando suas qualidades e não suas deficiências. È assim que se começa, que se desfaz o abismo existente entre professor e aluno, pontuando com a aceitação, em lugar das críticas, abrindo espaços para um relacionamento mais verdadeiro e para o desenvolvimento de potencialidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O “TDAH” é uma síndrome psiquiátrica de alta prevalência em crianças e adolescentes, apresentando critérios clínicos operacionais bem estabelecidos para o seu diagnóstico.

Apesar das contribuições desta pesquisa, verifica-se a necessidade de investigações com uma maior precisão metodológica para averiguar a magnitude dos fatores em se tratando do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Ao término da elaboração dessa pesquisa, percebe-se que essa temática TDAH é bastante complexa, por mais que se tente conscientizar que as crianças portadoras desta síndrome possuem potencialidades, o que fica evidente para a grande maioria dos

profissionais da educação é o comportamento de hiperatividade/impulsividade.

Tais comportamentos infelizmente ofuscam o brilho das suas qualidades. TDAH é uma temática comum nos bastidores escolares, todos possuem uma resposta pronta. Até mesmo o censo comum já definiu e rotulou o TDAH. Houve uma banalização do TDAH e não uma conscientização do transtorno.

O que se houve dizer é que se trata de uma criança inquieta. E nada Mais. Acredita-se que estudos, metodologia adequada, planejamento, ambiente favorável e com vontade, seja possível desenvolver um trabalho relevante e salutar com as crianças portadoras desse transtorno.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Associação brasileira do déficit de atenção – ABDA. TDAH, Rio de Janeiro.
- Barbosa LMS (2001). A psicopedagogia no Âmbito Instituição Escolar. Curitiba: Expoente.
- Behrens MA (1996). Formação continuada dos professores e a prática pedagógica. Curitiba, PR: Champagnat.
- Benczik EBP (2002). Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica: um guia de orientação pra profissionais. 2ª edição, São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Coelho MT (1999). Problemas de Aprendizagem. Editora Ática.
- DSM-IV (1995). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4ª edição, Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fernandes A (1990). A inteligência Aprisionada. Porto Alegre: Artmed.
- Fernandes A (2001). Os Idiomas do Aprendente: Análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed.
- Gómez MAS, Terán NE (2009). Dificuldades de Aprendizagem – Detecção e Estratégias de Ajuda. Equipe Cultural.
- Lakatos EM, Marconi MA (1996). Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Makron Books.
- Libâneo JC (1998). Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissões docentes. São Paulo: Cortez.
- Marconi MA, Lakatos EM (2002). Técnicas de Pesquisa. Ed. Atlas.
- Masini EAFS (2004). Uma experiência de inclusão: providências, viabilização e resultados. Educar em Revista. Curitiba: UFPR.
- Mattos P (2008). No Mundo da Lua: perguntas e respostas sobre transtorno de déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. 8. Ed. rev e atual. São Paulo: Casa Leitura Médica.

- Rodhde LA (2003). Princípios e práticas em transtorno de déficit de atenção hiperatividade-impulsividade. Luis Augusto Rohde e Paulo Mattos et al. Porto Alegre: Artmed.
- Rodhde, et al. (2000). Transtorno de déficit de atenção / hiperatividade. Porto Alegre: Artmed.
- Rohde LAP, Benczik EBP (2000). Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. O que é? Como ajudar? Porto Alegre: Artmed.
- Rodrigues N (1997). Por uma nova escola: O transitório e o permanente na educação. 11 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- Relvas, MP et al (2010). Neurociência e educação: Potencialidades dos gêneros humanos na sala de aula. 2. ed. Rio de Janeiro.
- Smith C, Strick Dificuldades de aprendizagem de A a Z. Porto Alegre: Ed. Artmed.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

### **Ezequiel Martins Ferreira**

Doutorando do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais. Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás, graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz e graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor da Prefeitura Municipal de Goiânia, professor da Faculdade FAN Padrão, pesquisador da Universidade Federal de Goiás, Coordenador das Especializações em Psicopedagogia e Psicanálise/ Psicanálise e Saúde Mental pelo Instituto Self de Psicanálise e Psicólogo clínico - ênfase na Clínica Psicanalítica. Pesquisa nas áreas de psicologia, educação e teatro e nas interfaces fronteiriças entre essas áreas. E-mail: em.psi.edu@gmail.com

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Aline Ferreira Antunes**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Licenciada e Bacharel em História pela mesma universidade. Especialista em Metodologia do ensino de História e Geografia pela Faculdade de Educação São Luís. Desenvolve pesquisas sobre Histórias em Quadrinhos e Performances. Atua como docente na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). E-mail: ferreiraantunesaline@gmail.com

### **Alessandra Lacerda Nascimento**

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. E-mail:  
lacerda.ale2016@gmail.com

**Andressa Cardoso Carvalho**

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. E-mail:  
andressa.cardoso939@gmail.com

**Érica Sandoval Garcêz**

Pesquisadora da Educação Básica, pelo programa de pós-graduação (Stricto Sensu) em Educação Básica Mestrado – PPGEEB/UFG, especialista em Neuropedagogia, Psicopedagogia e Gestão e Docência do Ensino Superior, graduada em Pedagogia. No Ensino superior atuei como docente nas disciplinas como Alfabetização e Letramento, Fundamentos e Metodologia do Ensino da Matemática, Trabalho de Conclusão de Curso, Estrutura e Fundamentos da Educação Básica, Estágio Supervisionado entre outras. Ainda no Ensino Superior atuo como coordenadora da Segunda Graduação em Pedagogia na Faculdade Fan Padrão, e servidora da Secretaria Municipal de Educação. E-mail: ericagarcezxp@gmail.com

**José Leonardo Rodrigues de Souza**

Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador, Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário de Jales – UNIJALES, especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão Escolar e Educação Inclusiva pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura-FABEC, e especialista em Ensino Religioso, de Filosofia e Sociologia pela faculdade Venda Nova do Imigrante. E-mail: leonardosec@hotmail.com

**Luana Gabriela Chaves**

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão E-mail:

luanachaves98@hotmail.com

### **Mariane Ribeiro Silva**

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. Pós-graduanda em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia pela HBF. Atualmente está como professora na Rede Particular de Ensino do Município de Senador Canedo. E-mail: ribeiromariane032@gmail.com

### **Marly Dos Passos Da Silva**

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. Graduada em Letras, pela UNEC, pós-graduanda em Letras e Literatura brasileira pela INE. Atualmente está como professora na Prefeitura Municipal de Goiânia, atuando na Educação Infantil. E-mail: marlypassos21@hotmail.com

### **Rosimere Campos Da Costa**

Pedagoga pela Faculdade FAN Padrão. Pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela INE. E-mail: rosyncampos2008@hotmail.com

### **Weliton Carrijo Fortaleza**

Pedagogo, Historiador, Teólogo. Mestre em Ciências da Religião/Educação, pós-graduado em Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva, Psicanálise, Filosofia Geral e bacharelado em Psicologia. Professor na área de Filosofia, Sociologia, Antropologia, Teologia e História da Educação. E-mail: welitoncf@gmail.com

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

*afetividade*, 7, 42, 43, 44, 45,  
46, 47, 48, 49, 50, 51, 52,  
58, 59, 63, 64, 66, 71, 72,  
76, 77, 79, 80, 81, 83, 84,  
95, 98, 99, 100, 103, 105

*alfabetização*, 7, 23, 69, 70,  
107, 108, 110, 111, 113,  
114, 117, 118, 119, 120,  
121, 122, 123, 125, 129,  
130, 132, 155

aluno, 12, 20, 23, 30, 38, 76,  
77, 78, 79, 80, 82, 86, 102,  
104, 122, 135, 141, 143,  
144, 154, 155, 162, 167,  
170, 171, 172, 177, 183,  
186, 190

ambiente, 19, 33, 35, 36, 37,  
38, 39, 49, 56, 64, 65, 67,  
76, 77, 78, 84, 88, 89, 90,  
96, 97, 98, 103, 104, 109,  
126, 134, 135, 143, 144,  
145, 146, 150, 152, 153,  
183, 186, 191

anos iniciais, 107, 119, 120,  
130, 133

aprendizagem, 7, 18, 21, 30,  
54, 55, 56, 57, 69, 71, 74,  
76, 77, 79, 80, 83, 84, 86,

87, 90, 91, 92, 95, 96, 97,  
100, 101, 102, 105, 108,  
109, 110, 111, 114, 115,  
117, 118, 120, 121, 124,  
126, 129, 135, 141, 142,  
143, 149, 152, 155, 162,  
166, 169, 170, 172, 176,  
177, 178, 182, 184, 186,  
187, 188, 190, 193

autonomia, 22, 47, 57, 67, 78,  
81, 86, 92, 97, 104, 120,  
133, 135, 136, 145, 148,  
149, 150, 155, 157

### C

cidadão, 8, 118, 119, 120,  
161, 162, 163, 171, 174  
conhecimento, 18, 23, 32, 37,  
45, 49, 68, 69, 71, 72, 76,  
77, 78, 80, 83, 89, 90, 91,  
92, 94, 95, 98, 99, 100, 102,  
103, 104, 107, 111, 115,  
116, 118, 120, 121, 123,  
127, 128, 130, 131, 134,  
136, 140, 141, 142, 143,  
144, 150, 154, 155, 156,  
161, 162, 163, 167, 168,  
169, 171, 172, 173, 174,  
177, 189

## Configurações do Desenvolvimento Humano

contação de histórias, 7, 12,  
13, 25, 26, 28, 30, 35, 36,  
37, 38, 39

criança, 8, 12, 13, 15, 16, 17,  
18, 19, 20, 21, 22, 23, 24,  
25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,  
33, 34, 36, 37, 38, 39, 42,  
43, 44, 46, 47, 48, 49, 50,  
51, 52, 53, 56, 58, 60, 62,  
63, 64, 66, 67, 68, 69, 70,  
71, 72, 73, 74, 76, 77, 78,  
79, 80, 83, 84, 85, 86, 87,  
88, 89, 90, 91, 92, 93, 94,  
95, 96, 97, 98, 99, 100, 101,  
102, 104, 105, 107, 108,  
111, 112, 113, 114, 115,  
117, 118, 119, 120, 121,  
124, 125, 126, 127, 128,  
129, 134, 135, 136, 137,  
138, 139, 140, 141, 142,  
143, 145, 146, 147, 148,  
149, 150, 151, 152, 153,  
154, 155, 156, 157, 158,  
159, 160, 176, 177, 178,  
179, 181, 182, 186, 189,  
190, 191

### D

desenvolvimento, 2, 4, 7, 12,  
13, 14, 15, 16, 17, 18, 19,  
20, 21, 23, 24, 25, 26, 27,  
29, 31, 32, 36, 37, 38, 40,  
42, 43, 44, 45, 46, 47, 48,

49, 50, 51, 52, 53, 54, 55,  
56, 58, 59, 61, 62, 63, 64,  
66, 67, 68, 69, 70, 71, 72,  
74, 76, 77, 78, 79, 80, 82,  
84, 88, 90, 91, 92, 95, 98,  
99, 100, 101, 102, 103, 105,  
114, 115, 119, 121, 125,  
133, 134, 135, 137, 138,  
139, 140, 142, 144, 145,  
146, 147, 148, 151, 153,  
154, 157, 169, 170, 181,  
183, 185, 187, 190

desenvolvimento infantil, 7,  
12, 14, 15, 17, 20, 24, 29,  
36, 42, 70, 84, 91, 100, 103,  
133, 138, 144, 145

### E

Educação, 4, 5, 7, 8, 12, 13,  
16, 17, 19, 20, 21, 23, 24,  
32, 37, 39, 40, 42, 43, 44,  
52, 53, 54, 55, 56, 57, 59,  
60, 62, 63, 65, 67, 68, 69,  
70, 71, 72, 73, 74, 80, 83,  
84, 92, 94, 98, 105, 108,  
119, 121, 131, 134, 140,  
148, 149, 158, 159, 160,  
161, 163, 164, 165, 166,  
173, 174, 194, 195, 196

Ensino, 5, 31, 40, 44, 59, 73,  
107, 119, 121, 129, 131,  
149, 195, 196

## Configurações do Desenvolvimento Humano

escola, 36, 42, 53, 65, 66, 70,  
76, 78, 90, 91, 115, 118,  
119, 120, 121, 124, 134,  
136, 140, 142, 143, 144,  
147, 150, 151, 152, 155,  
157, 160, 162, 163, 165,  
167, 168, 170, 172, 173,  
174, 177, 178, 179, 180,  
182, 183, 185, 193

### F

formação, 5, 6, 8, 13, 17, 20,  
24, 25, 26, 29, 31, 40, 45,  
46, 48, 53, 54, 66, 73, 89,  
104, 115, 118, 119, 125,  
130, 131, 152, 155, 161,  
162, 163, 165, 166, 168,  
169, 174, 187, 188

### H

História em Quadrinhos, 107  
HQs, 7, 107, 108, 109, 110,  
122, 123, 124, 126, 128,  
130, 131, 132

### L

leitores, 13, 30, 31, 37, 110,  
123, 124, 128

letramento, 107, 108, 114,  
115, 116, 117, 118, 119,  
122, 129, 132  
liberdade, 62, 133, 134, 135,  
136, 145, 146, 147, 148,  
150, 152, 154, 155, 157,  
160, 165

### M

música, 6, 7, 22, 42, 43, 44,  
58, 59, 60, 61, 62, 63, 64,  
65, 66, 67, 68, 69, 70, 71,  
72, 74, 75

### P

prática pedagógica, 8, 22,  
176, 177, 187, 191  
Professor, 171, 174, 176, 192,  
196

### T

TDAH, 8, 176, 177, 178, 179,  
181, 182, 183, 184, 190,  
191

ISBN 978-658831940-6



**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

